

MAURICE LEBLANC



ARSENÉ LUPIN

E AS OITO
BADALADAS
DO RELÓGIO



Principis





MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E AS OITO
BADALADAS
DO RELÓGIO

Tradução
Cecília Padovani


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original

Le huit coups de l'horloge

Traduzido do inglês

The eight strokes of the clock, título produzido por Eric Eldred e William Ellis

Texto

Maurice Leblanc

Tradução

Cecília Padovani

Preparação

Jéthero Cardoso

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial

Ciranda Cultural

Diagramação

Linea Editora

Design de capa

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

[alex74/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/alex74);

[Yurkalmortal/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/Yurkalmortal);

[Lisa Kolbasa/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/LisaKolbasa);

[ducus9/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/ducus9);

[Valsheb/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/Valsheb);

[alaver/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/alaver);

[Potapov Alexander/shutterstock.com](https://www.shutterstock.com/user/PotapovAlexander)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e as oito badaladas do relógio [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Cecília Padovani. – Jandira, SP : Principis, 2021.

224 p. ; ePUB ; 1,3 MB. - (Arsène Lupin)

Tradução de: *The eight strokes of the clock*

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-534-2 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Padovani, Cecília. II. Título. III. Série.

2021-2201

CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

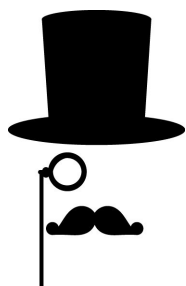
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

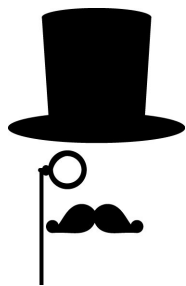


Nota do autor

Essas aventuras me foram contadas há muito tempo por Arsène Lupin¹, como se tivessem acontecido com um amigo seu chamado príncipe Rénine. Quanto a mim, considerando a forma como as ações foram conduzidas, o comportamento e o próprio caráter do herói, tenho muita dificuldade em não identificar os dois amigos como a mesma pessoa. Arsène Lupin é dotado de uma imaginação poderosa e é extremamente capaz de atribuir a si aventuras que não são de todo suas e de renegar aquelas que realmente o são. O leitor julgará por si mesmo.

MAURICE LEBLANC

¹ Arsène Lupin é um personagem de ficção francesa criado por Maurice Leblanc. Este ladrão cavalheiro é conhecido particularmente por seu talento em usar disfarces e mudar de identidade para cometer seus delitos. (N.T.)



No topo da torre

Hortense Daniel abriu a janela e sussurrou:

– Você está aí, Rossigny?

– Estou aqui – respondeu uma voz vinda dos arbustos do jardim da casa.

Ela se inclinou e avistou um homem bem gordo olhando em sua direção com sua cara vermelha grosseira, bochechas e queixo enfiados em bigodes desagradavelmente justos.

– E então? – ele perguntou.

– Bem, tive uma grande discussão com meu tio e minha tia na noite passada. Eles se recusam de toda maneira a assinar o documento enviado em rascunho por meu advogado, para restaurar o dote desperdiçado pelo meu marido.

– Mas seu tio é responsável pelos termos do acordo de casamento.

– Não importa. Ele se recusa.

– E o que pensa em fazer?

– Ainda está determinado a fugir comigo? – ela perguntou, rindo.

– Mais do que nunca.

– Suas intenções são estritamente honrosas, lembre-se!

– Como quiser. Você sabe que eu estou loucamente apaixonado

por você.

– Infelizmente “eu” não estou perdidamente apaixonada por você!

– Então por que me escolheu?

– Oportunidade. Sinto-me entediada. Estava ficando extremamente cansada da minha existência. Então estou pronta para correr riscos... Aqui está minha bagagem: pegue!

Ela jogou pela janela duas grandes sacolas de couro. Rossigny as amparou nos braços.

– O dado está lançado – ela sussurrou. – Vá e espere por mim com seu carro na estrada. Irei a cavalo.

– Espere! Eu não posso fugir com seu cavalo!

– Ele voltará para casa sozinho.

– Excelente!... Oh, a propósito...

– O que é?

– Quem é príncipe Rénine, que está por aqui há três dias e que ninguém parece conhecer?

– Não sei muito sobre ele. Meu tio o conheceu na sessão fotográfica de um amigo e lhe pediu que ficasse aqui.

– Você parece tê-lo impressionado. Saiu para uma longa caminhada com ele ontem. É um homem de quem não gosto.

– Em duas horas deixarei a casa em sua companhia. O escândalo vai arrefecê-lo... Bem, já conversamos demais. Não temos tempo a perder.

Por alguns minutos ela ficou assistindo à cena do homem gordo se curvando sob o peso de suas malas enquanto se afastava para o abrigo de uma avenida vazia. Então fechou a janela.

Do lado de fora, no parque, os chifres dos caçadores faziam soar os acordes, chamados de *reveilles*. Os cães de caça rebentavam em latidos frenéticos. Era o dia de abertura da caçada naquela

manhã no Castelo de la Marèze, onde todos os anos, na primeira semana de setembro, o conde d'Aigleroché, um poderoso caçador diante do Senhor, e sua condessa estavam acostumados a receber alguns poucos amigos e os proprietários de terras vizinhas.

Hortense acabou de se vestir lentamente, colocando roupas para cavalcada que revelavam suas formas bem torneadas. Um chapéu de feltro de abas largas envolvia seu lindo rosto e os cabelos castanhos. Sentou-se à escrivaninha para escrever ao tio, o senhor d'Aigleroché, uma carta de despedida a ser entregue naquela noite. Era uma carta difícil de se escrever e, depois de começá-la várias vezes, terminou desistindo da ideia.

– Escreverei para ele mais tarde – disse a si mesma. – Quando a raiva passar.

E então desceu as escadas para a sala de jantar.

Enormes troncos ardiam em chamas no coração do salão nobre. As paredes eram ornadas com troféus feitos de rifles e espingardas de caça. Os convidados se aglomeravam por todos os lados, apertando as mãos do conde d'Aigleroché, um daqueles típicos escudeiros do campo, de constituição pesada e poderosa, que vive apenas para caçar e atirar. Ele estava em pé diante do fogo, com um grande copo de *old brandy*² na mão, bebendo à saúde de cada recém-chegado.

Hortense beijou-o distraidamente.

– Tio! Normalmente está tão sóbrio!

– Ora! – ele respondeu. – Um homem pode se entregar um pouco uma vez por ano, certamente...

– A tia lhe dará uma repreensão...

– Sua tia está com uma de suas dores de cabeça crônicas e não descerá. Além disso – acrescentou com aspereza –, não é da conta

dela... e muito menos da sua, minha querida criança.

O príncipe Rénine aproximou-se de Hortense. Era um homem jovem, muito bem vestido, com um rosto estreito e um tanto pálido, cujos olhos oscilavam entre a gentileza e a determinação, com a mais amigável e irônica expressão. Inclinou-se em sua direção, beijou-lhe a mão e disse:

– Posso lembrá-la de sua gentil promessa, querida senhora?

– Minha promessa?

– Sim, concordamos que deveríamos repetir nossa deliciosa excursão de ontem e tentar visitar aquele antigo local embarcado, cujo aspecto nos deixou tão curiosos. Parece ser conhecido como Domaine de Halingre.

Ela respondeu um tanto de supetão:

– Sinto imensamente, senhor, mas seria um pouco longe, e estou me sentindo um tanto cansada... Farei um galope no parque e voltarei para dentro de casa.

Houve uma pausa. Então Serge Rénine disse, sorrindo, os olhos fixos nos dela em um tom de voz que somente Hortense podia ouvir:

– Tenho certeza de que manterá sua promessa e que me deixará acompanhá-la. Será melhor.

– Para quem? Para o senhor, é o que quis dizer?

– Para você também. Posso lhe garantir.

Ela enrubesceu levemente, mas não respondeu. Cumprimentou algumas pessoas a seu redor e deixou a sala.

Um criado estava segurando o cavalo ao pé das escadas. Ela montou e partiu em direção ao bosque além do parque.

Era uma manhã fria e tranquila. O céu mostrava um azul cristalino, visível através das folhas que mal estremeciam. Hortense cavalgou em trote pelas avenidas sinuosas que em meia hora a levaram a um

lado do campo de ravinas e ribanceiras entrecortadas pela estrada. Estacou. Não havia som algum. Rossigny devia ter desligado o motor e ocultado o carro na mata perto da encruzilhada.

Ela estava a quinhentos metros, no máximo, daquele espaço circular. Depois de hesitar por alguns segundos, apeou, amarrou o cavalo descuidadamente, para que o animal pudesse se soltar ao menor esforço e retornar a casa, envolveu o rosto no longo véu marrom que pairava sobre seus ombros e pôs-se a caminhar.

Como esperava, Hortense avistou Rossigny assim que chegou à primeira curva da estrada. Ele correu para encontrá-la e a levou para o bosque.

– Rápido, rápido! Oh, estava com tanto receio de que você se atrasasse... ou mudasse de ideia! Mas aqui está você! Parece bom demais para ser verdade!

Ela sorriu:

– Você parece muito feliz em fazer uma coisa tão idiota!

– Devo pensar que *sou* feliz! Assim como você, eu lhe prometo. Sua vida será um conto de fadas. Você terá luxo e todo o dinheiro que puder desejar.

– Não quero nem dinheiro nem luxo.

– Então o que você deseja?

– Felicidade.

– Você pode me confiar sua felicidade com toda segurança.

Ela respondeu, brincando:

– Tenho certas dúvidas quanto à qualidade de felicidade que você me dará.

– Aguarde! Você verá! Você verá!

Chegaram ao carro. Rossigny, ainda gaguejando expressões de deleite, ligou o motor. Hortense entrou e ajeitou o amplo xale sobre

os ombros. O automóvel seguiu o caminho estreito e gramado que levava de volta ao cruzamento, e Rossigny estava aumentando a velocidade quando, de repente, foi forçado a frear. Um tiro tinha saído do bosque vizinho, à direita. O carro estava balançando de um lado para o outro.

– Um pneu dianteiro estourou – Rossigny gritou, pulando para o chão assim que pararam.

– Claro que não! – Hortense falou. – Foi um tiro.

– Impossível, minha querida. Não fale bobagens.

Naquele momento, mais dois estouros foram ouvidos, um após o outro, vindos da mata, e eles sentiram duas estremecidas.

Rossigny exclamou, enfurecido:

– Os pneus traseiros também estouraram... ambos... Mas quem, diabos, pode ser o maldito? Deixe-me pegá-lo, só isso!

Ele subiu a ladeira do lado da estrada. Não havia ninguém por lá. Além disso, a vegetação bloqueava a vista.

– Maldição! Maldição! – praguejou. – Você estava certa: alguém atirou no carro! Oh, isto é uma grosseria! Ficaremos retidos por horas! Três pneus para consertar! Mas o que você está fazendo, querida menina?

Hortense saíra do carro e corria em sua direção, muito entusiasmada:

– Estou indo.

– Mas por quê?

– Quero saber. Alguém atirou. Preciso saber quem foi.

– Não deixe que nos separem, por favor!

– Você acha que ficarei aqui esperando por você durante horas?

– Mas e a sua fuga? Todos os nossos planos?

– Discutiremos tudo isso amanhã. Volte para casa. Leve minhas

coisas com você... E adeus por enquanto.

Apressou-se em deixá-lo e teve a boa sorte de encontrar seu cavalo. Pôs-se a galope em uma direção que a levaria para longe de La Marèze.

Em sua mente não havia a mínima dúvida de que aqueles três tiros eram de autoria do príncipe Rénine.

– Foi ele – murmurou furiosamente –, foi ele. Ninguém mais teria sido capaz de um comportamento desses.

Além do mais, ele a havia avisado, à sua maneira sorridente e magistral, que a esperaria.

Chorava de raiva e humilhação. Naquele momento, se o encontrasse face a face, poderia golpeá-lo com seu chicote.

Diante dela descortinava-se um pitoresco e robusto trecho do país, situado entre o Orne e o Sarthe, acima de Alençon, e que é conhecido como a Pequena Suíça. Colinas íngremes a obrigavam frequentemente a moderar o ritmo, tanto mais quando ainda precisava percorrer quase dez quilômetros antes de chegar a seu destino.

Mas, embora a velocidade com que ela cavalgava tenha se tornado menor e seu esforço físico diminuído gradualmente, persistia seu sentimento de indignação contra o príncipe Rénine. Ressentia-se não só pela ação intolerável da qual ele devia ser o culpado, mas também por seu comportamento para com ela nos últimos três dias, suas persistentes atenções, sua segurança, seu ar de cortesia excessiva.

Estava quase chegando. No fundo de um vale, uma velha parede de parque cheia de rachaduras e coberta por musgo e ervas daninhas revelava a torre de esferas de um castelo e algumas janelas com persianas fechadas. Aquele era o Domaine de Halingre.

Ela contornou o muro e virou em uma esquina. No meio do espaço em forma de meia-lua diante do qual estavam as portas de entrada, Serge Rénine esperava ao lado de seu cavalo.

Hortense saltou. Ao mesmo tempo que ele se adiantava para saudá-la, com o chapéu na mão, ouviu-a dizer:

– Uma palavra, senhor, para começar. Algo quase inexplicável acabou de acontecer. Três tiros atingiram um carro no qual eu estava sentada. O senhor disparou aqueles tiros?

– Sim.

Ela mostrou perplexidade:

– Então você confessa?

– Senhora, você me fez uma pergunta e eu respondi a ela.

– Mas como ousou? O que lhe deu o direito?

– Eu não estava exercendo um direito, senhora; eu estava desempenhando um dever.

– De fato! E qual dever, rezar?

– O dever de protegê-la de um homem que está tentando lucrar com seus problemas.

– Eu o proíbo de falar assim. Sou responsável por minhas atitudes e tomei a decisão em perfeita liberdade.

– Senhora, eu ouvi sua conversa com o senhor Rossigny nesta manhã e não me pareceu que você o estivesse acompanhando com o coração leve. Admito a crueldade e o mau gosto de minha interferência e peço desculpas humildemente por isso; mas arrisquei ser chamado de desordeiro para lhe dar algumas horas para reflexão.

– Já refleti o bastante, meu senhor. E, quando me decido, não mudo de ideia.

– Sim, às vezes a senhora muda. Caso contrário, por que está

aqui em vez de lá?

Hortense ficou confusa por um momento. A raiva havia passado. Olhou para Rénine com a surpresa que se experimenta quando se depara com certas pessoas diferentes, mais capazes de realizações incomuns, mais generosas e desinteressadas. Percebeu perfeitamente que ele agira sem nenhum motivo ou cálculo, que estivera, como tinha dito, apenas cumprindo seu dever de cavalheiro para com uma mulher que estava tomando o rumo errado.

Ele falou, em tom de voz gentil:

– Sei muito pouco a seu respeito, senhora, mas o suficiente para me convencer a ajudá-la. Você tem 26 anos de idade e perdeu seus pais. Há sete tornou-se esposa do sobrinho do conde d'Aigleroché, que provou ser de mente insensata, meio louca de fato, e ele teve que ser confinado. Isto a impossibilitou de obter o divórcio e a obrigou, já que seu dote havia sido desperdiçado, a viver com seu tio e à custa dele. É um ambiente deprimente. O conde e a condessa não vivem em harmonia. Há alguns anos o conde foi abandonado por sua primeira esposa, que fugiu com o primeiro marido dela. Então marido e esposa abandonados decidiram, por despeito, unir suas fortunas, mas não encontraram nada além de decepção e má vontade neste segundo casamento. E você sofre as consequências. Eles levam uma vida monótona, estreita e solitária por onze meses ou mais do ano. Um dia você conheceu o senhor Rossigny, que se apaixonou por você e sugeriu uma fuga. Você não se importou com ele. Mas estava entediada, sua juventude sendo desperdiçada e você ansiava pelo inesperado, pela aventura... em uma palavra, você aceitou a fuga com a intenção muito definida de manter seu admirador a distância, mas também com a esperança bastante ingênua de que o escândalo forçaria a mão de seu tio e o

faria honrar sua tutela e lhe garantiria uma existência independente. É assim que você está. No momento, precisa escolher entre colocar-se nas mãos do senhor Rossigny... ou confiar em mim.

Hortense o fitou. O que ele queria dizer com tudo aquilo? Qual a pretensão da oferta que fizera com tanta seriedade, como um amigo que apenas deseja provar sua devoção?

Após momentos de silêncio, ele pegou os dois cavalos pelo cabresto e os amarrou. Então examinou os portões pesados, cada qual reforçado por duas tábuas pregadas em forma de cruz. Um cartaz eleitoral, datado de vinte anos antes, mostrava que ninguém entrara no domínio desde aquela época.

Rénine arrancou um dos postes de ferro que suportavam um gradeamento que contornava a meia-lua e o usou como alavanca. As tábuas podres cederam. Uma delas descobriu a trava, que ele atacou com uma grande faca, contendo uma série de lâminas e implementos. Um minuto depois, o portão se abriu, revelando um edifício longo e dilapidado, com uma torre em cada esquina e uma espécie de mirante, construído sobre uma torre mais alta, no meio.

O príncipe virou-se para Hortense:

– Não tenha pressa – disse ele. – Tome sua decisão hoje à noite. Caso o senhor Rossigny tenha sucesso em convencê-la pela segunda vez, então eu lhe dou minha palavra de honra que não cruzarei seu caminho. Até lá, dê-me o privilégio de sua companhia. Ontem nós decidimos explorar o castelo. Vamos em frente. Pode ser? É uma boa forma de passar o tempo, e eu tenho a sensação de que não será desinteressante.

Ele tinha uma maneira de falar que compelia à obediência. Parecia comandar e implorar ao mesmo tempo. Hortense nem mesmo procurou sacudir a energia na qual sua vontade estava lentamente

se afundando. Simplesmente o seguiu para um voo meio demolidor de degraus no topo do qual havia uma porta igualmente reforçada por tábuas pregadas na forma de uma cruz.

Rénine trabalhou da mesma forma que antes. Logo entraram em um espaçoso salão pavimentado com lajes brancas e pretas, mobiliado com aparadores antigos e cantoneiras e adornado com um escudo que exibia restos de armaduras, representando uma águia em pé sobre um bloco de pedra, tudo meio escondido atrás de um véu de teias de aranha que pairava sobre a porta dupla.

– A porta da sala de visitas, evidentemente – disse Rénine.

Dessa vez ele encontrou mais dificuldade para abrir; somente após repetidas investidas de ombro foi capaz de mover uma das portas.

Hortense ainda não falara uma palavra. Contemplou não sem surpresa aquela série de entradas à força no castelo, acompanhadas de habilidades realmente magistrais. Como que adivinhando seus pensamentos, ele falou em tom sério:

– É brincadeira de criança para mim. Eu já fui chaveiro.

Ela agarrou-lhe o braço e sussurrou:

– Ouça!

– O quê?

Ela aumentou a pressão da mão, para impor silêncio. No instante seguinte, ele murmurou:

– É mesmo muito estranho.

– Escute! Escute! – Hortense repetiu, perplexa. – Isso é possível?

Eles ouviram, não muito longe de onde estavam, um som, um leve toque recorrente em intervalos regulares; e tiveram apenas de escutar atentamente para reconhecer o tique-taque de um relógio. Sim, era isso, e nada mais quebrava o profundo silêncio da sala

escura; era de fato o tique-taque deliberado, rítmico como a batida de um metrônomo, produzido por um pesado pêndulo de latão. Isso mesmo! E nada poderia ser mais impressionante do que a pulsação medida desse mecanismo trivial, que por algum milagre, algum fenômeno inexplicável, tinha continuado a viver no coração do castelo morto.

– E ainda – Hortense gaguejou, sem ousar levantar a voz – ninguém entrou na casa... ninguém. E é bem impossível que esse relógio tenha continuado por vinte anos sem terem dado corda...

– Quase impossível.

– E então?

Serge Rénine abriu as três janelas e atirou as persianas para trás.

Estava com Hortense em uma sala de visitas, como ele havia pensado; e o ambiente não mostrava o menor sinal de desordem. As cadeiras estavam em seus lugares. Não faltava nenhuma peça de mobiliário. As pessoas que tinham vivido ali e fizeram daquele o cômodo mais individual de sua casa tinham partido, deixando tudo como estava, os livros que eles costumavam ler, as bugigangas nas mesas e consoles.

Rénine examinou o relógio do velho avô, dentro de sua caixa alta esculpida que mostrava o disco do pêndulo através de um painel oval de vidro. Abriu a porta do relógio. Os pesos pendurados nas cordas estavam em seu ponto mais baixo.

Naquele momento houve um clique. O relógio bateu oito com uma nota grave da qual Hortense nunca se esqueceria.

– Que extraordinário! – ela exclamou.

– Incrível mesmo – concordou ele –, pois as batidas estão muito breves e dificilmente continuariam por uma semana.

– E você não vê nada fora do normal?

– Não, nada... ou ao menos...

Ele se abaixou e, da parte de trás da caixa, retirou um tubo de metal que estivera escondido pelos pesos. Segurou-o na direção da luz:

– Um telescópio³ – disse, pensativo. – Por que eles o esconderam? E o deixaram totalmente oculto... isso é estranho... O que significa?

O relógio, como às vezes acontece com alguns modelos, começou a bater uma segunda vez, soando oito badaladas. Rénine fechou o compartimento e continuou sua inspeção sem largar o telescópio. Um arco amplo conduziu da sala de visitas a um ambiente menor, uma espécie de sala de fumar. Aquele espaço também fora mobiliado e continha uma caixa de vidro para armas, cuja prateleira estava vazia. Pendurado em um painel próximo estava um calendário com a data de 5 de setembro.

– Oh! – Hortense gritou, assustada. – É o mesmo dia de hoje! Eles arrancaram as folhas até 5 de setembro... E este é o aniversário! Que coincidência espantosa!

– Surpreendente – ele repetiu. – É o aniversário de sua partida... há vinte anos.

– Você deve admitir que tudo isso é incompreensível.

– Sim, claro... mas ao mesmo tempo... talvez não seja.

– Tem algum palpite?

Ele aguardou alguns instantes antes de responder:

– O que me intriga é esse telescópio escondido, guardado naquele canto, no último momento. Fico imaginando para que era usado. Das janelas do térreo nada se vê além das árvores do jardim... E o mesmo eu acredito que aconteça de todas aquelas janelas. Estamos em um vale, sem ao menos um horizonte aberto... Para

usar o telescópio, a pessoa teria de ir ao topo da casa. Vamos subir?

Ela não hesitou. O mistério que envolvia toda a aventura despertou sua curiosidade de tal forma que não pôde pensar em nada além de acompanhar Rénine e ajudá-lo em suas investigações.

Subiram a escada e, no segundo andar, chegaram a um patamar onde encontraram a escadaria em espiral que levava ao mirante.

No topo havia uma plataforma ao ar livre, rodeada por um parapeito com mais de dois metros de altura.

– Devem ter ocorrido algumas batalhas – observou o príncipe Rénine. – Olhe aqui, havia buracos. Devem ter sido consertados.

– De qualquer modo – ela falou –, o telescópio não tinha utilidade aqui também e podemos descer.

– Não concordo. A lógica nos diz que deve ter havido alguma lacuna através da qual o país pôde ser visto, e este foi o local onde o telescópio foi usado.

Ele se elevou com um impulso ao topo do parapeito e notou que, daquele ponto de observação, podia observar todo o vale, incluindo o parque, com suas árvores altas marcando o horizonte, e mais além, em uma depressão na mata subindo a colina, a uma distância de cerca de setecentos a oitocentos metros, ficava outra torre, baixa e em ruínas, coberta de hera de cima a baixo.

Rénine resumiu sua inspeção. Ele parecia considerar que a chave do problema estava no uso dado ao telescópio, portanto o enigma seria resolvido apenas se pudessem descobrir essa utilidade.

Analisou os buracos, um após o outro. Um deles, ou melhor, o lugar que ocupava, atraiu sua atenção mais que os outros. No meio da camada de gesso que tinha servido para consertá-lo, havia um

vão cheio de terra no qual as plantas tinham crescido. Ele as arrancou e removeu a terra, limpando assim a boca de uma lacuna de cerca de doze centímetros de diâmetro, que penetrava completamente na parede. Ao se inclinar para a frente, Rénine percebeu que aquela abertura profunda e estreita levava inevitavelmente o olhar para acima das copas densas das árvores e, pela depressão na colina, até a torre coberta de hera.

Na parte inferior desse canal, em uma espécie de sulco que o atravessava como uma sarjeta, o telescópio se encaixou tão exatamente que era impossível deslocá-lo, por menos que fosse, tanto para a direita quanto para a esquerda.

Rénine, depois de limpar a parte externa das lentes, tomando cuidado para não afetar a precisão do instrumento, colocou seu olho na ponta menor.

Ele permaneceu por trinta ou quarenta segundos, olhando com atenção e em silêncio. Então levantou-se e disse, com uma voz rouca:

- É terrível... realmente terrível.
- O que é? – perguntou ela, ansiosa.
- Veja.

Hortense se inclinou, mas a imagem não estava clara, e o telescópio precisou ser ajustado à sua visão. No momento seguinte, ela estremeceu e falou:

– São dois espantalhos, não são, ambos presos na parte superior?
Mas por quê?

– Olhe novamente. Com mais cuidado, sob os chapéus... os rostos...

- Oh! – gritou, pálida de espanto. – Que horrível!

O campo do telescópio, como a imagem circular mostrada por uma

lanterna mágica, apresentava este espetáculo: a plataforma de uma torre quebrada, cujas paredes eram mais altas no lado mais distante e formavam como se fosse um pano de fundo, sobre o qual subiam ondas de hera. Na frente, em meio a um aglomerado de arbustos, estavam dois seres humanos, um homem e uma mulher, encostados para trás contra um amontoado de pedras caídas.

Mas as palavras *homem* e *mulher* dificilmente poderiam ser aplicadas àquelas duas formas, dois sinistros fantoches que, de fato, usavam roupas e chapéus, ou melhor, pedaços de roupas e restos de chapéus, mas tinham perdido os olhos, as bochechas, os queixos, cada partícula de carne, até que, na verdade, nada mais eram do que dois esqueletos.

– Dois esqueletos – Hortense balbuciou. – Dois esqueletos vestidos. Quem os carregou para lá?

– Ninguém.

– Mas...

– Aquele homem e aquela mulher devem ter morrido no topo da torre, há muitos e muitos anos... e a carne deles apodreceu sob as roupas, e as aves de rapina os comeram.

– Mas isso é horrendo, horrendo! – Hortense gritou, pálida como a morte, o rosto transfigurado de pavor.

Meia hora depois, Hortense Daniel e Rénine deixaram o castelo de Halingre. Antes de sua partida, eles haviam ido até a torre completamente coberta de hera, os restos de uma antiga torre de menagem⁴, mais da metade demolida.

O interior estava vazio. Parecia ter havido uma maneira de subir até o topo, em um tempo relativamente recente, por meio de escadas de madeira que agora estavam quebradas e espalhadas sobre o chão. A torre ficava encostada na parede que marcava o

final do parque.

Um fato curioso, que surpreendeu Hortense, foi que o príncipe Rénine havia negligenciado a busca por uma investigação mais minuciosa, como se o assunto tivesse perdido todo o interesse para ele. Não falou mais sobre o tema e, na pousada em que pararam para tomar uma refeição leve na aldeia mais próxima, foi ela quem perguntou ao senhorio sobre o castelo abandonado. Mas nada soube de útil, pois o homem era novo no distrito e não podia lhe dar nenhum detalhe. Sequer sabia o nome do proprietário.

Eles viraram a cabeça de seus cavalos para La Marèze. Mais uma vez Hortense relembrou a visão esquelética daquele casal. Mas Rénine, que estava animado e cheio de atenções, parecia totalmente indiferente a essas questões.

– Mas, afinal – ela exclamou impaciente –, não podemos encerrar o assunto assim! É preciso haver uma solução.

– Como você diz – ele respondeu –, é necessária uma solução. O senhor Rossigny precisa entender onde está, e você precisa realmente decidir o que fazer com ele.

Ela relaxou os ombros:

– Ele não tem importância no momento. O foco de hoje...

– É o quê?

– É saber de quem são aqueles dois corpos.

– Mesmo assim, Rossigny... – ele tentou retomar.

– Rossigny pode esperar. Mas eu, não. Você me mostrou um mistério que agora é a única coisa que importa. O que você pretende fazer?

– Fazer?

– Sim. Há dois corpos... Você informará a polícia, suponho.

– Pela bondade divina! – exclamou, rindo. – Para quê?

– Bem, há um enigma que tem de ser esclarecido a todo custo, uma tragédia terrível.

– Não precisamos que ninguém faça isso.

– Como assim? Você quer dizer que compreendeu aquilo tudo?

– Quase tão claramente como se eu o tivesse lido em um livro, contado em todos os detalhes, com ilustrações explicativas. É tudo tão simples!

Observou-o com atenção, tentando imaginar se estaria zombando dela. Mas ele parecia bastante sério.

– Então? – perguntou, tremendo de curiosidade.

A luz começava a diminuir. Eles tinham trotado em um bom ritmo e se aproximaram de La Marèze.

– Então – disse ele – vamos obter o restante das informações de pessoas que vivem ao redor de... seu tio, por exemplo; e você verá com que lógica todos os fatos se encaixam. Quando você segura o primeiro elo de uma corrente, você está obrigado, queira ou não, a chegar ao último. É a maior diversão do mundo.

Uma vez dentro de casa, eles se separaram. Chegando a seu quarto, Hortense encontrou sua bagagem e uma carta furiosa de Rossigny, na qual ele se despedia e anunciava sua partida.

Então Rénine bateu à sua porta:

– Seu tio está na biblioteca – disse ele. – Você descera comigo? Eu mandei dizer que estou a caminho.

Ela o acompanhou. Rénine acrescentou:

– Uma palavra mais. Hoje de manhã, quando frustrei seus planos e lhe implorei que confiasse em mim, naturalmente assumi uma obrigação para com você, o que pretendo cumprir sem demora. Quero lhe dar uma prova positiva disto.

Hortense riu:

– A única obrigação que você assumiu foi a de satisfazer minha curiosidade.

– Será satisfeita, assegurou-lhe com seriedade. E mais plenamente do que pode imaginar.

O senhor D'Aigleroché estava sozinho. Fumava seu cachimbo e bebia *sherry*⁵. Ofereceu um copo a Rénine, que recusou.

– Bem, Hortense! – disse o tio, em uma voz bastante grossa. – Você sabe que aqui é bastante monótono, exceto nestes dias de setembro. Você deve aproveitá-los ao máximo. Já teve um passeio agradável com Rénine?

– Era disso mesmo que eu gostaria de lhe falar, meu caro senhor – interrompeu o príncipe.

– Você deve me desculpar, mas eu tenho de ir à estação em dez minutos, para encontrar um amigo de minha esposa.

– Oh, dez minutos serão mais que suficientes!

– Só o tempo de fumar um cigarro?

– Não mais.

Ele pegou um cigarro da mala que D'Aigleroché lhe entregou, acendeu-o e disse:

– Devo lhe dizer que nossa cavalgada nos levou, por acaso, a um antigo domínio que certamente conhece, o Domaine de Halingre.

– Certamente eu o conheço. Mas está fechado, embargado há cerca de vinte e cinco anos. Vocês não foram capazes de entrar, suponho.

– Sim, fomos.

– Sério? Foi interessante?

– Extremamente. Descobrimos as coisas mais estranhas.

– Que coisas? – perguntou, olhando para seu relógio.

Rénine descreveu o que eles tinham visto:

– Em uma torre, a alguma distância da casa, havia dois cadáveres, dois esqueletos... um homem e uma mulher ainda usando as roupas que tinham vestido quando foram assassinados.

– Ora, convenhamos! Assassinados?

– Sim; e é por isso que viemos incomodá-lo. A tragédia deve remontar a cerca de vinte anos. Não se sabia de nada sobre isso na época?

– Certamente não – declarou. – Eu nunca ouvi falar de tal crime ou desaparecimento.

– Oh, não me diga! – Rénine pareceu um tanto desapontado. – Esperava obter alguns detalhes.

– Sinto muito.

– Nesse caso, peço desculpas.

Ele consultou Hortense com um olhar e andou em direção à porta. Mas então mudou de ideia:

– Poderia ao menos, meu querido senhor, colocar-me em contato com algumas pessoas da vizinhança, alguns membros de sua família que poderiam saber mais sobre esse assunto?

– Da minha família? E por quê?

– Porque o Domaine de Halingre pertencia e sem dúvida ainda é da família d'Aigleroché. Uma águia em um bloco de pedras, sobre uma rocha. Isso imediatamente sugeriu a conexão.

Dessa vez o conde pareceu surpreendido. Empurrou para trás seu decantador, seu copo de *sherry* e disse:

– O que é isso que você está me dizendo? Eu não tinha ideia de que tínhamos vizinhos assim.

Rénine fez um meneio com a cabeça e sorriu:

– Eu deveria estar mais inclinado a acreditar, talvez, que não estivesse muito ansioso por admitir qualquer relação entre o

senhor... e o proprietário desconhecido daquele lugar.

- Então ele não é um homem respeitável?
- O homem, para dizer claramente, é um assassino.
- O que você quer dizer?

O conde se levantara da poltrona. Hortense, muito entusiasmada, disse:

– Você está realmente convicto de que houve assassinatos e que foram cometidos por alguém relacionado à casa?

- Bastante..
- Mas por que razão tem tanta certeza?
- Porque eu sei quem eram as duas vítimas e o motivo que as fez serem assassinadas.

O príncipe Rénine fazia somente declarações positivas, e seu método sugeria a crença de que se apoiava nas provas mais fortes.

O senhor d'Aigleroché andava para cima e para baixo, com as mãos atrás das costas. Acabou dizendo:

– Sempre tive uma sensação instintiva de que algo havia acontecido, mas nunca tentei descobrir... De fato, há vinte anos um parente meu, um primo distante, vivia no Domaine de Halingre. Eu esperava, por causa do nome que tenho, que esta história, de que, como digo, nunca soube, mas suspeitei, ficasse escondida para sempre.

- Então esse primo matou alguém?
- Sim, ele foi obrigado a fazer isso.

Rénine franziu a testa:

– Sinto muito ter que emendar essa frase, meu caro senhor. A verdade, ao contrário, é que seu primo tirou a vida de suas vítimas a sangue-frio e de forma covarde. Nunca ouvi falar de um crime mais deliberado e planejado com mais astúcia.

– O que é que você sabe?

Tinha chegado a hora de Rénine se explicar, o momento solene e angustiante, cuja gravidade Hortense compreendia, embora ainda não adivinhasse nenhuma parte da tragédia que o príncipe desdobrava passo a passo.

– É uma história muito simples – disse ele. – Há todos os motivos para acreditar que o senhor d'Aigleroché era casado e que havia outro casal vivendo no bairro, com quem o proprietário do Domaine de Halingre tinha uma relação amigável. O que aconteceu um dia, qual dessas quatro pessoas primeiro perturbou as relações entre os dois lares, não posso dizer. Mas uma versão provável, que ocorre imediatamente à mente, é de que a esposa de seu primo, senhora d'Aigleroché, tinha o hábito de encontrar o outro marido na torre coberta de hera, que tinha uma porta aberta do lado de fora da propriedade. Ao descobrir a intriga, seu primo d'Aigleroché resolveu se vingar, mas de tal maneira que não haveria escândalo e ninguém jamais saberia que o casal culpado havia sido assassinado. Ele verificara, assim como eu acabei de fazer, que havia uma parte da casa, o mirante, de onde se podia ver, sobre as árvores e as ondulações do parque, a torre situada a uns oitocentos metros de distância, e que aquele era o único lugar de onde não se via o topo da torre. Ele, portanto, perfurou um buraco no parapeito, através de uma das antigas brechas, e dali, usando um telescópio que encaixava exatamente no buraco que ele havia escavado, assistiu aos encontros dos dois amantes. E foi de lá também que, depois de tomar cuidadosamente todas as suas medidas, e calcular as distâncias, em um domingo, dia 5 de setembro, quando a casa estava vazia, ele os matou com dois tiros.

A verdade estava se tornando aparente. A luz do dia brilhava.

O conde murmurou:

– Sim, é o que deve ter acontecido. Eu espero que meu primo d’Aigleroché...

– O assassino – Rénine prosseguiu – fechou o buraco com um torrão de terra. Ninguém jamais saberia que dois cadáveres estavam em decomposição no topo daquela torre que nunca foi visitada e cujas escadas de madeira ele tomou a precaução de demolir. Nada mais lhe restava, portanto, a não ser explicar o desaparecimento de sua esposa e de seu amigo. Isto não apresentou nenhuma dificuldade. Ele os acusou de terem fugido juntos.

Hortense arregalou os olhos. De repente, como se a última frase fosse para ela uma revelação absolutamente inesperada, compreendeu o que Rénine estava tentando transmitir.

– O que você quer dizer? – perguntou.

– Quero dizer que o senhor d’Aigleroché acusou sua esposa e seu amigo de fugirem juntos.

– Não, não! – Hortense gritou. – Eu não posso permitir isso! Você está falando de um primo do meu tio? Por que misturar as duas histórias?

– Por que misturar essa história com outra que aconteceu naquela época? – o príncipe indagou. – Mas eu não estou misturando, minha querida senhora; há apenas uma história, e eu a estou contando como de fato ocorreu.

Hortense voltou-se para o tio. Ele se sentou em silêncio, com os braços cruzados; sua cabeça permaneceu na sombra lançada pelo abajur. Por que ele não protestava?

Rénine repetiu em tom firme:

– Há apenas uma história. Na noite daquele mesmo dia, 5 de

setembro, às oito horas, *monsieur* d'Aigleroché, sem dúvida alegando como motivo que estava perseguindo o casal fugitivo, deixou sua casa, após lacrar a entrada. Ele foi embora, deixando todos os quartos como estavam e retirando apenas as armas de fogo de sua caixa de vidro. No último minuto, teve um pressentimento, que foi justificado hoje, de que a descoberta do telescópio, que tinha desempenhado um papel tão grande na preparação de seu crime, poderia servir como uma pista para um inquérito. Então ele o jogou na caixa do relógio, onde, por sorte, o objeto interrompeu o balanço do pêndulo. Esta ação irrefletida, uma daquelas que todo criminoso inevitavelmente comete, foi traí-lo vinte anos depois. Agora mesmo, os golpes que eu dei para forçar a porta da sala de visitas liberaram o pêndulo. O relógio estava ajustado, bateu às oito horas... e eu tinha a pista do fio que me levaria através do labirinto.

– Provas – Hortense gaguejou. – Provas!

– Provas? – Rénine respondeu em voz alta. – Por quê? Existem várias provas, e você as conhece tão bem quanto eu. Quem poderia ter matado à distância de oitocentos metros, exceto um especialista em tiro, um esportista ardente? Concorda, senhor d'Aigleroché? Provas? Por que nada foi retirado da casa, nada exceto as armas, aquelas que um esportista entusiasta não pode abandonar? Concorda também, senhor d'Aigleroché? Essas armas que encontramos aqui, penduradas em troféus nas paredes... Provas? E aquela data, 5 de setembro, que foi a data do crime e que deixou uma memória tão horrível na mente do criminoso que a cada ano, nesta época, exatamente, ele se envolve em distrações e que a cada ano, neste mesmo 5 de setembro, ele se esquece de seus hábitos de temperança? Bem, hoje é o dia 5 de setembro... Provas?

Por que, se não houvesse outras, isso não seria suficiente para você?

E Rénine, atirando seu braço, apontou para o conde d'Aigleroché, que, aterrorizado com essa evocação do passado, havia se afundado em uma cadeira e estava escondendo a cabeça entre as mãos.

Hortense não tentou discutir. Jamais gostara do tio, ou melhor, do tio de seu marido. Agora aceitava a acusação feita contra ele.

Sessenta segundos se passaram. Então o senhor d'Aigleroché caminhou até eles e disse:

– Seja a história verdadeira ou não, não se pode chamar um marido de criminoso por vingar sua honra e matar sua esposa infiel.

– Não – respondeu Rénine –, mas eu contei apenas a primeira versão da história. Há outra, que é infinitamente mais séria... e mais provável, uma que uma investigação mais minuciosa certamente revelaria.

– O que você quer dizer com isso?

– Refiro-me ao seguinte: pode não ser apenas uma questão de um marido tomar a lei em suas próprias mãos, como eu caridosamente supunha. Talvez seja o caso de um homem arruinado que cobiça o dinheiro de seu amigo e da esposa de seu amigo e que, com este objetivo em vista, para assegurar sua liberdade, para se livrar de seu amigo e de sua própria esposa, os atrai para uma armadilha, sugere-lhes que visitem aquela torre solitária e os mata atirando a uma distância segura, sob abrigo.

– Não, não – o conde protestou. – Tudo são inverdades.

– Eu não digo que não são. Estou baseando minha acusação em provas, mas também em intuições e argumentos que até agora têm sido extremamente precisos. Mesmo assim, admito que a segunda

versão pode estar incorreta. Mas, se assim for, por que sentir algum remorso? Não se sente remorso em punir os culpados.

– A pessoa sente por tirar a vida. É um fardo esmagador a ser suportado.

– Foi para obter mais força para suportar esse fardo que o senhor d'Aigleroché se casou depois com a viúva de sua vítima? Pois isso, senhor, é o cerne da questão. Qual foi o motivo desse casamento? O senhor d'Aigleroché estava sem um tostão? A mulher que ele estava tomando como sua segunda esposa era rica? Ou ambos estavam apaixonados um pelo outro e o senhor d'Aigleroché planejava com ela matar sua primeira esposa e o marido de sua segunda esposa? Estes são problemas para os quais eu não tenho a resposta. Não interessam no momento; mas a polícia, com todos os meios à sua disposição, não teria grande dificuldade em elucidá-los.

O senhor d'Aigleroché cambaleou e teve de se firmar contra as costas de uma cadeira. Lívido, gaguejou:

– Você informará à polícia?

– Não, não – disse Rénine. – Para começar, há o problema da prescrição do crime. Depois há vinte anos de remorso e pavor, uma lembrança que perseguirá o criminoso até sua morte, acompanhada sem dúvida de discórdia doméstica, ódio, um inferno diário... e, no final, a necessidade de voltar à torre e remover os vestígios dos dois assassinatos, o castigo espantoso de subir naquela torre, de tocar naqueles esqueletos, despi-los e enterrá-los. Isso será suficiente. Não vamos pedir mais. Não o daremos ao público para que eles o agarrem e criem um escândalo que respingaria na sobrinha do senhor d'Aigleroché. Não, deixemos este negócio vergonhoso em paz.

O conde retomou seu assento à mesa, com as mãos segurando a testa, e perguntou:

– Então por quê?

– Por que eu interfiro? – disse Rénine. – O que você imagina é que eu devo ter algum objetivo ao falar. É isso mesmo. De fato, deve haver uma penalidade, por menor que seja, e nossa entrevista precisa levar a algum resultado prático. Mas não tenha medo, senhor d’Aigleroché. O senhor será libertado de ânimo leve.

A discussão estava encerrada. O conde sentiu que tinha apenas uma pequena formalidade a cumprir, um sacrifício a aceitar. Então, recuperando um pouco de sua autoconfiança, disse, em um tom quase sarcástico:

– Qual é o seu preço?

Rénine deu uma gargalhada.

– Esplêndido! Você vê a posição. Só que comete um erro ao me atrair para o negócio. Estou trabalhando para a glória.

– Neste caso?

– Você será chamado, no máximo, a fazer uma restituição.

– Restituição?

Rénine debruçou-se sobre a mesa e disse:

– Em uma dessas gavetas há uma escritura à espera de sua assinatura. É um rascunho do acordo entre você e sua sobrinha Hortense Daniel, relativo à fortuna privada dela, que foi desperdiçada e pela qual você é responsável. Assine a escritura.

O senhor d’Aigleroché estacou:

– Você sabe qual o valor?

– Eu não quero saber.

– E se eu recusar?

– Pedirei para ver a condessa d’Aigleroché.

Sem mais hesitações, o conde abriu uma gaveta, pegou um documento em papel timbrado e rapidamente o assinou:

– Aqui está – disse ele –, e eu espero...

– Você espera, como eu espero, que você e eu possamos nunca ter negócios futuros? Estou convencido disso. Partirei nesta noite; sua sobrinha, sem dúvida, amanhã. Adeus.

Na sala de visitas, que ainda estava vazia enquanto os convidados da casa se vestiam para o jantar, Rénine entregou a escritura a Hortense. Ela parecia atordoada por tudo o que tinha ouvido. O que a deixou ainda mais perplexa do que a implacável luz derramada sobre o passado de seu tio foram a visão milagrosa e a surpreendente lucidez demonstradas por Rénine: o homem que por algumas horas tinha controlado os acontecimentos e conjurado diante de seus olhos as cenas reais de uma tragédia que ninguém tinha visto.

– Você está satisfeita comigo? – perguntou.

Ela lhe deu suas duas mãos:

– Você me salvou de Rossigny. Devolveu-me a liberdade e a independência. Eu lhe agradeço do fundo do meu coração.

– Oh, mas não é isso que eu estou lhe perguntando! – respondeu ele. – Meu primeiro e principal objetivo era lhe proporcionar diversão. Sua vida parecia estar muito enfadonha e previsível. Tem sido assim?

– Como você pode fazer essa pergunta? Tive as experiências mais estranhas e tumultuadas possíveis...

– Isso é vida – disse ele. – Quando se sabe como usar os olhos. A aventura existe em toda parte, no casebre humilde, sob a máscara do mais sábio dos homens. Em todos os lugares basta você estar disposta e encontrará uma desculpa para a excitação, para fazer o

bem, para salvar uma vítima, para acabar com uma injustiça.

Impressionada com seu poder e autoridade, ela murmurou:

– Quem é você, exatamente?

– Um aventureiro. Nada mais. Um amante das aventuras. A vida não vale a pena viver, exceto em momentos de desafios, nas aventuras de outros ou em aventuras pessoais. O presente a perturbou porque a afetou nas profundezas mais íntimas de seu ser. Mas as dos outros não são menos estimulantes. Você gostaria de fazer a experiência?

– Como?

– Torne-se a companheira de minhas aventuras. Se alguém me pedir ajuda, ajude-o comigo. Se o acaso ou o instinto me colocar no rastro de um crime ou no encalço de uma tristeza, vamos os dois nos lançar juntos. Você consente?

– Sim – disse Hortense –, mas...

Hesitou, como se estivesse tentando adivinhar as intenções secretas dele.

– Mas – Rénine falou, expressando os pensamentos por ela com um sorriso – “você é um pouco cético”. O que você está dizendo para si mesma é: “Até onde esse amante das aventuras quer me obrigar a ir? É bastante óbvio que eu o atraio; e mais cedo ou mais tarde ele não se arrependeria de receber o pagamento por seus serviços”. Você tem toda a razão. Devemos ter um contrato formal.

– Muito formal – concordou Hortense, preferindo dar um tom jocoso à conversa. – Deixe-me ouvir suas propostas.

Rénine refletiu um pouco e prosseguiu:

– Bem, digamos que... O relógio em Halingre deu oito badaladas nesta tarde, o dia da primeira aventura. Você aceitará seu decreto e concordará em realizar comigo mais sete desses encantadores

empreendimentos, durante um período, por exemplo, de três meses? E digamos que, no oitavo, você se comprometerá a me conceder...

– O quê?

Ele adiou sua resposta:

– Observe que você sempre terá a liberdade de me deixar na estrada se eu não conseguir despertar-lhe interesse. Mas, se você me acompanhar até o final, se me permitir começar e completar o oitavo empreendimento com você, em três meses, no dia 5 de dezembro, no exato momento em que soar a oitava badalada daquele relógio, e ela soar, você pode ter certeza disso, pois o velho pêndulo de latão não vai parar de balançar novamente, você se comprometerá a me conceder...

– O quê? – repetiu ela, um pouco enervada por esperar.

Ele ficou em silêncio. Olhou para os belos lábios que pretendia reclamar como sua recompensa. Estava perfeitamente certo de que Hortense havia entendido, e achou desnecessário falar mais claramente.

– O mero prazer de vê-la será suficiente para me satisfazer. Não cabe a mim, mas a você impor condições. Diga quais são, o que você exige.

Sentiu-se grata por seu respeito e disse, rindo:

– O que eu exijo?

– Sim.

– Posso pedir o que eu quiser, por mais difícil e impossível que seja?

– Tudo é fácil e tudo é possível para o homem que está inclinado a conquistar você.

Então ela falou:

– Quero que me restitua um pequeno broche antigo, feito de cornalina⁶ e prata. Era de minha mãe e passou para mim, e todos sabiam que costumava trazer felicidade para ela e para mim também. Desde o dia em que desapareceu do meu porta-joias, eu não tive nada além de infelicidade. Traga-o de volta, meu bom gênio.

– Quando o broche foi roubado?

Ela respondeu:

– Há sete anos... ou oito... ou nove; eu não sei exatamente... Não sei bem onde... ou como... não sei de nada sobre isso...

– Vou encontrá-lo – Rénine anunciou –, e você ficará feliz.

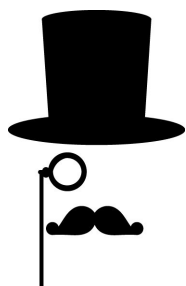
² *Old brandy* é uma espécie de aguardente envelhecida. (N.T.)

³ Telescópio: instrumento óptico utilizado para obter imagens ampliadas de objetos situados a grandes distâncias. (N.T.)

⁴ Menagem é um benefício que consiste em prisão sob palavra, e pelo qual o indivíduo acusado não é encarcerado, sendo obrigado, no entanto, a permanecer no lugar em que exerce suas atividades. (N.T.)

⁵ *Sherry* é o nome inglês utilizado para designar o vinho espanhol jerez (xerez). É um vinho fortificado e licoroso. (N.T.)

⁶ Cornalina é um mineral vermelho acastanhado, comumente utilizado como pedra preciosa ou semipreciosa. (N.T.)



A garrafa de água

Quatro dias depois de se estabelecer em Paris, Hortense Daniel concordou em encontrar-se com o príncipe Rénine no Bois. Era uma manhã maravilhosa, e eles se sentaram a um canto do terraço do restaurante Impérial.

Hortense, sentindo-se feliz por estar viva, experimentava um humor lúdico, cheio de graça atraente. Rénine não queria assustá-la, por isso absteve-se de aludir ao pacto que haviam firmado. Ela lhe contou como havia deixado La Marèze e disse que não ouvira mais nada sobre Rossigny.

– Eu ouvi – disse Rénine. – Tive notícias dele.

– Oh?

– Sim, ele me enviou um desafio. Combatemos um duelo nesta manhã. Rossigny teve um arranhão no ombro, e isso encerrou a disputa. Mas vamos falar de outro assunto.

Não houve mais nenhuma menção a Rossigny. Rénine imediatamente expôs a Hortense os planos de dois projetos que tinha em vista. Ofereceu, sem grande entusiasmo, a oportunidade para ela participar.

– A melhor aventura – declarou ele – é aquela que não prevemos. Chega inesperadamente, sem aviso; e ninguém, exceto os iniciados,

percebe que está próxima uma oportunidade de agir e de gastar suas energias. Tem de ser aproveitada imediatamente. A hesitação de um momento pode significar um grande atraso. Somos advertidos por um sentido especial, como o de um cão de caça, que distingue o cheiro certo dentre todos os outros que o envolvem.

O terraço estava começando a se encher ao redor deles. À mesa ao lado sentou-se um jovem que se pôs a ler um jornal. Podia-se ver seu perfil insignificante e o longo e escuro bigode. Por trás deles, por uma janela aberta do restaurante, vinham os acordes distantes de uma banda; em uma das salas, alguns casais dançavam.

Enquanto Rénine pagava as bebidas, o jovem com o longo bigode abafou um grito e, em uma voz sufocante, chamou um dos garçons:

– Quanto lhe devo? Nenhum troco? Oh, bom Deus, apresse-se!

Rénine, sem um momento de hesitação, pegou o jornal. Após lançar um rápido olhar pela página, leu, de um só fôlego:

– Mestre Dourdens, advogado de defesa no julgamento de Jacques Aubrieux, foi recebido no Palácio do Eliseu. Fomos informados de que o presidente da República se recusou a indultar o condenado e a execução ocorrerá amanhã de manhã.

Depois de atravessar o terraço, o jovem se viu confrontado, na entrada do jardim, por uma senhora e um cavalheiro que lhe bloquearam o caminho; e este último lhe disse:

– Desculpe-me, senhor, mas notei sua agitação. É sobre Jacques Aubrieux, não é mesmo?

– Sim, sim, Jacques Aubrieux – o jovem gaguejou. – Jacques, meu amigo de infância. Estou apressado para ver a esposa dele. Ela deve estar desesperada.

– Posso lhe oferecer ajuda? Sou o príncipe Rénine. Esta senhora e eu ficaríamos felizes em falar com senhora Aubrieux e em colocar

nossos serviços a seu dispor.

O jovem, perturbado pela notícia que havia lido, parecia não entender e se apresentou de forma estranha:

– Meu nome é Dutreuil, Gaston Dutreuil.

Rénine acenou para seu motorista, que estava esperando a uma pequena distância, e empurrou Gaston Dutreuil para dentro do carro, perguntando:

– Qual o endereço? Onde mora a senhora Aubrieux?

– Avenida du Roule, 23 bis.

Depois de ajudar Hortense a entrar, Rénine repetiu o endereço para o motorista e, assim que o carro partiu, tentou questionar Gaston Dutreuil:

– Eu sei muito pouco sobre o caso – disse ele. – Conte-me o mais brevemente possível. Jacques Aubrieux matou um de seus parentes próximos, não foi?

– Ele é inocente, senhor – respondeu o jovem, que parecia incapaz de dar a menor explicação. – Inocente, eu juro. Sou amigo de Jacques há vinte anos... Ele é inocente... e será monstruoso...

Nada mais podia ser tirado dele. Além disso, a viagem era curta. Entraram em Neuilly pela Porte des Sablons e, dois minutos depois, pararam diante de uma passagem longa e estreita entre muros altos que os levou a uma pequena casa de um andar.

Gaston Dutreuil tocou.

– A senhora está na sala de visitas, com sua mãe – disse a empregada que abriu a porta.

– Vou até as senhoras – disse ele, levando Rénine, e Hortense consigo.

Era uma sala não muito grande, bem mobiliada e que, em tempos comuns, devia ser usada também como ambiente de estudo. Duas

mulheres sentadas choravam, uma das quais, idosa e de cabelos grisalhos, veio até Gaston Dutreuil.

Ele explicou o motivo da presença de Rénine e a senhora chorou imediatamente, falando em meio aos soluços:

– O marido de minha filha é inocente, senhor. Jacques? Um homem melhor nunca viveu. Ele tinha um coração tão bom! Assassinar seu primo? Mas ele venerava o primo! Juro que não é culpado, senhor! E eles vão cometer a infâmia de matá-lo? Oh, senhor, isso matará minha filha!

Rénine percebeu que todas aquelas pessoas estavam vivendo há meses sob a obsessão daquela inocência e na certeza de que um homem sem culpa jamais poderia ser condenado. A notícia da execução, que agora era inevitável, as estava enlouquecendo.

Ele foi até uma pobre criatura curvada em dois, cujo rosto, um rosto bastante jovem emoldurado por lindos cabelos de linho, estava convulsionado por uma dor desesperada. Hortense, que já havia se sentado ao lado da moça, puxava-lhe suavemente a cabeça contra o ombro.

Rénine disse a ela:

– Senhora, eu não sei o que posso fazer pela senhora. Mas dou-lhe minha palavra de honra que, se alguém neste mundo pode lhe ser útil, sou eu mesmo. Portanto, suplico-lhe que responda às minhas perguntas como se as palavras claras e definidas de suas respostas fossem capazes de alterar o aspecto das coisas. E como se a senhora quisesse me fazer compartilhar de sua opinião sobre Jacques Aubrieux. Pois ele é inocente, não é?

– Oh, senhor, de fato ele é! – exclamou ela, e toda a alma da mulher estava nas palavras.

– Está convicta disso, mas não foi capaz de comunicar essa

certeza ao tribunal. Bem, agora deve me obrigar a compartilhá-la. Não estou lhe pedindo que entre em detalhes e viva novamente o tormento hediondo que sofreu, mas apenas que responda a certas perguntas. A senhora faria isso?

– Eu farei.

A influência de Rénine sobre ela era completa. Com algumas frases, conseguira subjugar-lá e inspirá-la a obedecer. E mais uma vez Hortense percebeu todo o poder, a autoridade e persuasão daquele homem.

– O que seu marido fazia? – perguntou ele, depois de implorar à mãe e a Gaston Dutreuil que mantivessem silêncio absoluto.

– Era corretor de seguros.

– Sorte nos negócios?

– Até o ano passado, sim.

– Então tem havido dificuldades financeiras durante os últimos meses?

– Sim.

– E o assassinato foi cometido quando?

– Em março passado, em um domingo.

– Quem foi a vítima?

– Um primo distante, o senhor Guillaume, que vivia em Suresnes.

– De quanto foi a soma roubada?

– Sessenta mil notas de francos, que este primo havia recebido na véspera, em pagamento por uma dívida de longo prazo.

– Seu marido sabia disso?

– Sim. Seu primo contou-lhe no domingo, durante uma conversa por telefone, e Jacques insistiu para que ele não mantivesse uma soma tão grande em casa, e sim a guardasse em um banco no dia seguinte.

– Isso foi pela manhã?

– À uma hora da tarde. Jacques pretendia ir à casa de Guillaume de motocicleta. Mas estava cansado e lhe disse que não sairia. Por isso, permaneceu aqui o dia todo.

– Sozinho?

– Sim. Os dois criados estavam ausentes. Eu fui ao Cinéma des Ternes com minha mãe e nosso amigo Dutreuil. À noite, soubemos que o senhor Guillaume havia sido assassinado. Na manhã seguinte, Jacques foi preso.

– Sob quais evidências?

A pobre criatura hesitou em responder: as provas de culpa tinham sido obviamente esmagadoras. Então, obedecendo a um sinal de Rénine, respondeu sem pausas:

– O assassino foi para Suresnes em uma motocicleta, e os rastros descobertos eram os da motocicleta de Jacques. Eles encontraram um lenço com as iniciais de meu marido; e o revólver que foi usado pertencia a ele. Finalmente, um de nossos vizinhos afirma que viu meu marido sair de motocicleta às três horas, e outro o viu entrar às quatro e meia. O assassinato foi cometido às quatro horas.

– E o que diz Jacques Aubrieux em sua defesa?

– Ele declara que dormiu a tarde toda. Durante esse tempo, veio alguém que conseguiu destravar o barracão e levar a motocicleta para ir a Suresnes. Quanto ao lenço e ao revólver, eles estavam no saco de ferramentas. Não haveria nada de surpreendente no uso que o assassino fez dos objetos.

– Parece uma explicação plausível.

– Sim, mas a acusação levantou duas objeções. Em primeiro lugar, ninguém, absolutamente ninguém, sabia que meu marido ficaria em casa o dia todo porque, ao contrário, era seu hábito sair

de moto todos os domingos à tarde.

– E a segunda objeção?

Ela corou e murmurou:

– O assassino foi à despensa do senhor Guillaume e bebeu meia garrafa de vinho diretamente da garrafa, e nela estavam as impressões digitais de meu marido.

Parecia que sua força se esgotara e que, ao mesmo tempo, a esperança inconsciente que a intervenção de Rénine despertara havia desaparecido de repente ante o acúmulo de fatos adversos. Novamente ela sucumbiu, mergulhando em uma espécie de meditação silenciosa da qual as atenções afetuosas de Hortense não foram capazes de distraí-la.

A mãe gaguejava:

– Jacques não é culpado, não é, senhor? Não podem punir um homem inocente. Eles não têm o direito de matar minha filha. Oh, querido, oh, querido, o que fizemos para sermos torturados desta maneira? Minha pobrezinha Madeleine!

– Ela vai se matar – disse Dutreuil com a voz assustada. – Ela nunca conseguirá suportar a ideia de que estão guilhotinando Jacques. Ela vai se matar certamente... nesta mesma noite...

Rénine estava andando de um lado para outro na sala.

– Você não pode fazer nada por ela, pode? – perguntou Hortense.

– São onze e meia agora – Rénine respondeu, em tom ansioso –, e isso acontecerá amanhã de manhã.

– Você acha que ele é culpado?

– Eu não sei... eu não sei... A convicção da pobre mulher é impressionante demais para ser negligenciada. Quando duas pessoas vivem juntas há anos, dificilmente podem se enganar a esse ponto. E ainda...

Ele se esticou em um sofá e acendeu um cigarro. Fumou três em seguida, sem uma palavra de ninguém para interromper sua linha de pensamento. De vez em quando, olhava para o relógio. Cada minuto era de tamanha importância! Finalmente, voltou-se para Madeleine Aubrieux, pegou suas mãos e disse, muito gentilmente:

– Você não deve se matar. Ainda há esperança até o último minuto; e eu prometo que, de minha parte, não desanimarei até esse último minuto. Mas eu preciso de sua calma e de sua confiança.

– Eu estarei calma – ela respondeu, com um aspecto lamentável.

– E confiante?

– E confiante.

– Bem, espere por mim. Voltarei dentro de duas horas. Você virá conosco, senhor Dutreuil?

Enquanto entravam no carro, Rénine perguntou ao rapaz:

– Você conhece algum restaurante pequeno e pouco frequentado, não muito longe, dentro de Paris?

– Ali está a Brasserie⁷ Lutetia, no piso térreo da casa em que moro, na Praça des Ternes.

– Excelente. Será muito útil.

Quase não conversaram durante o trajeto. Até que Rénine disse a Gaston Dutreuil:

– Até onde me lembro, os números das notas são conhecidos, não são?

– Sim, senhor. Guillaume havia inserido os sessenta números em seu livro de bolso.

Rénine murmurou, um momento depois:

– É aí que reside todo o problema. Onde estão as notas? Se pudéssemos colocar nossas mãos nelas, saberíamos de tudo.

Na Brasserie Lutetia havia um telefone na sala privada, onde ele pediu para ser servido o almoço. Assim que o garçom o deixou sozinho com Hortense e Dutreuil, Rénine pegou o receptor com decisão:

– Alô! delegacia de polícia, por favor... Alô! Alô! É da delegacia de polícia? Por favor, passe-me para o departamento de investigação criminal. Eu tenho uma comunicação muito importante a fazer. Você pode dizer que é o príncipe Rénine.

Segurando o aparelho, voltou-se para Gaston Dutreuil:

– Posso pedir a alguém que venha até aqui, suponho... Não seremos perturbados...

– Sem dúvida.

Ele colocou o fone novamente ao ouvido:

– É o secretário do chefe do departamento de investigação criminal? Oh, excelente! Senhor secretário, em várias ocasiões estive em comunicação com o senhor Dudouis e lhe dei informações que lhe foram de grande utilidade. Ele certamente se lembrará do príncipe Rénine. Talvez eu possa hoje lhe mostrar onde estão escondidas as notas dos sessenta mil francos que Aubrieux, o assassino, roubou de seu primo. Se ele estiver interessado na proposta, peça-lhe que envie um inspetor diretamente para a Brasserie Lutetia, na Praça des Ternes. Estarei lá com uma senhora e o senhor Dutreuil, amigo de Aubrieux. Bom dia, senhor secretário.

Quando Rénine desligou o telefone, viu os rostos espantados de Hortense e Gaston Dutreuil a confrontá-lo.

Hortense sussurrou:

– Então você sabe? Você descobriu?

– Nada – disse ele, rindo.

– E?

– E eu estou agindo como se soubesse. Não é um método ruim. Vamos almoçar?

O relógio marcou quinze para uma.

– O homem da prefeitura estará aqui – disse ele – dentro de vinte minutos, no máximo.

– E se não vier ninguém? – Hortense indagou.

– Isso me surpreenderia. É claro, se eu tivesse enviado uma mensagem ao senhor Dudouis dizendo “Aubrieux é inocente”, eu não teria causado nenhuma impressão. Não teria como, na véspera de uma execução, tentar convencer a genialidade da polícia ou da lei de que um homem condenado à morte é inocente. Não. A partir de agora, Jacques Aubrieux pertence ao carrasco. Mas a perspectiva de conseguir as sessenta notas bancárias é um golpe de sorte que compensa um pouco de trabalho. Basta pensar: este foi o ponto fraco da acusação, aquelas sessenta notas que eles não foram capazes de rastrear.

– Mas, como você não sabe de nada sobre o paradeiro delas...

– Minha querida menina, espero que você não se importe que eu a chame assim... Minha querida menina, quando um homem não consegue explicar este ou aquele fenômeno físico, ele adota algum tipo de teoria que explica suas várias manifestações e diz que tudo aconteceu como se a teoria estivesse correta. Isso é o que eu estou fazendo.

– Isso equivale a dizer que você está supondo?

Rénine não respondeu. Não até algum tempo depois, quando o almoço acabou e ele disse:

– Obviamente, estou supondo. Se eu tivesse vários dias antes de hoje, deveria me dar o trabalho de verificar primeiro minha hipótese, que se baseia tanto na intuição quanto em alguns fatos dispersos.

Mas tenho apenas duas horas, e estou enveredando pelo caminho desconhecido como se estivesse certo de que isso me levará à verdade.

– E caso você esteja errado?

– Não tenho escolha. Além disso, é tarde demais. Ouço uma batida. Oh, mais uma palavra! O que quer que eu diga, não me contradiga. Nem você, senhor Dutreuil.

Ele abriu a porta. Um homem magro, com roupas em tom de vermelho entrou:

– Príncipe Rénine?

– Sim, senhor. Você, é claro, veio a mando do senhor Dudouis?

– Sim.

E o recém-chegado deu seu nome:

– Inspetor-chefe Morisseau.

– Estou agradecido por ter vindo tão prontamente, senhor inspetor-chefe – disse o príncipe Rénine –, e espero que o senhor Dudouis não se arrependa de tê-lo colocado à minha disposição.

– À sua inteira disposição, além de dois inspetores que deixei na praça lá fora e que estiveram no caso, comigo, desde o princípio.

– Não o deterei por muito tempo – disse Rénine –, nem sequer lhe pedirei que se sente. Temos apenas alguns minutos para resolver tudo. Você sabe do que se trata?

– Os sessenta mil francos em notas, roubados do senhor Guillaume. Eu tenho os números aqui.

Rénine passou os olhos pelo pedaço de papel que o inspetor-chefe lhe entregou e disse:

– É isso mesmo. As duas listas estão de acordo.

O inspetor Morisseau parecia muito entusiasmado:

– O chefe dá imensa importância à sua descoberta. Então você

será capaz de me mostrar...

Rénine ficou em silêncio por um momento e depois declarou:

– Senhor inspetor-chefe, uma investigação pessoal, e foi uma investigação muito exaustiva, como explicarei a você agora, revelou o fato de que, ao voltar de Suresnes, o assassino, após substituir a motocicleta no galpão da Avenida du Roule, correu para o Ternes e entrou nesta casa.

– Esta casa?

– Sim.

– Mas ele veio até aqui para quê?

– Para esconder os lucros de seu roubo, as sessenta notas bancárias.

– Como assim? Onde?

– Em um apartamento cuja chave ele tinha, no quinto andar.

Gaston Dutreuil exclamou, perplexo:

– Mas só há um apartamento no quinto andar, e é neste que eu moro!

– Exatamente. E, como você estava no cinema com a senhora Aubrieux e a mãe dela, aproveitaram-se de sua ausência...

– Impossível! Ninguém tem a chave, exceto eu mesmo.

– Pode-se entrar sem a chave.

– Mas eu não vi nenhuma marca de qualquer tipo...

Morisseau interveio:

– Vamos nos entender um ao outro. Você diz que as notas do banco estavam escondidas no apartamento do senhor Dutreuil?

– Sim.

– Então, como Jacques Aubrieux foi preso na manhã seguinte, as notas ainda devem estar lá...

– Esta é a minha opinião.

Gaston Dutreuil não pôde deixar de rir:

– Mas isso é um absurdo! Eu as teria encontrado!

– Você as procurou?

– Não. Mas eu deveria tê-las encontrado a qualquer momento. O lugar não é grande o suficiente para abanar um gato. Você gostaria de vê-lo?

– Por menor que seja, é grande o suficiente para abrigar sessenta pedaços de papel.

– Claro, tudo é possível – disse Dutreuil. – Ainda assim, devo repetir que ninguém, que eu saiba, esteve em meus aposentos; que existe apenas uma chave; que sou minha própria governanta; e que não consigo entender bem...

Hortense também não conseguia entender. Com os olhos fixos no príncipe Rénine, estava tentando ler seus pensamentos mais íntimos. Que jogo ele estava fazendo? Era seu dever apoiar suas declarações? Ela terminou dizendo:

– Senhor inspetor-chefe, já que o príncipe Rénine sustenta que as notas foram guardadas lá em cima, o mais simples não seria ir e olhar? O senhor Dutreuil vai nos levar para cima, não vai?

– Neste minuto – disse o jovem. – Como você diz, isso será o mais simples.

Os quatro subiram os cinco andares e, depois que Dutreuil abriu a porta, entraram em um minúsculo conjunto de cômodos, composto por uma sala de estar, quarto, cozinha e banheiro, tudo arrumado de maneira prática. Era fácil ver que cada cadeira na sala de estar ocupava um lugar definido. Os cachimbos tinham um suporte próprio; os fósforos também.

Três bengalas, dispostas de acordo com seu comprimento, estavam penduradas em três pregos. Em uma pequena mesa diante

da janela, uma caixa de chapéus, cheia de lenços de papel, aguardava o chapéu de feltro que Dutreuil cuidadosamente nela o acomodou. Colocou suas luvas ao lado, sobre a tampa.

Ele fez tudo isso com movimentos calmos e mecânicos, como um homem que gosta de ver as coisas nos lugares que escolheu para elas. De fato, logo que Rénine mudou algo, Dutreuil fez um leve gesto de protesto, apanhou o chapéu novamente, enfiou-o na cabeça, abriu a janela e descansou os cotovelos no peitoril, com as costas voltadas para o quarto, como se não pudesse suportar a visão de tal vandalismo.

– Você tem certeza, não é? – perguntou o inspetor a Rénine.

– Sim, sim, tenho certeza de que as sessenta notas foram trazidas para cá após o assassinato.

– Vamos procurá-las.

Isto foi feito com rapidez e facilidade. Em meia hora nem um canto ficou inexplorado, sequer um milímetro sem ser esquadrinhado.

– Nada – disse o inspetor Morisseau. – Devemos continuar?

– Não – respondeu Rénine. – As notas não estão mais aqui.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que elas foram removidas.

– Por quem? Você não pode fazer uma acusação mais definitiva?

Rénine não respondeu. Mas Gaston Dutreuil se virou. Estava fora de si:

– Senhor inspetor, gostaria que eu tornasse a acusação mais definitiva, depois das observações deste cavalheiro? Tudo isso significa que há aqui um homem desonesto, que as notas escondidas pelo assassino foram descobertas e roubadas por esse homem desonesto e depositadas em outro lugar mais seguro. Essa é sua ideia, senhor, não é? E você me acusa de ter cometido este

roubo, não é verdade?

E ele se rebelou, batendo no peito com os punhos:

– Eu! Eu! Eu encontrei as notas e as guardei para mim mesmo?

Você ousa sugerir isso?

Rénine ainda não deu nenhuma resposta. Dutreuil voou em fúria e, deixando o inspetor Morisseau de lado, exclamou:

– Senhor inspetor, protesto fortemente contra toda esta farsa e o papel que o senhor inconscientemente está desempenhando nela. Antes de sua chegada, o príncipe Rénine disse a esta senhora e a mim mesmo que ele não sabia de nada, que estava se aventurando neste caso e que estava seguindo o primeiro caminho que se oferecia, confiando na sorte. Você o nega?

Rénine não abriu a boca.

– Responda-me, sim? Explique-se, pois, na verdade, você está apresentando os fatos mais improváveis sem nenhuma prova. É fácil dizer que eu roubei as notas. E como você poderia saber que elas estavam aqui? Quem as trouxe para cá? Por que o assassino deveria escolher este apartamento para escondê-las? É tudo tão estúpido, tão ilógico e absurdo! Dê-nos suas provas, senhor... uma única prova!

O inspetor Morisseau parecia perplexo. Ele interrogou o príncipe com um olhar. Rénine disse:

– Como você quer detalhes específicos, nós os obteremos da própria senhora Aubrieux, ao telefone. Vamos descer as escadas. Saberemos de tudo isso em um minuto.

Dutreuil encolheu os ombros:

– Como queira; mas que perda de tempo!

Ele parecia muito irritado. Sua longa espera na janela, sob um sol escaldante, o havia empapado de suor. Foi para seu quarto e voltou

com uma garrafa de água, da qual tomou alguns goles, depois colocou-a no parapeito da janela:

– Vamos! – disse ele.

O príncipe Rénine riu.

– Você parece estar com pressa de sair daqui.

– Tenho pressa em lhe mostrar – retorquiu Dutreuil, batendo a porta.

Desceram para a sala privada que tinha o telefone. O ambiente estava vazio. Rénine pediu o número de Aubrieux a Gaston Dutreuil.

A empregada que veio ao telefone respondeu que a senhora Aubrieux havia desmaiado, depois de sofrer um acesso de desespero, e que agora estava dormindo.

– Vá buscar a mãe dela, por favor. Fale que é o príncipe Rénine. É urgente.

Ele entregou o segundo telefone a Morisseau. As vozes eram tão distintas que Dutreuil e Hortense conseguiam ouvir cada palavra trocada.

– É a senhora?

– Sim. Príncipe Rénine, eu acredito?

– Príncipe Rénine.

– Oh, senhor, que novidades tem para mim? Há alguma esperança? – perguntou a senhora idosa, em tom de súplica.

– A investigação está prosseguindo de forma muito satisfatória – disse Rénine –, e pode-se esperar o melhor. No momento, quero que me dê alguns detalhes muito importantes. No dia do assassinato, Gaston Dutreuil foi à sua casa?

– Sim, ele veio buscar minha filha e a mim, depois do almoço.

– Ele sabia na época que o senhor Guillaume tinha sessenta mil francos em sua casa?

– Sim, eu lhe contei.

– E que Jacques Aubrieux não estava se sentindo muito bem e estava decidido a não fazer seu habitual passeio de motocicleta, mas, sim, ficar em casa e dormir?

– Sim.

– Você tem certeza?

– Absolutamente.

– E vocês três foram ao cinema juntos?

– Sim.

– E estavam todos sentados juntos?

– Oh, não! Não havia lugar. Ele se sentou mais distante.

– Um lugar onde você pudesse vê-lo?

– Não.

– Mas ele veio até vocês durante o intervalo?

– Não, nós não o vimos até sairmos.

– Não há dúvida disso?

– Nenhuma dúvida.

– Muito bem, senhora. Vou lhe dizer o resultado de meus esforços dentro de uma hora. Mas, acima de tudo, não acorde a senhora Aubrieux.

– E se ela acordar por sua própria vontade?

– Tranquilize-a e lhe passe confiança. Tudo está indo bem, muito bem mesmo.

Desligou o receptor e virou-se para Dutreuil, rindo:

– Ahá, meu rapaz! As coisas estão começando a parecer mais claras. O que você acha?

Era difícil dizer o que aquelas palavras significavam ou que conclusões Rénine havia tirado de sua conversa. O silêncio era doloroso e opressivo.

– Senhor inspetor-chefe, o senhor tem alguns de seus homens lá fora, não?

– Dois detetives-sargentos.

– É importante que eles estejam lá. Por favor, peça também ao gerente para não nos incomodar de forma alguma.

E, quando Morisseau voltou, Rénine fechou a porta, tomou posição na frente de Dutreuil e, falando em tom bem-humorado, mas enfático, disse:

– É o seguinte, meu jovem, as senhoras não viram você entre as três e cinco horas daquele domingo. Esse é um detalhe bastante curioso.

– Um detalhe perfeitamente natural – retorquiu Dutreuil – e que, além disso, não prova nada.

– Prova, meu jovem, que você tinha duas boas horas à sua disposição.

– Obviamente. Duas horas que eu passei no cinema.

– Ou em algum outro lugar.

Dutreuil olhou para ele:

– Em algum outro lugar?

– Sim. Como você estava livre, tinha muito tempo para ir aonde quisesse... a Suresnes, por exemplo.

– Oh! – disse o jovem, brincando, por sua vez. – Suresnes é muito distante!

– Está bem perto! Você não tinha a motocicleta de seu amigo Jacques Aubrieux?

Uma nova pausa se seguiu a essas palavras. Dutreuil tinha franzido as sobrancelhas como se estivesse tentando entender. Finalmente, ele sussurrou:

– Então era isso que ele estava tentando fazer... O estúpido!

Rénine colocou a mão com força no ombro de Dutreuil:

– Chega de conversa! Fatos! Gaston Dutreuil, você é a única pessoa que naquele dia sabia de duas coisas essenciais: primeiro, que o primo Guillaume tinha sessenta mil francos em sua casa; segundo, que Jacques Aubrieux não estava saindo. Você viu imediatamente sua chance. A motocicleta estava disponível. Você escapou durante a sessão de cinema. Foi para Suresnes. Matou o primo Guillaume. Pegou as sessenta notas bancárias e as deixou em seu apartamento. E às cinco horas você voltou para buscar as senhoras.

Dutreuil tinha escutado com uma expressão ao mesmo tempo zombeteira e ansiosa, lançando um olhar ocasional ao inspetor Morisseau como se o listasse para testemunha: “O homem está louco”, parecia dizer. “Não adianta ficar bravo com ele”.

Quando Rénine terminou, Dutreuil começou a rir.

– Muito engraçado! Uma piada capital! Então fui eu quem os vizinhos viram indo e voltando na motocicleta.

– Foi você disfarçado com as roupas de Jacques Aubrieux.

– E foram as minhas impressões digitais que foram encontradas na garrafa na despensa do senhor Guillaume?

– A garrafa tinha sido aberta por Jacques Aubrieux no almoço, em sua própria casa, e foi você quem a levou consigo para servir de prova.

– Mais engraçado e mais ridículo ainda! – gritou Dutreuil, que parecia se divertir francamente. – Então eu planejei todo o caso para que Jacques Aubrieux pudesse ser acusado do crime...

– Era o meio mais seguro de não ser você o acusado.

– Sim, mas Jacques é um amigo que eu conheço desde a infância.

– Você está apaixonado pela esposa dele.

O jovem deu um grito repentino e enfurecido:

– Você ousa! Você ousa fazer uma sugestão tão infame?

– Eu tenho provas disso.

– Isso é uma mentira! Eu sempre respeitei Madeleine Aubrieux e a venerei...

– Aparentemente. Mas você está apaixonado por ela. Você a deseja. Não me contradiga. Eu tenho provas abundantes disso.

– Isso é uma mentira, eu lhe digo! Você só me conhece há algumas horas!

– Venha, venha! Há dias que o observo calmamente, esperando o momento de atacar.

Ele pegou o jovem pelos ombros e o sacudiu:

– Venha, Dutreuil, confesse! Eu tenho todas as provas na mão. Tenho testemunhas com as quais nos encontraremos em breve no departamento de investigação criminal. Confessar não é possível? Apesar de tudo, você é torturado pelo remorso. Lembre-se de sua consternação, no restaurante, quando viu o jornal. O quê? Jacques Aubrieux condenado à morte? Isso é mais do que você esperava! Uma pena de prisão teria se encaixado ao seu enredo, mas a guilhotina... Jacques Aubrieux executado amanhã, um homem inocente! Confesse! Não é verdade? Confesse para salvar sua própria pele! Confesse!

Inclinando-se sobre o outro, ele tentava com todas as suas forças extorquir-lhe uma confissão. Mas Dutreuil se manteve impassível e frio e, com uma espécie de escárnio em sua voz, falou:

– O senhor é um louco. Nem uma palavra que você disse faz qualquer sentido. Todas as suas acusações são falsas. E quanto às notas bancárias? Você as encontrou em minha casa, como disse que encontraria?

Rénine, exasperado, deu-lhe com o punho na cara:

– Oh, seu porco, eu ainda vou quebrá-lo, eu juro que vou!

Ele chamou o inspetor à parte:

– Bem, o que você me diz? Um desonesto, não acha?

O inspetor acenou com a cabeça:

– Pode ser... Mas, mesmo assim... até agora não há provas concretas.

– Espere, senhor Morisseau – disse Rénine. – Espere até que tenhamos nossa entrevista com o senhor Dudouis. Pois nós veremos o senhor Dudouis na prefeitura, não é mesmo?

– Sim, ele estará lá às três horas.

– Bem, você ficará convencido, senhor inspetor! Eu lhe digo aqui e agora que ficará convencido.

Rénine ria como um homem que se sente seguro do curso dos acontecimentos. Hortense, que estava a seu lado, pôde falar com ele sem ser ouvida pelos outros e perguntou, em voz baixa:

– Você o pegou, não é mesmo?

Ele acenou com a cabeça em concordância:

– Se eu o apanhei? Eu deveria pensar que sim! Mas, apesar disso, não estou mais adiantado do que estava no início.

– Mas isso é horrível! E suas provas?

– Não tenho nem a sombra de uma prova... Eu esperava que ele tropeçasse. Mas o rapaz manteve seus pés firmes, o malandro!

– Ainda assim, você tem certeza de que é ele?

– Não pode ser outra pessoa. Tive uma intuição logo no início; e desde então não tirei os olhos de cima dele. Vi sua ansiedade aumentar à medida que minhas investigações pareciam centrar-se nele e preocupá-lo mais de perto. Agora eu sei.

– E ele está apaixonado pela senhora Aubrieux?

– Na lógica, está destinado a estar. Mas até agora temos apenas suposições, ou melhor, certezas que são minhas. Nunca interceptaremos a guilhotina com essas presunções. Ah, se pudéssemos apenas encontrar as notas bancárias! Se entregássemos o dinheiro, o senhor Dudouis agiria. Sem isso, apenas rirá na minha cara.

– O que será então? – murmurou Hortense, com voz angustiada.

Ele não respondeu. Perambulava pela sala, assumindo um ar de alegria e esfregando as mãos. Tudo estava indo tão bem! Foi realmente um prazer pegar um caso que, por assim dizer, se resolveu automaticamente.

– E se fôssemos para a prefeitura, senhor Morisseau? O chefe já deve estar lá. E, tendo ido tão longe, podemos muito bem terminar. Será que o senhor Dutreuil irá conosco?

– Por que não? – disse Dutreuil, arrogantemente.

Mas, quando Rénine estava abrindo a porta, houve um barulho na passagem, e o gerente correu para o grupo, balançando os braços:

– O senhor Dutreuil ainda está aqui? Senhor Dutreuil, seu apartamento está pegando fogo! Um homem lá fora nos disse. Ele o viu da praça.

Os olhos do jovem faiscaram. Durante talvez meio segundo, sua boca foi torcida por um sorriso que Rénine notou:

– Oh, seu malandro! – exclamou. – Você se entregou, meu querido! Foi você quem incendiou o lugar lá em cima; e agora as notas estão queimando.

Ele bloqueou sua saída.

– Deixe-me passar – gritou Dutreuil. – Há um incêndio e ninguém pode entrar, porque ninguém mais tem a chave. Aqui está ela. Deixe-me passar, maldição!

Rénine arrancou a chave de sua mão e, segurando-o pelo colarinho, avisou:

– Não se mexa, meu bom amigo! O jogo está pronto! Senhor Morisseau, você dará ordens ao sargento para não o perder de vista e explodir seus miolos se ele tentar fugir? Sargento, nós confiamos em você! Ponha uma bala nele, se necessário...

Apressou-se a subir as escadas, seguido por Hortense e pelo inspetor-chefe, que protestava um tanto irritado:

– Mas eu digo, olha aqui, não foi ele quem ateou fogo ao lugar! Como você acha que fez isso, sendo que sempre estivemos juntos?

– Ora, ele colocou fogo de antemão, com certeza!

– Como? Pergunto-lhe, como?

– Como vou saber? Mas um incêndio não se inicia assim, sem razão alguma, no exato momento em que um homem quer queimar papéis comprometedores.

Eles ouviram um tumulto lá em cima. Eram os garçons do restaurante tentando abrir a porta. Um cheiro de acrílico encheu a escada.

Rénine chegou ao último andar.

– Com sua licença, amigos. Eu tenho a chave.

Enfiou-a na fechadura e abriu a porta. Foi recebido por uma rajada de fumaça tão densa que se poderia muito bem ter suposto que todo o chão estivesse em chamas. Rénine imediatamente viu que o fogo havia apagado sozinho, por falta de combustível, e que não havia mais chamas.

– Senhor Morisseau, você não deixará ninguém entrar conosco, certo? Um intruso poderá estragar tudo. Feche a porta, será melhor.

Ele entrou na sala da frente, onde o fogo obviamente tinha seu centro principal. Os móveis, as paredes e o teto, embora

enegrecidos pela fumaça, não haviam sido tocados. De fato, o fogo estava confinado a uma pilha de papéis que ainda estava queimando no meio da sala, em frente à janela.

Rénine bateu em sua testa:

– Que tolo eu sou! Que idiota!

– Por quê? – perguntou o inspetor.

– A caixa do chapéu, é claro! A caixa de chapéu feita de papelão, que estava sobre a mesa. Foi lá que ele escondeu as anotações. Estiveram ali durante toda a nossa busca.

– Impossível!

– Sim, porque nós sempre ignoramos aquele esconderijo em particular, aquele logo abaixo de nossos olhos, ao alcance de nossas mãos! Como se poderia imaginar que um ladrão deixaria sessenta mil francos em uma caixa de papelão aberta, na qual ele coloca seu chapéu quando entra, com um ar distraído? Esse é apenas o único lugar que não procuramos... Bem bolado, senhor Dutreuil!

O inspetor, que permanecia incrédulo, repetiu:

– Não, não, impossível! Estávamos ali. Ele mesmo não poderia ter iniciado o fogo.

– Tudo foi preparado de antemão, supondo que poderia haver um alarme... A caixa do chapéu... os lenços de papel... as notas bancárias: tudo deve ter sido mergulhado em algum líquido inflamável. Ele deve ter jogado um fósforo, um preparado químico, quando estávamos saindo.

– Mas nós teríamos visto! E então, é crível que um homem que cometeu um assassinato por causa de sessenta mil francos deva acabar com o dinheiro dessa maneira? Se o esconderijo era tão bom, e era, porque nunca o descobrimos, por que essa destruição

inútil?

– Ele se assustou, senhor Morisseau. Lembre-se de que sua cabeça está em jogo e ele sabe disso. Qualquer coisa em vez da guilhotina; e as notas bancárias eram as únicas provas que tínhamos contra ele. Como poderia deixá-las onde estavam?

Morisseau ficou aturdido:

– O quê! A única prova?

– Obviamente!

– Mas e as suas testemunhas? Suas evidências? Tudo o que você ia dizer ao chefe?

– Mero blefe.

– Bem, por minha palavra – rosnou o inspetor, desorientado –, você é uma boa pessoa.

– Você teria agido sem o meu blefe?

– Não.

– Então o que mais você quer?

Rénine se abaixou para agitar as cinzas. Mas não havia sobrado nada, nem mesmo aqueles restos de papel rígido que ainda conservam sua forma.

– Nada – murmurou. – É esquisito, mesmo assim! Como ele foi capaz de acender essa coisa?

Levantou-se, olhando com atenção. Hortense tinha a sensação de que ele estava fazendo seu esforço supremo e que, após aquela última luta no escuro, ou elaboraria seu plano de vitória ou admitiria a derrota.

Caindo de ansiedade, ela perguntou:

– Está tudo acabado, não está?

– Não, não – disse ele, pensando bem –, não está tudo acabado. Foi há alguns segundos. Mas agora há um brilho de luz... e um

brilho que me dá esperança.

– Que Deus conceda que possa ser justificado!

– Devemos ir devagar – acrescentou. – É apenas uma tentativa, mas uma boa, uma tentativa muito boa; e pode ser bem-sucedida.

Permaneceu em silêncio por um momento. Depois, com um sorriso divertido e um clique da língua, disse:

– Um sujeito infernalmente inteligente, esse Dutreuil! Seu truque de queimar as notas: que imaginação fértil! E que frieza! Uma dança bonita em que o mendigo me conduziu! Ele é um mestre!

Pegou uma vassoura da cozinha e varreu uma parte das cinzas para a sala ao lado, retornando com uma caixa de chapéu do mesmo tamanho e aparência da que havia sido queimada. Depois de amassar os lenços de papel com os quais a preencheu, colocou a caixa sobre a mesinha e ateou fogo a ela com um fósforo.

A caixa irrompeu em chamas, que Rénine extinguiu quando tinham consumido metade do papelão e quase todo o papel. Então tirou do bolso interno de seu colete um maço de notas bancárias e selecionou seis, que queimaram quase por completo, arrumando os restos e escondendo as demais notas no fundo da caixa, entre as cinzas e os pedaços de papel escurecido.

– Sr. Morisseau, – disse ele, – estou pedindo sua ajuda pela última vez. Vá buscar Dutreuil. Diga-lhe exatamente isto: “Você está desmascarado. As notas não pegaram fogo. Venha comigo”. E traga-o até aqui.

Apesar de sua hesitação e do medo de exceder as instruções do chefe do serviço de detetives, o inspetor-chefe se viu impotente ante a ascendência que Rénine havia adquirido sobre ele. Deixou a sala.

Rénine virou-se para Hortense:

– Você entende meu plano de batalha?

– Sim – ela falou –, mas é uma experiência perigosa. Você acha que Dutreuil cairá na armadilha?

– Tudo depende do estado dos nervos dele e do grau de desmoralização ao qual estiver reduzido. Um ataque surpresa pode fazer muito bem para ele.

– No entanto, suponha que ele reconheça por algum sinal alguma mudança na caixa.

– Oh, é claro, ele tem algumas chances a seu favor! O sujeito é muito mais astuto do que eu pensava e bastante capaz de se desviar da armadilha. De outro lado, porém, como deve estar inquieto! Como o sangue deve estar zumbindo em seus ouvidos e obscurecendo sua visão! Não, não creio que escape da armadilha... Ele vai ceder... Vai ceder...

Não trocaram mais palavras. Rénine não se moveu. Hortense estava profundamente agitada. A vida de um homem inocente estava em suspenso, tremendo na balança. Um erro de julgamento, um pouco de azar... e doze horas depois Jacques Aubrieux estaria morto.

E, junto com uma horrível angústia que ela experimentava, a despeito de tudo, havia um sentimento de curiosidade e ansiedade. O que o príncipe Rénine faria? Qual seria o resultado da experiência na qual ele estava se aventurando? Que resistência Gaston Dutreuil ofereceria?

Ela viveu um daqueles minutos de tensão sobre-humana em que a vida se intensifica até atingir seu valor máximo.

Ouviram passos nas escadas, de homens apressados. O som se aproximava mais. Estavam alcançando o último andar. Hortense olhou para seu companheiro. Ele se levantou e estava escutando, as feições já transfiguradas pela ação. Os passos agora ecoavam

no corredor.

Então, de repente, Rénine correu para a porta e gritou:

– Rápido! Vamos dar um fim nisso!

Dois ou três detetives e dois garçons entraram. Ele pegou Dutreuil do meio dos detetives e o puxou pelo braço, exclamando alegremente:

– Muito bem, meu velho! Esse seu truque com a mesa e a garrafa de água foi realmente esplêndido! Uma obra-prima, eu diria! Só que... não deu certo!

– O que você quer dizer? Qual é o problema? – murmurou Gaston Dutreuil, cambaleante.

– O que eu digo: o fogo queimou apenas metade dos lenços de papel e da caixa do chapéu; e, embora algumas das notas bancárias tenham sido destruídas, como os lenços de papel, as outras estão lá, no fundo... Você entendeu? As notas há muito procuradas, a grande prova do assassinato: elas estão lá, onde você as escondeu... Por acaso, escaparam do fogo... Aqui, veja: aqui estão os números; você pode checá-los... Oh, você está feito, minha beleza!

O jovem aprumou-se rigidamente. Suas pálpebras estremeceram. Não aceitou o convite de Rénine para olhar, não examinou nem a caixa do chapéu nem as notas bancárias. Desde o primeiro momento, sem tomar tempo para refletir e antes que seu instinto pudesse adverti-lo, acreditou no que lhe foi dito e despencou fortemente em uma cadeira, chorando.

O ataque surpresa, para usar a expressão de Rénine, fora bem-sucedido. Ao ver todos os seus planos descobertos e o mestre inimigo de seus segredos, o homem miserável não tinha nem a força nem a perspicácia necessárias para se defender. Ele mordeu a

isca.

Rénine não lhe deu tempo para respirar.

– Viva! Você está salvando sua cabeça; e isso é tudo, meu bom jovem! Escreva sua confissão e desabafe. Aqui está uma caneta-tinteiro... A sorte tem sido contra você, admito. Seu truque do último momento foi diabolicamente bem pensado. Você tinha as notas bancárias que estavam em seu caminho e que precisava destruir. Nada mais simples. Você pegou uma grande garrafa de água em formato arredondado e a colocou no parapeito da janela. Ela agiu como um vidro de queima, concentrando os raios do sol no papelão e no lenço de papel, tudo muito bem preparado. Dez minutos depois, os papéis irromperam em chamas. Uma esplêndida ideia! E, como todas as grandes descobertas, ela veio por acaso, certo? Faz lembrar a maçã de Newton... Um dia o sol, passando pela água daquela garrafa, deve ter incendiado um pedaço de algodão ou a cabeça de um fósforo; e, como você tinha o sol à sua disposição há pouco, disse a si mesmo “Agora é a hora” e colocou a garrafa na posição certa. Meus parabéns, Gaston! Veja, aqui está uma folha de papel. Escreva: “Fui eu quem assassinou o senhor Guillaume”. Escreva, vou lhe ditar!

Inclinando-se sobre o jovem, com toda a sua implacável força de vontade, ele o obrigou a escrever, guiando sua mão e ditando as sentenças. Dutreuil, exausto, no final de suas forças, escreveu como lhe foi dito.

– Aqui está a confissão, senhor inspetor-chefe – disse Rénine. – Você terá a bondade de levá-la ao senhor Dudouis. Estes senhores – voltando-se para os garçons do restaurante – consentem, tenho certeza, em servir como testemunhas.

E, vendo que Dutreuil, abalado pelo que havia acontecido, não se

mexia, deu-lhe uma sacudida:

– Ei, você, mostre-se vivo! Agora que você foi tolo o suficiente para confessar, faça o trabalho até o fim, meu gentil idiota!

Os outros o observavam, parados à sua frente.

– Obviamente – continuou Rénine –, você é apenas um simplório. A caixa do chapéu estava bastante queimada, assim como as notas. Esta caixa de chapéus, meu caro amigo, é diferente; e estas notas me pertencem. Eu até queimei seis delas para fazer você engolir a cilada. E você não conseguia perceber o que havia acontecido. Que coruja você deve ser! Para me fornecer provas no último momento, quando eu não tinha uma única prova! E que evidência! Uma confissão por escrito! Escrita diante de testemunhas! Olhe aqui, meu homem, se eles cortarem sua cabeça, como eu sinceramente espero que façam, pela minha palavra, você terá merecido! Adeus, Dutreuil!

Lá embaixo, na rua, Rénine pediu a Hortense Daniel para pegar o carro e ir até Madeleine Aubrieux para lhe contar o que havia acontecido.

– E você? – perguntou Hortense.

– Eu tenho muito a fazer... compromissos urgentes...

– E você nega a si mesmo o prazer de levar a boa notícia?

– É uma das satisfações que se tem. O único prazer que nunca se abandona é o da própria luta. Depois disso, as coisas deixam de ser interessantes.

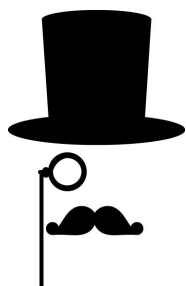
Hortense pegou a mão dele e, por um momento, segurou-a nas suas. Teria gostado de expressar toda a sua admiração por aquele homem estranho, que parecia fazer o bem como uma espécie de jogo e que o fez como um gênio. Mas não conseguia falar. Todos aqueles incidentes rápidos a tinham perturbado. A emoção apertou-

lhe a garganta e provocou lágrimas.

Rénine curvou a cabeça e disse:

– Obrigado. Eu tenho minha recompensa.

⁷ Cervejaria. (N.R.)



O caso de Jean Louis

– Senhor – continuou a jovem, dirigindo-se a Serge Rénine –, foi enquanto eu passava as férias da Páscoa em Nice com meu pai que conheci Jean Louis d’Imbleval...

Rénine a interrompeu:

– Desculpe-me, senhorita, mas agora mesmo você falou deste jovem como Jean Louis Vaurois.

– Esse também é o nome dele – disse ela.

– Ele tem dois nomes, então?

– Eu não sei... Não sei de nada sobre isso – emendou, com algum embaraço –, e é por isso que, por conselho de Hortense, vim pedir sua ajuda.

Essa conversa estava acontecendo no apartamento de Rénine, no Boulevard Haussmann, ao qual Hortense havia trazido sua amiga Geneviève Aymard, uma criaturinha esbelta e bonita, com o rosto ofuscado por uma expressão da maior melancolia.

– Rénine será bem-sucedido, acredite em minha palavra, Geneviève. Você vai, Rénine, não é mesmo?

– Por favor, conte-me o resto da história, senhorita – ele pediu.

Geneviève continuou:

– Eu já estava noiva de um homem que eu desprezo e detesto.

Meu pai estava procurando me forçar a casar com ele e ainda está tentando fazer isso. Jean Louis e eu sentimos a mais viva simpatia um pelo outro, uma afinidade que logo se desenvolveu em um profundo e apaixonado afeto que, posso lhes assegurar, foi igualmente sincero de ambos os lados. No meu retorno a Paris, Jean Louis, que vive no campo com sua mãe e sua tia, ocupou quartos em nossa propriedade na cidade. Como me é permitido sair sozinha, nos víamos diariamente. Não preciso lhes dizer que estávamos prestes a nos casar. Eu contei isso a meu pai. E ele respondeu assim: “Eu, particularmente, não gosto do noivo. Mas, seja ele ou outro, o que eu desejo é que você se case. Então, deixe-o vir para que peça sua mão. Se não, você deve fazer o que eu digo”. Em meados de junho, Jean Louis foi para casa para tratar dos assuntos com sua mãe e sua tia. Recebi algumas cartas apaixonadas; e depois apenas estas poucas palavras:

Há obstáculos demais no caminho de nossa felicidade. Eu desisto. Estou louco de desespero. Eu a amo mais do que nunca. Adeus e me perdoe.

“Desde então, não recebi mais nada: nenhuma resposta às minhas cartas e telegramas.”

– Talvez ele tenha se apaixonado por outra pessoa? – perguntou Rénine. – Ou pode haver algum relacionamento antigo do qual ele não seja capaz de se livrar.

Geneviève balançou a cabeça em uma negativa:

– Senhor, acredite-me, se nosso noivado tivesse sido interrompido por uma razão comum, eu não teria permitido que Hortense o incomodasse. Mas é algo bem diferente, estou absolutamente convencida. Há um enigma na vida de Jean Louis, ou melhor, um

número infinito de mistérios que o atrapalham e o perseguem. Nunca vi tal aflição em um rosto humano. Desde o primeiro momento de nosso encontro, estavam presentes nele uma dor e melancolia que sempre persistiram, mesmo em momentos em que ele se entregava ao nosso amor com a maior confiança.

– Mas sua impressão deve ter sido confirmada por pequenos detalhes, por coisas que aconteceram para lhe parecerem peculiares.

– Eu não sei bem o que dizer.

– Estes dois sobrenomes, por exemplo...

– Sim, certamente houve isso.

– Com que nome ele se apresentou a você?

– Jean Louis d'Imbleval.

– Mas e Jean Louis Vaurois?

– É assim que meu pai o chama.

– Por quê?

– Porque foi assim que ele foi apresentado ao meu pai, em Nice, por um cavalheiro que o conhecia. Além disso, ele carrega cartões de visita que o apresentam com qualquer um dos nomes.

– Você nunca o questionou sobre esse ponto?

– Sim, já o questionei, duas vezes. Na primeira vez, ele disse que o nome de sua tia era Vaurois e o de sua mãe, d'Imbleval.

– E a segunda vez?

– Ele me disse o contrário: falou de sua mãe como Vaurois e da tia como d'Imbleval. Eu notei isso. Ele corou e eu achei melhor não o questionar mais.

– Ele vive longe de Paris?

– Bem na Bretanha: no Manoir d'Elseven, a oito quilômetros de Carhaix.

Rénine se levantou e perguntou à garota, a sério:

– Tem certeza de que ele a ama, senhorita?

– Tenho certeza disso e sei também que ele representa toda a minha vida e toda a minha felicidade. Só ele pode me salvar. Se não puder, então estarei casada dentro de uma semana com um homem que eu odeio. Prometi a meu pai; e os proclamas já foram publicados.

– Partiremos para Carhaix, senhora Daniel e eu, nesta noite – disse Rénine.

Naquela noite, ele e Hortense pegaram o trem para a Bretanha. Chegaram a Carhaix às dez horas da manhã e, depois do almoço, ao meio-dia e meia, entraram em um carro emprestado por um dos principais moradores do distrito.

– Você está um pouco pálida, minha querida – disse Rénine, com uma gargalhada, quando eles desembarcaram junto ao portão do jardim em Elseven.

– Eu gosto muito de Geneviève. Ela é a única amiga que tenho. E eu estou me sentindo assustada.

Ele chamou sua atenção para o fato de que o portão central estava ladeado por duas portinholas com os nomes de senhora d’Imbleval e senhora Vaurois, respectivamente. Cada uma dessas portinholas abria para um caminho estreito que corria entre os arbustos à esquerda e à direita da entrada principal.

A entrada propriamente dita levou a uma velha casa senhorial, longa, baixa e pitoresca, mas dotada de duas alas desajeitadas e feias, cada uma com um estilo diferente de arquitetura e cada qual formando o destino de um dos caminhos laterais. A senhora d’Imbleval evidentemente vivia à esquerda, e a senhora Vaurois, à direita.

Hortense e Rénine escutaram. Vozes estridentes e apressadas discutiam dentro da casa. O som vinha por uma das janelas do piso térreo, que estava nivelado com o jardim e coberto em toda a sua extensão por trepadeiras com flores vermelhas e brancas.

– Não podemos ir mais longe – disse Hortense. – Seria indiscreto.

– Mais uma razão – sussurrou Rénine. – Veja: se andarmos para a frente, não seremos vistos pelas pessoas que estão brigando.

Os sons do conflito não eram de forma alguma abafados e, quando os dois chegaram à janela ao lado da porta da frente, através das rosas rastejantes, puderam ver e ouvir duas velhinhas gritar no alto de suas vozes e sacudir os punhos uma para a outra.

As mulheres estavam em primeiro plano, em uma grande sala de jantar cuja mesa ainda não estava limpa; e no lado mais distante da mesa estava um jovem, sem dúvida o próprio Jean Louis, fumando seu cachimbo e lendo um jornal, sem parecer ter problemas com as duas idosas briguentas.

Uma delas, uma mulher magra e alta, usava um vestido de seda roxo, e seu cabelo mostrava uma massa de cachos amarelos demais para o rosto devastado ao redor do qual eles tombavam.

A outra, ainda mais magra, mas bastante baixa, andava agitada em volta da sala com um roupão de algodão e exibia um rosto vermelho, rubro de raiva:

– Um fardo, isso é o que você é! – ela gritou. – A mulher mais malvada do mundo e uma ladra na barganha!

– Eu, uma ladra! – gritou a outra.

– E aquele negócio com os patos a dez francos cada um: você não chama isso de roubo?

– Segure sua língua, sua criatura baixa! Quem roubou a nota de cinquenta francos da minha mesa de molho? Senhor, por que eu

devo viver com tal desgraça?

A outra começou a se indignar com o ultraje e, dirigindo-se ao jovem, lamentou-se:

– Jean, você vai ficar sentado aí e me deixar ser insultada por sua vadia d’Imbleval?

E a mulher alta retorquiu, furiosamente:

– Vadia! Você ouviu isso, Louis? Olhe para ela, sua Vaurois! Ela tem os ares de uma garçonne! Faça-a parar, não consegue?

De repente, Jean Louis bateu com o punho na mesa, fazendo saltar os pratos e louças, e gritou:

– Fiquem quietas, as duas, suas velhas lunáticas!

As mulheres se voltaram imediatamente contra ele e o inundaram de insultos:

– Covarde!... Hipócrita!... Mentiroso!... Um belo tipo de filho que você é!... O filho de uma vadia, e você mesmo não é muito melhor!...

As ofensas choveram sobre ele. O rapaz fechou os ouvidos com os dedos e se contorceu enquanto se sentava à mesa como um homem que perdeu toda a paciência e precisava se conter para não cair sobre seu inimigo.

Rénine sussurrou:

– Agora é a hora de entrar.

– Em meio a essas pessoas enfurecidas? – protestou Hortense.

– Exatamente. Vamos vê-los melhor sem as máscaras.

E, com passos determinados, ele caminhou até a porta, abriu-a e entrou na sala, seguido por Hortense.

Sua chegada deu origem a um sentimento de estupefação. As duas mulheres pararam de gritar, mas ainda estavam com o rosto rubro e tremendo de raiva. Jean Louis, que estava muito pálido,

levantou-se.

Aproveitando a confusão geral, Rénine disse, decidido:

– Permitam-me que me apresente. Eu sou o príncipe Rénine. Esta é a senhora Daniel. Somos amigos de senhorita Geneviève Aymard e viemos em nome dela. Tenho uma carta dela endereçada ao senhor.

Jean Louis, já desconcertado com a entrada dos recém-chegados, perdeu inteiramente a compostura ao ouvir o nome de Geneviève. Sem saber bem o que dizer e com intenção de responder ao comportamento cortês de Rénine, tentou, por sua vez, apresentar as duas damas, e deixou escapar as palavras espantosas:

– Minha mãe, senhora d’Imbleval; e minha mãe, senhora Vaurois.

Por algum tempo, ninguém falou. Rénine fez um gesto de consentimento. Hortense não sabia qual mão deveria apertar, se a da senhora d’Imbleval, a mãe, ou da senhora Vaurois, a mãe. Mas o que aconteceu foi que a senhora d’Imbleval e a senhora Vaurois, ambas ao mesmo tempo, tentaram pegar a carta que Rénine estava segurando para Jean Louis, enquanto as duas murmuravam ao mesmo tempo:

– Senhorita Aymard!... Ela teve a frieza... teve a audácia...!

Então Jean Louis, recuperando o autocontrole, agarrou sua mãe d’Imbleval e a empurrou para fora da sala por uma porta à esquerda e em seguida aproximou-se de sua mãe Vaurois e a levou para fora da sala por uma porta à direita. Depois, voltando-se aos dois visitantes, abriu o envelope e leu, em tom baixo:

Eu vou me casar em uma semana, Jean Louis. Venha em meu socorro, eu lhe suplico. Minha amiga Hortense e o príncipe Rénine o ajudarão a superar os obstáculos que o confundem. Confie neles. Eu amo você.

GENEVIÈVE

Ele era um jovem de aparência bastante enfadonha, cujo rosto muito moreno, magro e ossudo certamente carregava a expressão de melancolia e angústia descrita por Geneviève. De fato, as marcas do sofrimento eram visíveis em todos os seus traços carregados, assim como nos olhos tristes e ansiosos.

Ele repetiu diversas vezes o nome de Geneviève, enquanto olhava a carta com um ar distraído. Dava a impressão de estar procurando uma linha de raciocínio.

Parecia prestes a oferecer uma explicação, mas nada encontrou para dizer. A súbita intromissão o havia levado a uma desvantagem, como um ataque imprevisível que não sabia como enfrentar.

Rénine sentiu que o adversário capitularia na primeira intimação. O homem tinha lutado tão desesperadamente nos últimos meses e sofrido de maneira tão severa no retiro e no silêncio obstinado em que se refugiara que não pensava em se defender. Além disso, como poderia fazê-lo, agora que eles tinham forçado uma invasão à privacidade de sua odiosa existência?

– Acredite em minha palavra, senhor – sugeriu Rénine –, que é do seu melhor interesse confiar em nós. Somos amigos de Geneviève Aymard. Não hesite em falar.

– Não posso vacilar – disse ele –, depois do que você acabou de ouvir. Esta é a vida que eu levo, senhor. Vou lhe contar todo o segredo, para que possa relatá-lo a Geneviève. Ela entenderá então por que eu não voltei... e por que eu não tenho o direito de fazê-lo.

Empurrou uma cadeira para a frente, para Hortense. Depois os dois homens se sentaram, e, sem qualquer necessidade de mais persuasão, como se ele próprio sentisse um certo alívio em desabafar, começou:

– O senhor não deve se surpreender, senhor, se eu contar minha trajetória com certa irreverência, pois, de fato, é uma história francamente cômica e não poderá deixar de fazê-lo rir. O destino muitas vezes se diverte com esses jogos imbecis, essas farsas monstruosas que parecem ter sido inventadas pelo cérebro de um louco ou de um bêbado. Julgue por si mesmo.

O rapaz respirou fundo antes de prosseguir.

– Há vinte e sete anos, o Manoir d’Elseven, que naquela época consistia apenas do edifício principal, era ocupado por um velho médico que, para aumentar seus modestos meios, costumava receber um ou dois hóspedes pagantes. Desta forma, a senhora d’Imbleval passou o verão aqui um ano, e a senhora Vaurois, o verão seguinte. Nessa época, estas duas senhoras não se conheciam. Uma era casada com um bretão de um navio mercante, e a outra, com um viajante comercial da Vendaia⁸.

Seu olhar estava distante, como a imaginar a cena das duas mulheres.

– Aconteceu que elas perderam seus maridos ao mesmo tempo, em um período em que cada uma delas estava esperando um bebê. E, como ambas viviam no campo, em lugares distantes de qualquer cidade, escreveram ao velho médico dizendo que pretendiam vir a sua casa para o seu confinamento... ao que o senhor concordou. Elas chegaram quase no mesmo dia, no outono. Dois pequenos quartos foram preparados, atrás da sala em que estamos sentados. O médico tinha contratado uma enfermeira, que dormiu aqui mesmo. Tudo estava perfeitamente satisfatório. As senhoras davam os retoques finais em suas roupas de bebê e se davam esplendidamente bem. Estavam determinadas a que seus filhos fossem meninos e tinham escolhido os nomes de Jean e Louis

respectivamente...

Fez uma pausa, para garantir que sua história estivesse sendo bem compreendida.

– Uma noite, o médico foi chamado para um caso e foi embora para seu trabalho com o criado, dizendo que não voltaria até o dia seguinte. Na ausência de seu mestre, a moça que servia como dama de companhia saiu correndo para se encontrar com seu amado. O destino destes incidentes evoluiu com malignidade diabólica. Por volta da meia-noite, a senhora d’Imbleval foi tomada pelas primeiras dores. A enfermeira, senhorita Boussignol, tinha recebido algum treinamento como parteira e não se desesperou. Mas, uma hora depois, chegou a vez da senhora Vaurois; e a tragédia, ou melhor, a tragicomédia, foi decretada entre os gritos e gemidos das duas pacientes e a agitação desconcertada da enfermeira correndo de uma para a outra, lamentando seu destino, abrindo a janela para chamar o médico ou caindo de joelhos para implorar a ajuda da Providência...

O rosto do rapaz não mostrava expressão alguma, como se já tivesse relatado o fato mentalmente milhares de vezes.

– A senhora Vaurois foi a primeira a trazer o filho ao mundo. A senhorita Boussignol carregou-o apressadamente para cá, lavou-o, cuidou dele e o colocou no berço preparado... Mas a senhora d’Imbleval gritou de dor, e a enfermeira teve de atendê-la enquanto o recém-nascido berrava como um porco preso, e a mãe, aterrorizada, incapaz de se mexer de sua cama, desmaiava... Acrescente a isso toda a miséria da escuridão e desordem... a única lâmpada, sem óleo, pois a criada havia se esquecido de enchê-la, as velas se apagando, o gemido do vento, o grito das corujas, e você entenderá que a senhorita Boussignol estava assustada.

Entretanto, às cinco horas da manhã, após muitos incidentes trágicos, ela entrou aqui com o bebê d’Imbleval, também um menino, lavou-o e cuidou dele, colocou-o em seu berço e partiu para ajudar a senhora Vaurois, que tinha vindo a si e estava gritando, enquanto a senhora d’Imbleval, por sua vez, tinha desmaiado.

Seus olhos brilharam levemente, indicando a comicidade dos fatos.

– E, quando a senhorita Boussignol, tendo assentado as duas mães, mas meio louca de cansaço, seu cérebro em um turbilhão, se voltou para as crianças recém-nascidas, percebeu com horror que as havia embrulhado em duas mantas iguais, enfiado seus pés em meias de lã iguais e colocado as duas crianças, lado a lado, *no mesmo berço*, de modo que era impossível diferenciar Louis d’Imbleval de Jean Vaurois!... Para piorar a situação, quando levantou um deles do berço, descobriu que suas mãos estavam frias como gelo e que ele havia deixado de respirar. Estava morto. Qual era seu nome e qual era o nome do sobrevivente? Três horas depois, o médico encontrou as duas mulheres em estado de delírio frenético, enquanto a enfermeira se arrastava de uma cama para a outra, suplicando às duas mães que a perdoassem. Ela me entregou primeiro a uma, depois à outra, para receber seu carinho, pois eu era a criança sobrevivente, e elas primeiro me beijaram e depois me afastaram; pois, afinal, quem era eu? O filho da viúva senhora d’Imbleval e do falecido comerciante-capitão ou o filho da viúva senhora Vaurois e do falecido viajante comercial? Não havia uma pista pela qual eles pudessem saber... O médico implorou que cada uma das duas mães sacrificasse seus direitos, pelo menos do ponto de vista legal, para que eu pudesse ser chamado de Louis d’Imbleval ou Jean Vaurois. Elas se recusaram absolutamente. “Por

que Jean Vaurois, se ele é um d’Imbleval?”, protestou uma delas. “Por que Louis d’Imbleval, se ele é um Vaurois?” retorquiu a outra. E eu então fui registrado sob o nome de Jean Louis, filho de um pai e de uma mãe desconhecidos.

O príncipe Rénine escutara em silêncio. Mas Hortense, à medida que a história se aproximava de sua conclusão, havia cedido espaço a toda uma hilaridade que não podia mais conter, e de repente, apesar de todos os seus esforços, irrompeu em um ataque de riso selvagem:

– Perdoe-me – balbuciou, os olhos cheios de lágrimas –, perdoe-me; é demais para os meus nervos...

– Não se desculpe, senhora – disse o jovem gentilmente, em uma voz sem ressentimento. – Eu a avisei de que minha história era risível; eu, melhor do que ninguém, sei como é absurda, como não faz sentido. Sim, tudo isso é perfeitamente grotesco. Mas acredite quando lhe digo que, na realidade, não foi divertido. Parece uma situação humorística e permanece engraçada pela força das circunstâncias; mas também é horrível. Você pode ver isso, não? As duas mães, nenhuma das quais estava convicta de ser a mãe, mas nenhuma certa de não ser, ambas agarradas a Jean Louis. Ele poderia ser um estranho, mas poderia ser sua própria carne e sangue. Elas o amavam em excesso e lutavam furiosamente por ele.

Seu olhar era de profunda mágoa. Prosseguiu:

– E, acima de tudo, as duas vieram a se odiar com um sentimento mortal. Diferindo completamente em caráter e educação e obrigadas a viver juntas porque nenhuma estava disposta a renunciar à vantagem de sua possível maternidade, viveram a vida de inimigas irreconciliáveis que nunca podiam colocar suas armas de lado... Eu

cresci em meio a esse ódio e o incuti em mim por ambas. Quando meu coração infantil, sedento de afeto, me inclinava para uma, a outra procurava inspirar-me repugnância e desprezo por aquela. Nesse solar, que elas compraram com a morte do velho médico e ao qual acrescentaram as duas alas, eu era o torturador involuntário e sua vítima diária. Atormentado quando criança e, quando jovem, levando a mais horrenda das vidas. Duvido que alguém na Terra tenha sofrido mais do que eu.

– Você devia tê-las deixado! – Hortense exclamou, já livre do riso.

– Não se pode ignorar a própria mãe; e uma dessas duas mulheres é minha mãe. E uma mulher não pode abandonar seu filho; e cada uma delas tinha o direito de acreditar que eu era seu filho. Estávamos os três acorrentados como condenados, com laços de tristeza, compaixão, dúvida e a esperança de que a verdade pudesse um dia se tornar aparente. E aqui estamos nós ainda, os três, insultando uns aos outros e culpando uns aos outros por nossas vidas desperdiçadas. Oh, que inferno! E não há como fugir disso. Eu tentei muitas vezes... mas em vão. Os laços quebrados ficaram novamente amarrados.

Seu rosto se iluminou.

– Somente neste verão, sob o estímulo de meu amor por Geneviève, tentei me libertar e fiz o máximo para convencer as duas mulheres a quem chamo de mãe. E depois... e depois! Eu me vi diante de suas queixas, seu ódio imediato à esposa, ao estranho, a quem eu propunha forçá-las... Eu cedi. Que tipo de vida Geneviève teria aqui, entre a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois? Eu não tinha o direito de sacrificá-la.

Jean Louis, que aos poucos foi ficando agitado, proferiu estas últimas palavras com voz firme, como se desejasse que sua conduta

fosse atribuída a motivos de consciência e a um senso de dever.

Na realidade, como Rénine e Hortense viram claramente, sua natureza era de uma fraqueza incomum, incapaz de reagir contra uma posição ridícula na qual ele havia sofrido desde criança e que havia passado a encarar como final e irremediável.

Suportou-a como um homem que carrega uma cruz que não tem o direito de abandonar; e, ao mesmo tempo, envergonhava-se dela. Nunca havia falado disso a Geneviève, pelo pavor do ridículo; e depois, ao voltar para sua prisão, havia permanecido lá por hábito e fraqueza.

Sentou-se a uma escrivaninha e rapidamente escreveu uma carta que entregou a Rénine:

– Você faria a gentileza de entregar esta nota à senhorita Aymard e implorar-lhe mais uma vez que me perdoe?

Rénine não se moveu e, quando o rapaz empurrou a carta em sua direção, ele a pegou e rasgou-a.

– O que isso significa? – o jovem perguntou.

– Significa que não levarei nenhuma mensagem.

– Por quê?

– Porque você está vindo conosco.

– Eu?

– Sim. Você verá a senhorita Aymard amanhã e pedirá a mão dela em casamento.

Jean Louis olhou para Rénine com uma expressão bastante desdenhosa, como se estivesse pensando:

– Aqui está um homem que não entendeu uma palavra do que lhe expliquei.

Mas Hortense foi até Rénine:

– Por que você diz isso?

- Porque será como eu digo.
 - Mas você deve ter suas razões...
 - Uma só; mas será suficiente, desde que este cavalheiro tenha a gentileza de me ajudar a responder às minhas perguntas.
 - Perguntas? Com que objetivo? – indagou o jovem.
 - Com o objetivo de provar que sua história não é muito precisa.
- Jean Louis ficou indignado:
- Devo lhe pedir que acredite, senhor, que não disse uma palavra que não seja verdadeira.
 - Eu me expressei mal – atalhou Rénine, muito gentilmente. – Certamente você não disse uma palavra que não esteja de acordo com o que você acredita que seja a verdade. Mas a verdade não é, não pode ser assim.
- O jovem cruzou os braços:
- Em todo caso, senhor, parece provável que eu deva saber a verdade melhor do que o senhor.
 - Por que melhor? O que aconteceu naquela noite trágica obviamente só pode ser conhecido por você em segunda mão. Você não tem provas. Tampouco a senhora d’Imbleval e a senhora Vaurois.
 - Prova de quê? – exclamou Jean Louis, perdendo a paciência.
 - Nenhuma prova da confusão ocorrida...
 - O quê? É uma certeza! As duas crianças foram colocadas no mesmo berço, sem marcas para distinguir uma da outra; e a enfermeira foi incapaz de dizer...
 - Pelo menos essa é a versão dela – Rénine o interrompeu.
 - O que é isso? A versão dela? Mas você está acusando a mulher...
 - Não a estou acusando de nada...

– Sim, você está: você a está acusando de mentir. E por que ela mentiria? Não tinha interesse em fazê-lo; e suas lágrimas e seu desespero não provam sua boa-fé? Pois, afinal, as duas mães estavam lá... viram a mulher chorar... e a questionaram... E então, repito, que interesse ela teria...?

Jean Louis estava muito alterado. Perto dele, a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois, que sem dúvida estiveram escutando atrás das portas e que haviam entrado furtivamente na sala, ficaram gaguejando, maravilhadas:

– Não, não... é impossível... Nós a questionamos repetidas vezes. Por que ela teria mentido?

– Fale, senhor, fale – Jean Louis ordenou. – Explique-se. Dê suas razões para tentar lançar dúvidas sobre uma verdade absoluta!

– Essa verdade é inadmissível – afirmou Rénine, elevando o tom de voz e ficando, por sua vez, alterado a ponto de acentuar suas observações batendo na mesa.

– Não, as coisas não acontecem assim. Não, o destino não mostra esses refinamentos de crueldade, e o acaso não se soma ao acaso com tal extravagância imprudente! Já era uma chance sem precedentes que, na mesma noite em que o médico, seu servo e sua empregada estivessem fora de casa, as duas senhoras fossem acometidas pelas dores de parto simultaneamente e trouxessem dois filhos ao mundo ao mesmo tempo. Não acrescentemos um acontecimento ainda mais excepcional! Já chega de coisas estranhas! Chega de lâmpadas que se apagam e de velas que se recusam a queimar! Não e novamente não, não é admissível que uma parteira se confunda nos detalhes essenciais de seu ofício. Por mais desconcertada que ela pudesse estar pela natureza imprevista das circunstâncias, um resquício de instinto ainda estaria em alerta,

de modo que houvesse um lugar preparado para cada criança e cada uma fosse mantida separada da outra. A primeira criança está aqui, a segunda, ali. Mesmo que elas estivessem deitadas lado a lado, uma estaria à esquerda, e a outra, à direita. Mesmo que envoltas no mesmo tipo de manta, alguns pequenos detalhes difeririam, uma bobagem que é registrada pela memória e que é inevitavelmente lembrada à mente sem qualquer necessidade de reflexão. Confusão? Eu me recuso a acreditar nisso. Impossível distinguir um do outro? Não é verdade. No mundo da ficção, sim, pode-se imaginar todo tipo de acidentes fantásticos e contradições sem fim. Mas, no mundo real, no coração da realidade, há sempre um ponto fixo, um núcleo sólido sobre o qual os próprios fatos se agrupam de acordo com uma ordem lógica. Declaro, portanto, muito categoricamente, que a enfermeira Boussignol não poderia ter confundido as duas crianças.

Ele falou tudo isso de forma incisiva, como se tivesse estado presente na noite em questão; e seu poder de persuasão foi tão grande que desde o primeiro momento abalou a certeza daqueles que por mais de um quarto de século nunca haviam duvidado.

As duas mulheres e seu filho se entreolharam e o questionaram com ansiedade, quase sem fôlego:

– Então você acha que ela pode saber... que pode ser capaz de nos dizer...?

Ele mesmo se corrigiu:

– Eu não digo que sim e não digo que não. Tudo o que acho é que houve algo em seu comportamento durante aquelas horas que não condiz com suas declarações e com a realidade. Todo o vasto e intolerável mistério que pesou sobre vocês três surge não de uma momentânea falta de atenção, mas de algo que nós não sabemos,

mas que ela sabe. Isso é o que eu sustento; e foi o que aconteceu.

Jean Louis falou, com voz rouca:

– Ela está viva... Mora em Carhaix... Podemos mandar buscá-la...

Hortense imediatamente sugeriu: – Você gostaria que eu fosse até ela? Eu iria de carro e a traria de volta comigo. Onde ela mora?

– No centro da cidade, em uma pequena loja de cortinas. O chofer lhe mostrará. É a senhorita Boussignol: todos a conhecem...

– E faça como achar melhor – acrescentou Rénine –, mas não a avise de modo algum. Se ela estiver inquieta, tanto melhor. Mas não deixe que a senhora saiba de nossas intenções...

Vinte minutos se passaram em silêncio absoluto. Rénine andou pela sala, na qual os belos móveis velhos, as tapeçarias bonitas, os livros bem encadernados e as lindas quinquilharias denotavam um amor pela arte e uma busca de estilo em Jean Louis. Aquele espaço era realmente dele.

Nos cômodos adjacentes, de ambos os lados, através das portas abertas, Rénine foi capaz de notar o mau gosto das duas mães. Ele foi até Jean Louis e, em voz baixa, perguntou:

– Elas estão bem financeiramente?

– Sim.

– E você?

– Elas me garantiram a casa senhorial, com toda a terra ao redor, o que me torna bem independente...

– As senhoras têm alguns parentes?

– Irmãs, ambas...

– Com quem poderiam ir morar...

– Sim; e algumas vezes pensaram em fazer isso. Mas não pode haver qualquer dúvida quanto a esse assunto. Mais uma vez eu lhe asseguro...

Ainda conversavam quando perceberam que o carro já voltava.

As duas mulheres saltaram apressadamente, prontas para falar.

– Deixem comigo – disse Rénine –, e não se surpreendam com nada do que eu disser. Não se trata de fazer perguntas, mas de assustá-la, de provocá-la... O ataque repentino – acrescentou entredentes.

O carro passou pelo gramado e estacionou perto das janelas. Hortense saltou e ajudou uma mulher idosa a descer. A senhora usava boné de linho canelado, corpete de veludo preto e uma pesada saia franzida.

A idosa entrou em grande estado de alarme. Tinha um rosto pontiagudo, como o de uma doninha, com boca proeminente, cheia de dentes salientes.

– Qual é o problema, senhora d'Imbleval? – perguntou ela, entrando timidamente na sala onde o médico a conduzira uma vez.
– Bom dia para a senhora, senhora Vaurois.

As senhoras não responderam. Rénine apresentou-se e disse, com firmeza:

– Senhorita Boussignol, fui enviado pela polícia de Paris para lançar luz sobre uma tragédia que ocorreu aqui há vinte e sete anos. Acabo de obter provas de que a senhora distorceu a verdade e que, como resultado de suas falsas declarações, o certificado de nascimento de uma das crianças nascidas naquela noite é impreciso. Agora falsas declarações em matéria de certidões de nascimento são delitos puníveis por lei. Portanto, serei obrigado a levá-la a Paris para ser interrogada... a menos que esteja preparada, aqui e agora, para confessar tudo que possa reparar as consequências de seu delito...

A velha tremia dos pés à cabeça. Seus dentes tagarelavam.

Estava evidentemente incapaz de opor a menor resistência a Rénine.

– Você está pronta para confessar tudo? – perguntou ele.

– Sim – desesperou-se a mulher.

– Sem demora? Tenho de pegar um trem. O negócio deve ser resolvido imediatamente. Se mostrar a menor hesitação, eu a levarei comigo. Você já tomou a decisão de falar?

– Sim.

Ele apontou para Jean Louis:

– De quem este senhor é filho? Da senhora d'Imbleval?

– Não.

– De senhora Vaurois, portanto?

– Não.

Um silêncio perplexo seguiu-se às duas respostas.

– Explique-se – Rénine ordenou, olhando para o relógio.

Então a senhorita Boussignol caiu de joelhos e disse, com uma voz tão baixa e embotada que tiveram que se dobrar sobre ela para captar o sentido do que murmurava:

– Alguém chegou à noite... um cavalheiro com um bebê recém-nascido envolto em cobertores, que ele queria que o médico cuidasse. Como o médico não estava lá, esperou a noite toda e foi ele quem fez tudo isso.

– Fez o quê? – perguntou Rénine. – O que ele fez? O que aconteceu?

– Bem, o que aconteceu foi que não foi uma criança, mas as duas que morreram: a da senhora d'Imbleval e a da senhora Vaurois também, ambas em convulsões. Então o cavalheiro, vendo a situação, disse: “Isto me mostra onde está meu dever. Devo aproveitar esta oportunidade para garantir que meu próprio filho seja

feliz e bem cuidado. Coloque-o no lugar de uma das crianças mortas”. Ele me ofereceu uma grande soma em dinheiro, dizendo que este único pagamento lhe pouparia as despesas de sustentar seu filho a cada mês; e eu aceitei. Só que eu não sabia em que lugar o colocar e se deveria dizer que o menino era Louis d’Imbleval ou Jean Vaurois. O cavalheiro pensou por um momento e não disse nada sobre isso. Então me explicou o que eu deveria fazer e dizer depois que ele tivesse partido. E, enquanto eu vestia seu menino com as roupas de uma das crianças mortas, ele envolveu a outra nos cobertores que havia trazido consigo e saiu à noite.

A enfermeira curvou a cabeça e chorou. Depois de um momento, Rénine falou:

– Seu depoimento está de acordo com o resultado de minhas investigações.

– Posso ir?

– Sim.

– E, no que me diz respeito, está tudo acabado? Eles não falarão sobre isso em todo o distrito?

– Não. Oh, só mais uma pergunta: você sabe o nome do homem?

– Não. Ele não me disse o nome. Não.

– Você já o viu desde então?

– Nunca.

– Você tem algo mais a dizer?

– Não...

– Você está preparada para assinar o termo escrito de sua confissão?

– Sim.

– Muito bem. Mandarei chamá-la dentro de uma semana ou duas. Até lá, nem uma palavra a ninguém.

Ele a acompanhou até a porta. Quando voltou, Jean Louis estava entre as duas senhoras idosas, e os três se encontravam de mãos dadas. O laço de ódio e tristeza que os havia amarrado se rompera de repente. Esse rompimento não exigia qualquer reflexão sobre o assunto, apenas os envolvia com uma tranquilidade suave da qual mal estavam conscientes, mas que os tornava sérios e pensativos.

– Vamos apressar as coisas – disse Rénine a Hortense. – Este é o momento decisivo da batalha. Temos de colocar Jean Louis a bordo.

Hortense parecia preocupada. Ela sussurrou:

– Por que você deixou a mulher ir? Ficou satisfeito com seu depoimento?

– Eu não preciso ficar satisfeito. Ela nos contou o que aconteceu. O que mais você queria?

– Nada... Eu não sei...

– Falaremos sobre isso mais tarde, minha querida. Por enquanto, repito, temos de colocar Jean Louis a bordo. E imediatamente... Caso contrário...

Ele se voltou para o jovem:

– Você concorda comigo que, estando as coisas nessa condição, será melhor para você, a senhora Vaurois e a senhora d'Imbleval se separarem por um tempo? Isso permitirá que todos vocês vejam a situação com mais clareza e decidam em perfeita liberdade o que deve ser feito. Venha conosco, senhor. O mais urgente é salvar Geneviève Aymard, sua *noiva*.

Jean Louis estava perplexo e indeciso. Rénine voltou-se para as duas mulheres:

– Esta também é opinião das senhoras, tenho certeza...

Elas acenaram com a cabeça, em concordância.

– Veja, senhor – ele disse a Jean Louis –, estamos todos de

acordo. Em grandes crises não há nada como a separação... alguns dias de descanso. Rápido agora, senhor.

E, sem lhe dar tempo para mais delongas, levou-o em direção ao quarto para arrumar as malas.

Meia hora depois, Jean Louis deixava a casa senhorial com seus novos amigos.

– E ele não voltará até estar casado – disse Rénine a Hortense enquanto aguardavam na estação Carhaix, para onde o carro os havia levado. – Tudo é para o melhor. Você está feliz?

– Sim, Geneviève ficará contente – ela respondeu, ausente.

Quando tomaram seus assentos no trem, Rénine e Hortense foram para o vagão-restaurant. Rénine, que havia feito várias perguntas a Hortense às quais ela respondera apenas com monossílabos, protestou:

– Qual o problema, minha menina? Você parece preocupada!

– Eu? De modo algum!

– Sim, sim, eu a conheço. Agora, sem segredos, sem mistérios!

Ela sorriu:

– Bem, já que você insiste em saber se estou realizada, sou obrigada a admitir que, naturalmente, estou... no que diz respeito à minha amiga Geneviève, mas que, sob outro aspecto, do ponto de vista da aventura, tenho um tipo de sentimento desconfortável...

– Para falar francamente, desta vez não a deixei participar?

– Não muito.

– Parece que você desempenhou um papel secundário? Mas, afinal de contas, o que eu fiz? Nós chegamos. Ouvimos a história de Jean Louis. Mandeí buscar uma parteira. E isso foi tudo.

– Exatamente. Quero saber se isso era mesmo tudo; e não tenho bem certeza. Para dizer a verdade, nossas outras aventuras

deixaram a impressão de que ficaram... como devo dizer... mais definidas, mais claras...

– E esta lhe pareceu obscura?

– Obscura, sim, e incompleta.

– Mas de que maneira?

– Não sei. Talvez tenha algo a ver com a confissão daquela mulher. Sim, muito provavelmente é isso. Foi tudo tão inesperado e tão breve...

– Bem, é claro, eu a encurtei, como você pode facilmente imaginar! – disse Rénine, rindo. – Não queríamos muitas explicações.

– O que você quer dizer?

– Porque, se ela tivesse dado suas explicações com muitos detalhes, acabariam duvidando do que estava nos contando.

– Por duvidar dela?

– Bem, pondere, a história é um pouco rebuscada. Aquele sujeito chegando à noite, com um bebê vivo no bolso, e indo embora com um morto: a coisa mal se sustenta. Mas veja, minha querida, não tive muito tempo para treinar a pobre mulher em seu papel.

Hortense olhou para ele espantada:

– O que você quer dizer com isso?

– Bem, você sabe como estas mulheres do campo são bobas. E ela e eu não tínhamos tempo a perder. Então, fizemos um pequeno ensaio apressado... e ela não se saiu tão mal. Estava tudo na medida certa: o terror, os tremores, as lágrimas...

– Será possível? – murmurou Hortense. – Será que é possível? Você a tinha visto de antemão?

– Eu precisava, é claro.

– Mas quando?

– Nesta manhã, quando chegamos. Enquanto você estava se divertindo no hotel em Carhaix, eu estava correndo para ver quais informações poderia recolher. Como você pode imaginar, todos no distrito conhecem a história dos d’Imbleval-Vaurois. Fui imediatamente direcionado à antiga parteira, a senhorita Boussignol. Com ela não demorou muito. Três minutos para resolver uma nova versão do que havia acontecido e dez mil francos para induzi-la a repetir aquela... versão mais ou menos crível... para as pessoas da casa senhorial.

– Uma versão bem incrível!

– Não tão ruim assim, minha cara, haja vista que você acreditou... e os outros também. E isso era o essencial. O que eu tinha de fazer era demolir de uma só vez uma verdade que tinha vinte e sete anos de existência e que foi ainda mais firmemente estabelecida porque foi fundamentada em fatos.

Ele suspirou, fitando-a.

– Foi por isso que eu fui em frente com todo o meu vigor e o ataquei com pura força de eloquência. Impossível identificar as crianças? Eu o nego. Confusão inevitável? Não é verdade. “Vocês três”, eu disse, “são vítimas de algo que eu não sei, mas que é seu dever esclarecer!” “Isso é fácil de fazer”, falou Jean Louis, cuja convicção foi imediatamente abalada. “Vamos mandar chamar a senhorita Boussignol.” “Certo! Vamos mandar chamá-la.” Ao que a senhorita Boussignol chega e murmura o pequeno discurso que eu lhe ensinei. Sensação! Espanto geral... do qual aproveito para levar nosso jovem!

Hortense fez um meneio com a cabeça:

– Mas eles logo perceberão isso, todos os três, raciocinando!

– Nunca! Nunca! Eles terão suas dúvidas, talvez. Mas jamais

consentirão em ter certeza! Jamais concordarão em pensar! Use sua imaginação! Aqui estão três pessoas que salvei do inferno em que soluçam há um quarto de século. Você acha que voltarão para isso? Aqui estão três pessoas que, por fraqueza ou falso senso de dever, não tiveram coragem de escapar. Você acha que não se apegarão à liberdade que estou lhes dando? Bobagem! Eles teriam engolido uma farsa duas vezes mais difícil de digerir do que a que a senhorita Boussignol lhes contou! Afinal de contas, minha versão não era mais absurda do que a verdade. Ao contrário. E eles a aceitaram... totalmente! Veja só: antes de sairmos, ouvi a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois falarem de uma retirada imediata. Elas já estavam se tornando bastante afetuosas ao pensar em se ver pela última vez.

– Mas e quanto a Jean Louis...

– Jean Louis? Ora, ele estava farto de suas duas mães! Por Deus, não se pode ter duas mães em uma vida! Que situação! E, quando se tem a sorte de poder escolher entre ter duas mães ou não ter nenhuma, Deus que me perdoe, não se hesita! E, além disso, Jean Louis está apaixonado por Geneviève.

Ele riu.

– E ele a ama o suficiente, espero e confio, para não lhe infligir duas sogras! Venha, você pode acalmar sua mente. A felicidade de sua amiga está assegurada; e isso é o que você me pediu. Tudo o que importa é o objetivo que alcançamos, e não a natureza mais ou menos peculiar dos métodos que empregamos. E, se algumas aventuras são concluídas e alguns mistérios são elucidados ao procurar e encontrar pontas de cigarro, ou garrafas de água incendiárias e caixas de chapéus em chamas como em nossa última expedição, outros pedem psicologia e soluções puramente

psicológicas. Eu já falei. Agora peço que fique em silêncio.

– Silêncio?

– Sim, há um homem e uma mulher sentados atrás de nós que parecem conversar sobre algo especialmente interessante...

– Mas eles estão falando em sussurros...

– É assim mesmo. Quando as pessoas falam em sussurros, é sempre sobre algo sombrio.

Ele acendeu um cigarro e sentou-se de volta em sua poltrona. Hortense ouviu, mas em vão. Quanto a ele, emitia pequenas fumaças lentamente.

Quinze minutos depois, o trem parou, e o homem e a mulher saíram.

– Pena – disse Rénine – que eu não saiba seus nomes ou para onde estejam indo. Mas sei onde encontrá-los. Minha querida, temos uma nova aventura diante de nós.

Hortense protestou:

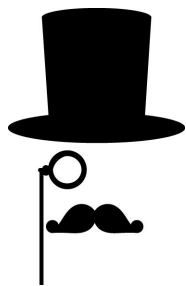
– Oh, não, por favor, ainda não... Dê-me um pouco de descanso! E não devíamos pensar em Geneviève?

Ele parecia muito surpreso:

– Ora, tudo isso está mais que acabado! Você quer perder mais tempo com essa velha história? Bem, da minha parte, confesso que perdi todo o interesse pelo homem com as duas mães.

E isso foi dito em um tom tão cômico e com uma sinceridade tão divertida que Hortense foi mais uma vez tomada por um ataque de riso. Só a gargalhada foi capaz de relaxar seus nervos exasperados e distraí-la de tantas emoções contraditórias.

⁸ Região no oeste da França. (N.R.)



O filme de contos de fada

– Olhe para o homem que está fazendo o papel de mordomo – disse Serge Rénine.

– O que há de peculiar nele? – perguntou Hortense.

Estavam no camarote de um cinema. Hortense queria ver na tela a filha de uma senhora, já falecida, que lhe dera aulas de piano. Rose Andrée, uma linda menina com movimentos encantadores e rosto sorridente, estava naquela noite figurando em um novo filme, *A princesa feliz*, que a jovem iluminava com seu bom humor e beleza calorosa e radiante.

Rénine não deu nenhuma resposta direta, mas, durante uma pausa na apresentação, comentou:

– Às vezes, quando considero um filme desinteressante, eu me consolo observando personagens secundários. Parece-me que aqueles pobres-diabos, que são feitos para ensaiar certas cenas dez ou vinte vezes, podem estar pensando em outras coisas além de seus papéis no momento da tomada final. E é muito divertido notar os pequenos momentos de distração que revelam algo de seu temperamento, de seu instinto pessoal. Como, por exemplo, no caso daquele mordomo: veja!

A tela agora mostrava uma mesa servida luxuosamente. A

Princesa Feliz sentava-se à cabeceira, rodeada por muitos pretendentes. Meia dúzia de criados de libré⁹ movimentavam-se pela sala, sob as ordens do mordomo, um sujeito grandalhão com rosto monótono e grosseiro, uma aparência comum e um par de enormes sobrancelhas que se encontravam em uma única linha na testa.

– Ele parece um bruto – disse Hortense –, mas o que você vê nele que é peculiar?

– Basta observar como olha para a princesa e me dizer se ele não a encara com mais frequência do que deveria.

– Eu realmente não notei nada até agora – disse Hortense.

– Claro que sim! – redarguiu Serge Rénine. – É bastante óbvio que ele alimenta para com Rose Andrée sentimentos pessoais que ficam bem deslocados em um servo sem nome. É possível que, na realidade, ninguém tenha ideia de tal coisa, mas na tela, quando não se está observando, ou quando ele pensa que os atores no ensaio não podem vê-lo, seu segredo lhe escapa. Observe...

O homem estava parado. Era o final do jantar. A princesa bebia uma taça de champanhe, e ele mergulhava na moça seus olhos brilhantes, meio escondidos atrás das têmporas pesadas.

Duas vezes mais puderam notar em seu rosto aquelas estranhas expressões às quais Rénine atribuía um significado emocional que Hortense se recusava a enxergar.

– É apenas sua maneira de olhar para as pessoas.

A primeira parte do filme terminou. Eram duas. O aviso no programa dizia que “havia se passado um ano e que a Princesa Feliz vivia em uma linda casa de campo normanda, toda emoldurada por trepadeiras, com seu marido, um músico pobre”.

A princesa ainda estava feliz, como era evidente na tela, tão

atraente como sempre e cortejada por grande variedade de pretendentes. Nobres e plebeus, camponeses e banqueiros, homens de todos os tipos caíam a seus pés; e dentre eles destacava-se uma espécie de mouro solitário, um lenhador desgrenhado e meio selvagem, que ela encontrava sempre que saía para um passeio.

Armado com seu machado, um ser formidável e astuto, ele rondava a casa de campo; e os espectadores sentiam com consternação que um perigo pairava sobre a cabeça da Princesa Feliz.

– Olhe só! – sussurrou Rénine. – Você percebe quem é o homem do bosque?

– Não.

– Simplesmente o mordomo. O mesmo ator está fazendo os dois papéis...

Na verdade, apesar do novo personagem que ele desempenhava, os movimentos e posturas do mordomo eram visíveis debaixo da marcha pesada e dos ombros arredondados do lenhador. Mesmo sob a barba desgrenhada e os cabelos longos e grossos, o rosto outrora barbeado era perceptível com a expressão cruel e a linha espessa das sobrancelhas.

A princesa, ao fundo, era vista saindo do chalé de palha. O homem se escondeu atrás de um tronco de árvore. De tempos em tempos a tela mostrava, em uma escala muito aumentada, os olhos ferozes ou as mãos assassinas com seus enormes polegares.

– O homem me assusta – Hortense falou. – É aterrorizante.

– Porque ele está agindo por conta própria – disse Rénine. – Você deve entender que, no espaço de três ou quatro meses que parecem separar as datas em que as duas partes do filme foram

gravadas, sua paixão progrediu. Para ele não é a princesa quem está vindo, mas Rose Andrée.

O lenhador se abaixou. A vítima aproximou-se alegremente e sem suspeitas. Ela passou, ouviu um som, parou e olhou ao redor com um ar sorridente que se tornou atento, depois inquieto, e então cada vez mais ansioso. O homem empurrara para o lado os galhos e estava vindo pelo matagal.

Agora os dois estavam frente a frente. Ele abriu os braços como se quisesse agarrá-la. Ela tentou gritar, pedir ajuda; mas os braços se fecharam em torno de seu corpo antes que pudesse oferecer a mínima resistência. Então foi jogada sobre os ombros imensos, e o lenhador pôs-se a correr.

– Está satisfeita? – sussurrou Rénine. – Você acha que este ator de quarta categoria teria toda essa força e energia se fosse qualquer outra mulher além de Rose Andrée?

Enquanto isso, o lenhador atravessava uma boa parte da floresta e mergulhava em meio a grandes árvores e trechos rochosos. Depois de baixar a princesa dos ombros, limpou a entrada de uma caverna em que a luz do dia entrava por uma fenda inclinada.

Uma sucessão de imagens mostrou o desespero do marido, a procura e, por fim, a descoberta de alguns pequenos galhos que haviam sido quebrados pela princesa e que mostravam o caminho que fora tomado.

Depois veio a cena final, com a terrível luta entre o homem e a mulher, quando esta, vencida e exausta, foi atirada ao chão. Houve então a chegada repentina do marido e o tiro que pôs fim à vida do bruto...

– Bem – disse Rénine quando saíram do cinema, em um tom de certa gravidade –, mantenho a opinião de que a filha de sua antiga

professora de piano está em perigo desde o dia em que essa última cena foi filmada. Sustento que essa cena não representa tanto um ataque do homem da floresta à Princesa Feliz, mas um ato violento e frenético de um ator à mulher que ele deseja. Certamente tudo aconteceu dentro dos limites definidos pelo papel e ninguém viu nada ali. Ninguém, exceto talvez a própria Rose Andrée.

Olhou-a antes de prosseguir:

– Mas eu, por minha vez, detectei lampejos de paixão que não deixam dúvidas em minha mente. Tenho visto olhares que traem o desejo e até mesmo a intenção de cometer assassinato. Vi mãos cerradas, prontas para estrangular, em suma, uma série de detalhes que me provam que, naquela época, o instinto do homem o incitava a matar a mulher que nunca poderia ser sua.

– E tudo isso equivale a quê?

– Devemos proteger Rose Andrée se ela ainda estiver em perigo e se não for tarde demais.

– E para fazer isso...

– Precisamos obter mais informações.

– De quem?

– Da World's Cinema Company, que realizou o filme. Irei até lá amanhã cedo. Você pode esperar por mim em seu apartamento na hora do almoço?

No fundo, Hortense ainda estava cética. Todas aquelas manifestações de paixão, sobre as quais ela não negava nem o ardor nem a ferocidade, pareciam-lhe ser o comportamento racional de um bom ator. Não vira nada da terrível tragédia que Rénine afirmava ter adivinhado. Perguntava-se se ele não estaria errando por excesso de imaginação.

– E então – Hortense perguntou no dia seguinte, não sem um

toque de ironia –, até onde você chegou? Fez uma boa investigação? Algo misterioso? Alguma coisa emocionante?

– Muito bom.

– Oh, realmente? E o seu tal amante...

– É Dalbrèque, originalmente um pintor de cenários, que interpretou o mordomo na primeira parte do filme e o homem do bosque na segunda e foi tão apreciado que eles o contrataram para um novo filme. Consequentemente, ele tem atuado ultimamente. Estava trabalhando perto de Paris. Mas, na manhã de sexta-feira 18 de setembro, ele invadiu a garagem da World's Cinema Company e saiu com um carro magnífico e quarenta mil francos em dinheiro. A informação foi passada à polícia; e no domingo o carro foi encontrado um pouco fora de Dreux.

Diante do olhar atônito dela, ele continuou:

– Até agora o inquérito revelou duas coisas, que aparecerão nos jornais até amanhã: primeiro, Dalbrèque é acusado de ter cometido um assassinato que criou uma grande agitação no ano passado, o assassinato de Bourguet, o joalheiro; segundo, no dia seguinte a seus dois roubos, Dalbrèque estava dirigindo pelo Havre um carro com dois homens que o ajudaram a levar embora, em plena luz do dia e em uma rua cheia de gente, uma senhora cuja identidade ainda não foi descoberta.

– Rose Andrée? – perguntou Hortense, inquieta.

– Acabo de ir à casa de Rose Andrée; a World's Cinema Company me deu seu endereço. Rose Andrée passou este verão viajando e depois ficou uma quinzena no Sena Marítimo¹⁰, onde tem uma pequena propriedade, o chalé de verdade da Princesa Feliz. Ao receber um convite da América para fazer um filme lá, voltou a Paris, registrou sua bagagem na estação Saint-Lazare e partiu na

sexta-feira, 18 de setembro, com a intenção de dormir no Havre e pegar o navio de sábado.

– Sexta-feira dia 18 – murmurou Hortense –, o mesmo dia em que aquele homem...

– E foi no sábado que uma mulher foi carregada por ele no Havre. Eu verifiquei com a Compagnie Transatlantique, e uma breve investigação mostrou que Rose Andrée tinha reservado uma cabine, mas essa cabine permanecia desocupada. A passageira não apareceu.

– Isto é assustador. Ela foi levada. Você estava certo.

– Temo que sim.

– O que você decidiu fazer?

– Adolphe, meu chofer, está lá fora com o carro. Vamos para Le Havre. Até o presente, o desaparecimento de Rose Andrée parece não se ter tornado conhecido. Antes disso e antes que a polícia relacione a mulher transportada por Dalbrèque com aquela que não apareceu para reclamar seu camarote, vamos encontrar a pista de Rose Andrée.

Não se falou muito durante a viagem. Às quatro horas, Hortense e Rénine chegaram a Rouen. Mas ali ele alterou o trajeto.

– Adolphe, pegue a margem esquerda do Sena.

Ele desdobrou um mapa de rodovias nos joelhos. Percorreu a rota com o dedo e mostrou a Hortense que, se traçasse uma linha do Havre, ou melhor, de Quillebeuf, onde a estrada atravessava o Sena, até Dreux, local em que o carro roubado fora encontrado, este trajeto passava por Routot, uma cidade mercantil situada a oeste da floresta de Brotonne.

– Foi na floresta de Brotonne – continuou ele –, de acordo com o que ouvi, que a segunda parte de *A princesa feliz* foi filmada. E a

pergunta que surge é a seguinte: depois do rapto de Rose Andrée, não teria ocorrido a Dalbrèque, ao passar perto da floresta no sábado à noite, a ideia de esconder ali sua presa, enquanto seus dois cúmplices iam para Dreux e dali voltavam a Paris? A caverna estava bem próxima. Ele não estaria destinado a ir para lá? Como poderia fazer o contrário? Não foi enquanto corria para aquela caverna, há alguns meses, que segurou em seus braços, contra seu peito, ao alcance de seus lábios, a mulher que amava e que agora conquistou? Por todas as regras do destino e da lógica, a aventura se repetia... mas desta vez na realidade. Rose Andrée está cativa. Sem esperança de resgate. A floresta é vasta e solitária. Nesta noite, ou em uma das noites seguintes, Rose Andrée deve se render... ou morrer.

Hortense sentiu um arrepio:

– Chegaremos tarde demais. Além disso, você não acha que ele a está mantendo prisioneira?

– Certamente não. O lugar que tenho em mente está em uma encruzilhada e não é um refúgio seguro. Mas podemos descobrir alguma pista ou outra.

As sombras da noite estavam visíveis por entre as árvores altas quando entraram na antiga floresta de Brotonne, cheia de ruínas de construções romanas e relíquias medievais. Rénine conhecia bem a floresta e se lembrava de que, perto de um famoso carvalho conhecido como Wine-cask, havia uma caverna que devia ser aquela mostrada no filme da Princesa Feliz. Ele a encontrou facilmente, acendeu sua lanterna, vasculhou os cantos escuros e trouxe Hortense de volta para a entrada.

– Não há nada lá dentro – concluiu –, mas aqui estão as provas que eu estava procurando. Dalbrèque estava obcecado com a

lembrança do filme, mas Rose Andrée também. A Princesa Feliz tinha quebrado as pontas dos galhos na caminhada pela floresta. Rose Andrée conseguiu romper alguns à direita desta abertura, na esperança de que fosse descoberta como na primeira ocasião.

– Sim – concordou Hortense –, é uma prova de que ela esteve aqui, mas a prova tem três semanas. Desde então...

– Desde então ou ela está morta e enterrada sob um monte de folhas ou está viva em algum buraco ainda mais solitário do que esse.

– Se for assim, onde ela está?

Rénine apurou os ouvidos. Golpes repetidos de machado soavam a alguma distância, sem dúvida vindos de uma parte da floresta que estava sendo desmatada.

– Ele? – indagou Rénine. – Eu me pergunto se ele não teria continuado a se comportar sob a influência do filme e se o homem da floresta de *A princesa feliz* não retomara naturalmente a sua vocação. Pois como o homem deve viver, obter sua comida, sem chamar a atenção? Ele teria arrumado um emprego.

– Não há como ter certeza disso.

– Podemos tentar, questionando os lenhadores.

O carro os levou por uma estrada florestal a outro cruzamento, onde entraram a pé em uma trilha que estava cortada por rodas de vagão. O som dos machados cessou. Depois de caminhar por um quarto de hora, eles encontraram uma dúzia de homens que, tendo terminado o trabalho do dia, estavam voltando para as aldeias próximas.

– Este caminho nos levará a Routot? – Rénine perguntou, a fim de iniciar uma conversa.

– Não, você está virado de costas para ele – disse um dos homens

com aspereza.

E o sujeito seguiu em frente, junto de seus companheiros.

Hortense e Rénine ficaram estáticos no local. Tinham reconhecido o mordomo. Suas bochechas e queixo estavam raspados, mas o lábio superior fora coberto por um bigode preto, evidentemente tingido. As sobrancelhas não se encontravam mais e tinham sido reduzidas a dimensões normais.

Assim, em menos de vinte horas, agindo sobre as vagas pistas fornecidas pelo ator de um filme, Serge Rénine havia tocado no próprio coração da tragédia por meio de argumentos puramente psicológicos.

– Rose Andrée está viva – disse ele. – Caso contrário, Dalbrèque teria deixado o país. A pobrezinha deve estar aprisionada e amarrada, e recebe alguma comida à noite.

– Vamos salvá-la, não vamos?

– Certamente, vigiando-o e, se necessário, mas em último recurso, obrigando-o à força a desistir de seu segredo.

Eles seguiram o lenhador a distância e, sob o pretexto de que o carro precisava de uma revisão, reservaram quartos na pousada principal de Routot.

Anexo à pousada ficava um pequeno café do qual estavam separados pela entrada do pátio. Acima havia dois quartos, alcançados por uma escadaria externa de madeira, situada em um dos lados. Dalbrèque ocupava um destes quartos, e Rénine reservou o outro para seu chofer.

Na manhã seguinte, Rénine soube por Adolphe que Dalbrèque, na noite anterior, depois que todas as luzes estavam apagadas, havia carregado uma bicicleta de seu quarto e montado, e só retornara pouco antes do nascer do sol.

Os rastros da bicicleta levaram Rénine ao desabitado Château des Landes, a oito quilômetros do vilarejo. Mas desapareceram em um caminho rochoso que corria ao lado do parque até o Sena, em frente à península de Jumièges.

Na noite seguinte, ele assumiu o papel de vigília. Às onze horas, Dalbrèque escalou um banco, passou por cima de uma cerca de arame, escondeu sua bicicleta sob os arbustos e foi embora. Parecia impossível segui-lo na escuridão, em um solo musgoso que abafava o som dos passos.

Rénine não fez a tentativa, mas ao amanhecer foi com seu motorista e investigou pelo parque a manhã toda. Embora o parque, que cobria o lado de uma colina e era delimitado abaixo pelo rio, não fosse muito grande, não encontrou nenhuma pista que lhe desse qualquer motivo para supor que Rose Andrée estivesse presa ali.

Voltou, então, para a aldeia com a firme intenção de agir naquela noite e empregar a força:

– Este estado de coisas não pode continuar – disse ele a Hortense. – Devo resgatar Rose Andrée a todo custo e salvá-la das garras daquele bandido. Ele deve ser obrigado a falar. Precisa falar. Caso contrário, há o perigo de chegarmos tarde demais.

Era domingo, e Dalbrèque não foi para o trabalho. Não saiu de seu quarto, exceto para o almoço, e subiu novamente logo em seguida. Mas, às três horas, Rénine e Hortense, que o vigiavam da pousada, viram-no descer a escadaria de madeira, com a bicicleta no ombro. Apoiando-a contra o degrau inferior, inflou os pneus e prendeu ao guidão um objeto bastante volumoso, embrulhado em um jornal.

– Por Deus! – murmurou Rénine.

– Qual é o problema?

Em frente ao café havia um pequeno terraço ladeado à direita e à esquerda por árvores plantadas em caixas, que eram conectadas por uma palheta. Atrás dos arbustos, sentados em um banco, mas inclinados para a frente, para que pudessem ver Dalbrèque através dos galhos, estavam quatro homens.

– Polícia! – disse Rénine. – Que má sorte! Se esses companheiros o pegarem, estragarão tudo.

– Por quê? Ao contrário, eu pensaria...

– Sim, eles o farão. Colocarão Dalbrèque fora do caminho... e então? Será que isso nos dará Rose Andrée?

Dalbrèque tinha terminado seus preparativos. Quando estava montando em sua bicicleta, os detetives se levantaram de uma só vez, prontos para correr em sua direção. Mas Dalbrèque, embora não tivesse notado a presença deles, mudou de ideia e voltou ao quarto, como se tivesse se esquecido de alguma coisa.

– Agora é a hora! – disse Rénine. – Eu vou arriscar. Mas é uma situação difícil e não tenho grandes esperanças.

Ele saiu para o pátio e, em um momento em que os detetives não estavam olhando, correu pelas escadas, como seria natural se quisesse dar uma ordem a seu motorista. Mas nem chegara à varanda rústica nos fundos da casa, que dava entrada aos dois quartos, quando parou.

A porta de Dalbrèque estava aberta. Entrou. Dalbrèque deu um passo atrás, assumindo imediatamente a defensiva:

– O que você quer? Quem disse que você podia...

– Silêncio! – sussurrou Rénine, com um gesto imperioso. – Tudo depende de você!

– Do que está falando? – rosnou o homem, com raiva.

– Inclina-se para fora de sua janela. Há quatro homens esperando

você sair, quatro detetives.

Dalbrèque debruçou-se sobre o terraço e murmurou um juramento:

– Estão me vigiando – ele disse, voltando para trás. – O que me importa?

– Os policiais têm um mandado.

Ele cruzou os braços:

– Cale a boca com seu blefe! Um mandado! O que teriam contra mim?

– Ouça – disse Rénine –, e não percamos tempo. É urgente. Seu nome é Dalbrèque, ou, pelo menos, é o nome com que atuou em *A princesa feliz* e sob o qual a polícia o procura como sendo o assassino de Bourguet, o joalheiro; é também o ladrão que roubou um carro e quarenta mil francos da World's Cinema Company e o homem que sequestrou uma mulher em Le Havre. Tudo isso é conhecido e provado... e aqui está o resultado. Quatro homens lá embaixo. Eu aqui, meu chofer na sala ao lado. Você está acabado. Quer que eu o salve?

Dalbrèque deu um longo olhar ao seu adversário:

– Quem é você?

– Um amigo de Rose Andrée – disse Rénine.

O outro esboçou uma palavra e, até certo ponto deixando cair sua máscara, retorquiu:

– Quais são suas condições?

– Rose Andrée, que você raptou e atormentou, está morrendo em algum buraco ou canto. Onde ela está?

Uma coisa estranha ocorreu e impressionou Rénine. O rosto de Dalbrèque, geralmente tão comum, foi iluminado por um sorriso que o tornou quase atraente. Mas aquela foi apenas uma visão relâmpago; o homem retomou imediatamente a expressão dura e

impassível.

– E suponha que eu me recuse a falar – disse ele.

– Tanto pior para você. Significará sua prisão.

– Eu ousou dizer que significará a morte de Rose Andrée. Quem irá libertá-la?

– Você. Você falará agora, ou daqui a uma hora, ou duas horas, pelo menos. Jamais terá coragem de ficar em silêncio e deixá-la morrer.

Dalbrèque relaxou os ombros. Então, levantando a mão, disse:

– Juro por minha vida que, se eles me prenderem, nem uma palavra sairá da minha boca.

– O que então...

– Então salve-me. Nós nos encontraremos esta noite na entrada do Parc des Landes e diremos o que temos a dizer.

– Por que não imediatamente?

– Já falei.

– Você estará lá?

– Estarei lá.

Rénine refletiu. Havia algo em tudo aquilo que não conseguia compreender. Em todo caso, o perigo assustador que ameaçava Rose Andrée dominava toda a situação; e ele não era homem de desprezar esta ameaça e persistir por vaidade em um rumo perigoso. A vida da jovem vinha antes de tudo.

Deu vários golpes na parede do quarto ao lado e chamou seu chofer.

– Adolphe, o carro está pronto?

– Sim, senhor.

– Coloque-o em frente ao terraço, do lado de fora do café, bem contra as caixas, para bloquear a saída. Quanto a você – continuou,

dirigindo-se a Dalbrèque –, deve pular em sua bicicleta e, em vez de sair pela estrada, cruze o pátio. No final deste há uma passagem que leva a uma pista. Lá você estará livre. Mas sem hesitação e sem equívocos... senão, será apanhado. Boa sorte.

Esperou até que o carro fosse colocado de acordo com suas instruções e, lá chegando, começou a interrogar seu motorista, a fim de atrair a atenção dos detetives.

Um deles, no entanto, depois de lançar um olhar através das plantas, avistou Dalbrèque quando este chegou ao fundo da escadaria. Deu o alarme e ousou avançar, seguido por seus companheiros, mas teve de correr ao redor do carro e esbarrou no motorista, o que deu tempo a Dalbrèque para montar na bicicleta e atravessar o pátio sem obstáculos. Ele ganhou assim alguns segundos para a partida. Infelizmente para ele, quando estava prestes a entrar na passagem para a pista, apareceu uma tropa de meninos e meninas voltando da cerimônia religiosa. Ao ouvir os gritos dos policiais, eles abriram seus braços na frente do fugitivo, que fez duas ou três manobras e acabou caindo.

Gritos de triunfo foram ouvidos.

– Segurem-no! Detenham-no! – rugiram os detetives enquanto se precipitavam para a frente.

Rénine, vendo que o jogo estava perdido, correu atrás dos outros e gritou:

– Detenham-no!

Aproximou-se deles assim que Dalbrèque, depois de ficar em pé, derrubou um dos policiais e pegou seu revólver. Rénine arrancou-o de suas mãos. Mas os outros dois detetives, assustados, também tinham empunhado suas armas. E atiraram. Dalbrèque, atingido na perna e no peito, arremessou-se para a frente e caiu.

– Obrigado, senhor – disse o inspetor a Rénine, apresentando-se.
– Nós devemos muito a você.

– Parece-me que vocês acabaram com este rapaz – disse Rénine.
– Quem é ele?

– Um tal de Dalbrèque, um patife que estávamos procurando.

Rénine estava fora de si. Hortense já tinha se juntado ao grupo e ele rosnou:

– Os tolos! Agora eles o mataram!

– Oh, isso não é possível!

– Veremos. Mas, esteja ele morto ou vivo, é a morte para Rose Andrée. Como vamos rastreá-la? E que chance temos de encontrar o lugar, algum retiro inacessível onde a pobre coitada está morrendo de miséria e fome?

Os detetives e camponeses tinham ido embora, levando Dalbrèque em uma maca improvisada. Rénine, que a princípio os estava seguindo para descobrir o que aconteceria, mudou de ideia e agora encontrava-se de pé, com os olhos fixos no chão.

A queda da bicicleta havia desatado o pacote que Dalbrèque amarrara ao guidão, e o jornal tinha estourado, revelando seu conteúdo: uma panela de lata, enferrujada, amassada e inútil.

– O que significa isto? – murmurou. – Qual era a ideia?

Ele a pegou, examinou-a. Depois deu um sorriso e um estalo de língua e riu, calmamente:

– Não mexa uma pestana, minha querida. Deixe todas essas pessoas se afastar. Tudo isso não é da nossa conta, certo? Os problemas da polícia não nos dizem respeito. Somos dois motoristas que viajam por prazer e coletam panelas velhas se sentimos vontade.

Chamou seu chofer.

– Adolphe, leve-nos ao Parc des Landes por uma estrada circular.

Meia hora depois, chegaram à trilha e começaram a descer a pé ao lado das encostas arborizadas. O Sena, que estava muito baixo naquela hora do dia, corria ao lado de um pequeno píer perto do qual se encontrava um barco comido por minhocas, cheio de poças de água.

Rénine entrou no barco e imediatamente começou a jogar a água fora com a panela. Então, alinhou a posição do barco com o píer, ajudou Hortense a entrar e usou o único remo que havia para levar a embarcação para o meio do rio.

– Eu acredito que tenha achado! – ele disse, com uma risada. – O pior que pode nos acontecer é molhar os pés, pois nosso barco vaza um bocado. Mas não temos uma caçarola? Oh, bênçãos para este útil utensílio! Quase no momento em que eu a vi, lembrei-me de que as pessoas usam esses artigos para retirar água dos barcos que vazam. Ora, era para existir um barco no bosque de Landes! Como eu nunca pensei nisso? Mas é claro que Dalbrèque fez uso dele para atravessar o Sena! E, por isso, trazia uma caçarola...

– Então Rose Andrée...? – perguntou Hortense.

– É uma prisioneira na outra margem, na península de Jumièges. Daqui você vê a famosa abadia¹¹...

Encalharam em uma praia de grandes seixos cobertos de lodo.

– E não pode estar muito longe – acrescentou ele. – Dalbrèque não passou a noite inteira correndo por aí.

Uma trilha seguia a margem deserta. Outra conduzia para longe dele. Escolheram a segunda e, passando entre pomares cercados por sebes, chegaram a uma paisagem que lhes parecia estranhamente familiar.

Onde já tinham visto aquela piscina antes, com os salgueiros ao

redor? E aquele casebre abandonado?

De repente, os dois pararam, em um ímpeto.

– Oh! – disse Hortense. – Eu mal posso acreditar em meus olhos!

À sua frente estava o portão branco de um grande pomar, na parte de trás do qual, entre grupos de velhas macieiras nodosas, aparecia uma cabana com portas azuis... a cabana da Princesa Feliz.

– É claro! – gritou Rénine. – E eu deveria ter reconhecido, considerando que o filme mostrou tanto este chalé quanto a floresta nas proximidades. E não está tudo acontecendo exatamente como no filme? Dalbrèque não está dominado por essa lembrança? A casa, que é certamente aquela em que Rose Andrée passou o verão, estava vazia. Ele a trouxe para cá.

– Mas a casa, você me disse, ficava no Sena Marítimo...

– Bem, nós também estamos! À esquerda do rio, o Eure e a floresta de Brotonne; à direita, o Sena Marítimo. Mas entre eles está o obstáculo do rio, e é por isso que eu não liguei os dois. Cento e cinquenta jardas¹² de água formam uma divisão mais eficaz do que dezenas de quilômetros.

O portão estava trancado. Eles atravessaram a sebe um pouco mais abaixo e caminharam em direção à casa, que fora blindada de um lado por um velho muro com hera e coberta com colmo.

– Parece que há alguém ali – disse Hortense. – Eu não escutei o som de vindo de uma janela?

– Ouça.

Alguém tocou alguns acordes em um piano. Então uma voz se elevou, a voz de uma mulher cantando suave e solenemente uma balada que vibrava de paixão contida. Toda a alma da mulher parecia respirar nas notas melódicas.

Eles caminharam. A parede os escondia da vista, mas viram uma

sala de estar mobiliada com papel de parede brilhante e um tapete romano azul. A voz palpitante cessou. O piano terminou com um último acorde, e a cantora se levantou e apareceu, emoldurada na janela.

– Rose Andrée! – sussurrou Hortense.

– Sim! – disse Rénine, admitindo seu espanto. – Esta é a última coisa que eu esperava! Rose Andrée! Rose Andrée em liberdade! E cantando Massenet na sala de estar de sua casa de campo!

– O que tudo isso significa? Você entende?

– Sim, mas já demorei o suficiente! Mas como poderíamos ter adivinhado?

Embora nunca a tivessem visto exceto na tela, não tinham a menor dúvida de que era ela. Era realmente Rose Andrée, ou melhor, a Princesa Feliz, que eles haviam admirado alguns dias antes no cinema, em meio aos móveis daquela mesma sala de estar ou na soleira daquela cabana. Usava o mesmo vestido, seu cabelo estava penteado da mesma maneira, tinha as mesmas pulseiras e colares usados em *A princesa feliz*. E seu lindo rosto, com bochechas rosadas e olhos risonhos, tinha o mesmo olhar de alegria e serenidade.

Algun ruído deve ter chamado sua atenção, pois ela se inclinou para um tufo de arbustos ao lado do chalé e sussurrou para dentro do jardim silencioso:

– Georges... Georges... É você, meu querido?

Não recebendo resposta, levantou-se e ficou sorrindo ante os pensamentos felizes que pareciam inundar sua alma.

Mas uma porta se abriu no fundo da sala, e uma velha camponesa entrou com uma bandeja carregada de pão, manteiga e leite:

– Aqui, Rose, minha linda, eu trouxe seu jantar. Leite fresco de

vaca...

E, pousando a bandeja, prosseguiu:

– Você não tem medo, Rose, do frio do ar da noite? Talvez você esteja esperando seu querido?

– Não tenho um amor, minha querida e velha Catherine.

– Não me diga! – exclamou a idosa, rindo. – Só nesta manhã havia pegadas debaixo da janela que não pareciam adequadas!

– As pegadas de um ladrão talvez, Catherine.

– Bem, eu não digo que não eram, querida Rose, especialmente porque você tem muitas pessoas à sua volta, e é bom ter cuidado. Por exemplo, seu amigo Dalbrèque. Que belas notícias! Você viu o jornal ontem. Um sujeito que roubou e assassinou pessoas e levou uma mulher do Havre!

Hortense e Rénine teriam gostado muito de saber o que Rose Andrée pensava das revelações, mas a moça havia voltado as costas para eles e estava sentada para jantar. A janela agora estava fechada, então eles não podiam ouvir sua resposta nem ver a expressão de suas feições.

Eles esperaram por um momento. Hortense escutava com uma expressão ansiosa. Mas Rénine começou a rir:

– Muito engraçado, muito engraçado! E que final inesperado! E nós, que a estávamos procurando em alguma caverna ou adega úmida, um túmulo horrível onde a pobre coitada estivesse morrendo de fome! É fato, ela conheceu os horrores daquela primeira noite de cativeiro; e eu sustento que, naquela primeira noite, a moça foi atirada, meio morta, para dentro da caverna. Só que, veja você: na manhã seguinte ela estava viva! Uma noite foi suficiente para domar o pequeno velhaco e deixar Dalbrèque tão bonito como o Príncipe Encantado para seus olhos! Pois notem a diferença. Nos filmes ou

nos romances, as princesas felizes resistem ou se suicidam. Mas na vida real... oh, mulher, mulher!

– Sim – disse Hortense –, mas o homem que ela ama está quase morto certamente.

– E uma coisa boa também! Seria a melhor solução. Qual seria o resultado deste amor criminoso por um ladrão e assassino?

Alguns minutos se passaram. Então, em meio ao silêncio pacato do dia que se extinguia, misturado com as primeiras sombras do crepúsculo, eles ouviram novamente a grade da janela, que foi cautelosamente aberta. Rose Andrée se debruçou sobre o jardim e esperou, com os olhos voltados para o muro, como se visse algo ali.

Rénine sacudiu os galhos das heras.

– Ah! – disse ela. – Desta vez eu sei que você está aí! Sim, a hera está se movendo. Georges, Georges, querido, por que você me faz esperar? Catherine se foi. Estou completamente sozinha...

Ela tinha se ajoelhado e estava distraidamente esticando os braços cobertos de pulseiras que se chocavam com um som metálico:

– Georges! Georges!

Cada movimento dela, a emoção de sua voz, todo o seu ser expressava desejo e amor. Hortense, profundamente emocionada, não podia deixar de dizer:

– Como a pobrezinha o ama! Se ela soubesse...

– Ah! – choramingou a garota. – Você falou. Você está aí, e quer que eu vá até você, não é mesmo? Aqui estou eu, Georges!

Ela pulou a janela e começou a correr, enquanto Rénine dava a volta no muro e avançava para encontrá-la.

Rose parou diante dele e perdeu o fôlego ao ver aquele homem e aquela mulher que ela não conhecia sair da própria sombra onde

seu amado lhe aparecia todas as noites.

Rénine se curvou, deu seu nome e apresentou sua companheira:

– Senhora Hortense Daniel, uma aluna e amiga de sua mãe.

Ainda imobilizada pelo susto, o rosto inexpressivo, ela gaguejou:

– Você sabe quem eu sou? E você estava lá agora mesmo? Você ouviu o que eu estava dizendo...?

Rénine, sem hesitar ou pausar em seu discurso, disse:

– Você é Rose Andrée, a Princesa Feliz. Vimos você no filme em outra noite; e as circunstâncias nos levaram a partir à sua procura... para Le Havre, onde você foi sequestrada no dia em que deveria ter partido para a América, e depois fomos para a floresta de Brotonne, onde você foi aprisionada...

Ela protestou avidamente, com uma risada forçada:

– O que é tudo isso? Eu não estive no Havre. Eu vim direto para cá. Raptada? Presa? Que bobagem!

– Sim, presa, na mesma caverna em que estive a Princesa Feliz; e você quebrou alguns galhos na saída da caverna.

– Mas que absurdo! Quem teria me sequestrado? Eu não tenho nenhum inimigo!

– Há um homem apaixonado por você: aquele que você estava esperando há pouco.

– Sim, meu amante – disse ela, orgulhosamente. – Não tenho o direito de receber quem eu gosto?

– Você tem o direito; você é livre. Mas o homem que vem vê-la todas as noites é procurado pela polícia. Seu nome é Georges Dalbrèque. Ele matou Bourguet, o joalheiro...

A acusação fez com que ela se indignasse e exclamasse:

– É uma mentira! Uma fabricação infame dos jornais! Georges estava em Paris na noite do assassinato. Ele pode provar.

– Ele roubou um carro e quarenta mil francos em notas.

A moça retorquiu com veemência:

– O carro foi levado de volta por seus amigos, e as notas serão devolvidas. Ele nunca as usou. Minha partida para a América o fizera perder a cabeça.

– Muito bem. Estou bastante disposto a acreditar em tudo o que você diz. Mas a polícia pode mostrar menos fé nestas declarações e menos indulgência.

Ela ficou subitamente inquieta e vacilante:

– A polícia... Não há nada a temer... Eles não vão saber...

– Onde encontrá-lo? Eu soube, em todo caso. Ele está trabalhando como lenhador, na floresta de Brotonne.

– Sim, mas... você... Isso foi um acidente... enquanto a polícia...

As palavras saíram-lhe dos lábios com grande dificuldade. Sua voz tremia. E de repente ela se voltou para Rénine, gaguejando:

– Ele foi preso? Tenho certeza disso! E você veio para me dizer... Preso! Ferido! Morto talvez? Oh, por favor, por favor...

Ela não tinha mais forças. Todo o seu orgulho, toda a certeza de seu grande amor, deu lugar a um imenso desespero, e Rose começou a soluçar.

– Não, ele não está morto, está? Não, eu sinto que não está morto. Oh, senhor, como tudo isso é injusto! Ele é o homem mais gentil, o melhor que já viveu. Ele mudou toda a minha vida. Tudo é diferente desde que eu comecei a amá-lo. E eu o amo tanto! Eu o amo! Eu quero ir até onde ele está. Leve-me até ele. Eu quero que eles me prendam também. Eu o amo... Eu não poderia viver sem ele...

Um impulso de simpatia fez Hortense colocar seus braços ao redor do pescoço da moça e dizer calorosamente:

– Sim, venha. Ele não está morto, tenho certeza, apenas ferido; e o príncipe Rénine vai salvá-lo. Você vai, não vai, Rénine? Venha. Invente uma história para sua criada. Diga que você vai a algum lugar de trem e que ela não deve contar a ninguém. Seja rápida. Vamos salvá-lo, eu juro que vamos.

Rose Andrée foi para dentro de casa e voltou quase de imediato, tão bem disfarçada que seria quase impossível alguém reconhecê-la, com um longo manto e um véu que lhe envolvia o rosto; e todos tomaram o caminho de volta a Routot.

Na pousada, ela se passou por uma amiga que eles supostamente tinham ido buscar no bairro e estavam levando a Paris.

Rénine saiu apressado para fazer perguntas e logo voltou a se encontrar com as duas mulheres.

– Está tudo bem. Dalbrèque está vivo. Eles o colocaram em um quarto particular no escritório do prefeito. Está com uma perna quebrada e a temperatura bastante alta; mesmo assim esperam transferi-lo para Rouen amanhã e telefonaram para lá pedindo um carro.

– E então? – perguntou Rose Andrée, ansiosamente.

Rénine sorriu:

– Partiremos ao amanhecer. Tomaremos nossas posições em uma estrada secundária e, com armas em punho, atacaremos o carro e levaremos Georges!

– Oh, não ria! – ela disse, sem rodeios. – Estou tão infeliz!

Mas a aventura parecia divertir Rénine; e, quando ele estava sozinho com Hortense, comentou:

– Você vê o que acontece quando se privilegia a desonra à morte! Mas, deixando isso de lado, quem poderia esperar esse cenário? Não é nem um pouco a forma como as coisas acontecem no

cinema! Partindo do princípio de que o homem da floresta havia carregado sua vítima e considerando que durante três semanas não havia ninguém para defendê-la, como poderíamos imaginar, nós, que sempre estivemos agindo sob a influência das imagens, que no espaço de algumas horas a vítima se tornaria uma princesa apaixonada? Que confusão, Georges! Agora entendo o olhar bem-humorado dele, que me surpreendeu e acendeu seu semblante! Ele se lembrou, Georges, e não se importou comigo! Oh, e me enganou muito bem! E você, minha querida, ele também a enganou! E foi tudo influência do filme. Eles nos mostram, no cinema, uma besta bruta, uma espécie de selvagem de cabelo comprido, com cara de macaco. O que pode ser um homem assim na vida real? Um bruto, inevitavelmente, não concorda? Bem, ele não é nada disso; ele é um Don Juan! O charlatão!

– Você vai salvá-lo, não vai? – disse Hortense, em tom suplicante.

– Você está muito ansiosa para que eu o salve?

– Muito.

– Nesse caso, prometa dar-me sua mão para beijar.

– Você pode ter as duas mãos, Rénine, e de bom grado.

A noite foi tranquila. Rénine havia dado ordens para que as duas senhoras fossem acordadas bem cedo. Quando elas desceram, o carro estava saindo do pátio e parando em frente à pousada. Chovia, e Adolphe, o motorista, já tinha arrumado o porta-malas longo e baixo e empacotado a bagagem dentro.

Rénine pediu sua conta. Os três tomaram uma xícara de café. Mas, quando estavam saindo da sala, um dos homens do inspetor entrou correndo:

– Você o viu? – perguntou. – Ele não está aqui?

O próprio inspetor chegou esbaforido, muito alterado:

– O prisioneiro escapou! Ele voltou para a pousada! Não pode estar muito longe!

Uma dúzia de homens locais apareceu como um redemoinho. Eles vasculharam os estábulos, os barracões. Espalharam-se pela vizinhança. Mas a busca não levou a nenhuma descoberta.

– Oh, mas que lamentável! – disse Rénine, que participara da caçada. – Como isso aconteceu?

– Como posso saber? – retrucou o inspetor em desespero. – Eu deixei meus três homens observando na sala ao lado. Encontrei-os nesta manhã adormecidos, dopados por algum narcótico que foi misturado a seu vinho! E o pássaro Dalbrèque tinha voado!

– Para que lado?

– Pela janela. Havia evidentemente cúmplices, com cordas e uma escada. E, como Dalbrèque tinha uma perna quebrada, eles o carregaram na maca.

– Não deixaram vestígios?

– Não havia rastro de passos, é verdade. A chuva estragou tudo. Mas eles atravessaram o pátio, porque a maca está lá.

– Você vai encontrá-lo, senhor inspetor, não há dúvida disso. De toda forma, pode ter certeza de que não terá nenhum problema com o caso. Estarei em Paris nesta noite e irei direto para a prefeitura, onde tenho amigos influentes.

Rénine voltou-se para as duas mulheres na cafeteria, e Hortense imediatamente murmurou:

– Foi você quem o carregou, não foi? Por favor, alivie a mente de Rose Andrée. Ela está tão aterrorizada!

Ele deu seu braço a Rose Andrée e levou-a até o carro. Estava cambaleante e muito pálida e disse, com uma voz fraca:

– Nós vamos? E ele está seguro? Não o pegarão novamente?

Olhando bem fundo de seus olhos, Rénine disse:

– Jure-me, Rose Andrée, que em dois meses, quando ele estiver bem e quando eu tiver provado sua inocência, jure que você irá com ele para a América.

– Eu juro.

– E que, uma vez lá, você vai se casar com ele.

– Eu juro.

Ele disse algumas palavras ao ouvido dela.

– Ah! – disse Rose. – Que os céus o abençoem por isso!

Hortense tomou seu lugar na frente com Rénine, que se sentou ao volante. O inspetor, com o chapéu na mão, agitou-se em volta do carro até que se afastaram.

Passaram pela floresta, cruzaram o Sena em La Mailleraie e entraram na estrada Havre-Rouen.

– Tire sua luva e dê-me sua mão para beijar – Rénine ordenou. – Você prometeu que o faria.

– Oh! – disse Hortense. – Mas seria quando Dalbrèque fosse salvo.

– Ele está a salvo.

– Ainda não. A polícia está atrás dele. Podem pegá-lo novamente. Ele não estará realmente a salvo até que esteja com Rose Andrée.

– Ele está com Rose Andrée – Rénine respondeu.

– O que você quer dizer?

– Vire-se.

Ela o fez.

Bem atrás do motorista, Rose Andrée estava ajoelhada ao lado de um homem deitado no banco.

– Oh – Hortense gaguejou –, é incrível! Então foi você quem o escondeu ontem à noite? E ele estava lá, em frente à pousada,

enquanto o inspetor estava nos recebendo lá fora?

– Senhor, sim! Ele estava lá, debaixo das almofadas e dos tapetes!

– É incrível! – repetiu ela, totalmente desnorteada. – É surpreendente! Como você foi capaz de administrar tudo isso?

– Eu queria beijar sua mão – disse ele.

Ela tirou a luva, como foi pedido, e levantou a mão até os lábios dele.

O carro estava acelerando entre o pacato Sena e os penhascos brancos que o cercam. Ficaram em silêncio por um longo tempo. Então ele disse:

– Tive uma conversa com Dalbrèque ontem à noite. Ele é um bom sujeito e está pronto para fazer qualquer coisa por Rose Andrée. E está certo. Um homem deve fazer tudo pela mulher que ama. Deve dedicar-se a ela, oferecer-lhe o que há de mais belo neste mundo: alegria e felicidade... e, se ela se aborrecer, agitar aventuras para distraí-la, excitá-la e fazê-la sorrir... ou mesmo chorar.

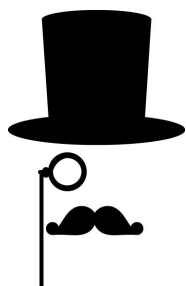
Hortense tremia, e seus olhos estavam marejados. Pela primeira vez ele aludia à aventura sentimental que os prendia por um laço que ainda era frágil, mas que se tornava mais forte e duradouro a cada episódio que experimentavam juntos, perseguindo febril e ansiosamente até seu fechamento. Ela já se sentia impotente e inquieta diante deste homem extraordinário, que submetia os acontecimentos à sua vontade e parecia brincar com os destinos daqueles que combatia ou protegia. Rénine a enchia de pavor e, ao mesmo tempo, a atraía. Pensava nele às vezes como seu mestre, às vezes como um inimigo contra o qual devia se defender, mas em muitas ocasiões como um amigo perturbador, cheio de encanto e fascínio...

⁹ Uniforme usado por criados de casas nobres. (N.T.)

¹⁰ Departamento (correspondente ao Estado no Brasil) da França localizado na Alta Normandia. Sua capital é Rouen. (N.R.)

¹¹ A Abadia de Jumièges foi um mosteiro [beneditino](#) situado na [comuna](#) de [Jumièges](#), no [Sena](#) Marítimo. (N.T.)

¹² Uma jarda equivale a 0,9144 metro. (N.T.)



Thérèse e Germaine

O tempo estava tão ameno que no outono, no dia 12 de outubro, pela manhã, várias famílias residentes em suas vilas em Étretat desceram para a praia. O mar, estendido entre as falésias e as nuvens no horizonte, poderia sugerir um adormecer de lagos de montanha no interior das rochas que o circundam, não fosse por aquela brisa no ar e aquelas cores pálidas, suaves e indefinidas no céu que dão um encanto especial a certos dias na Normandia.

– É delicioso – murmurou Hortense. Mas, no momento seguinte, acrescentou: – Mesmo assim, não viemos aqui para apreciar o espetáculo da natureza ou para nos perguntarmos se aquela enorme agulha de pedra à nossa esquerda foi realmente, em algum momento, a casa de Arsène Lupin.

– Viemos aqui – disse o príncipe Rénine – em razão da conversa que ouvi há quinze dias, no vagão-restaurant, entre um homem e uma mulher.

– Uma conversa da qual não consegui capturar uma única palavra.

– Se aquelas duas pessoas tivessem suspeitado, por um instante, que era possível ouvir uma única palavra do que estavam dizendo, teriam se calado, pois sua conversa era de extraordinária gravidade e importância. Mas eu tenho ouvidos muito afiados e, embora não

pudesse seguir cada frase, insisto que podemos ter certeza de duas coisas. Primeiro, aquele homem e aquela mulher, que são irmão e irmã, têm um compromisso às quinze para o meio-dia da manhã de hoje, 12 de outubro, no local conhecido como Trois Mathildes, com uma terceira pessoa, que é casada e que deseja a todo custo recuperar sua liberdade. Em segundo lugar, este encontro, no qual eles chegarão a um acordo final, será seguido nesta noite por um passeio ao longo dos penhascos, quando a terceira pessoa trará consigo o homem ou a mulher, não posso dizer com certeza qual, de quem eles querem se livrar. Essa é a essência de tudo isso. Agora, como conheço um lugar chamado Trois Mathildes, um pouco acima de Étretat, e como este não é um nome comum, descemos ontem para frustrar o plano destas pessoas censuráveis.

– Qual plano? – Hortense perguntou. – Pois, afinal de contas, é apenas uma suposição sua de que haverá uma vítima e que esta pessoa será atirada do topo dos penhascos. Você mesmo me disse que não ouviu alusão a um possível assassinato.

– Isso. Mas eu ouvi algumas palavras muito claras relacionadas ao casamento do irmão ou da irmã com a esposa ou o marido da terceira pessoa, o que implica a necessidade de um crime.

Eles estavam sentados no terraço do cassino, de frente para a escada que descia até a praia. Assim, não avistavam os poucos chalés privados na calçada, onde quatro homens jogavam *bridge*¹³, enquanto um grupo de senhoras se reunia para conversar e tricotar.

A uma curta distância e mais perto do mar havia outro chalé, que estava isolado e fechado.

Meia dúzia de crianças de pernas descalças remava no mar.

– Não – disse Hortense –, toda esta doçura e charme outonal não me atraem. Tenho tanta fé em todas as suas teorias que não

consigo deixar de pensar, apesar de tudo, neste terrível problema. Qual dessas pessoas ali está ameaçada? A morte já selecionou sua vítima. Quem é ela? É aquela mulher jovem, de cabelos lisos, que se balança e ri? Será aquele homem alto, fumando seu charuto? E qual deles tem o pensamento de assassinato escondido em seu coração? Todas as pessoas que vemos estão se divertindo em silêncio. No entanto, a morte ronda esse lugar.

– Isso mesmo! – concordou Rénine. – Você também está ficando entusiasmada. O que eu lhe disse? A vida toda é uma aventura; e nada além da emoção vale a pena. No primeiro suspiro dos eventos que se avizinham, lá está você, tremendo em cada nervo. E participa de todas as tragédias que se agitam ao seu redor. O sentimento de mistério desponta das profundezas do seu ser. Veja como observa com atenção aquele casal que acaba de chegar. Você nunca pode dizer: pode ser esse o cavalheiro que se propõe a matar sua esposa? Ou talvez a dama pense em fugir com seu marido?

– Os d’Ormeval? Nunca! Um casal perfeitamente feliz! Ontem, no hotel, tive uma longa conversa com a esposa. E você mesmo...

– Oh, eu joguei uma partida de golfe com Jacques d’Ormeval, que se considera um atleta, e eu brinquei de bonecas com suas duas garotinhas encantadoras!

Os d’Ormeval apareceram e trocaram algumas palavras com eles. A senhora d’Ormeval disse que suas duas filhas haviam voltado para Paris naquela manhã com a governanta. Seu marido, um sujeito grande e alto com barba amarela, carregava um *blazer* no braço e usava uma camisa fina, e reclamou do calor.

– Você tem a chave da cabine, Thérèse? – perguntou à mulher, quando deixaram Rénine e Hortense e pararam no topo da escada,

a poucos metros de distância.

– Aqui está – disse ela. – Você vai ler seus jornais?

– Sim. A menos que façamos um passeio.

– Eu prefiro esperar até a tarde; você se importa? Tenho muitas cartas para escrever nesta manhã.

– Muito bem. Nós iremos ao penhasco.

Hortense e Rénine trocaram um olhar de surpresa. Aquela sugestão foi acidental? Ou eles tinham diante de si, contrariamente às suas expectativas, o próprio casal que procuravam?

Hortense tentou rir.

– Meu coração está disparando. No entanto, eu me recuso absolutamente a acreditar em algo tão improvável. “Meu marido e eu nunca tivemos a menor discussão”, Thérèse me confidenciou. Não é bastante claro que esses dois se dão admiravelmente bem?

– Veremos em breve, no Trois Mathildes, se um deles for ao encontro do irmão e da irmã.

O senhor d’Ormeval tinha descido a escada, enquanto sua esposa estava em pé, apoiada na balaustrada do terraço. Ela era uma figura bonita, esbelta e flexível. Seu perfil nítido era acentuado por um queixo bem proeminente quando em repouso. Quando não sorria, a face mostrava uma expressão de tristeza e sofrimento.

– Você perdeu alguma coisa, Jacques? – ela perguntou ao marido, que estava se inclinando sobre o piso acidentado.

– Sim, a chave – disse ele. – Escorregou da minha mão.

Ela desceu para encontrá-lo e começou a procurar também. Durante dois ou três minutos, enquanto se desviavam para a direita e permaneciam perto do fundo do degrau, ficaram invisíveis para Hortense e Rénine. Suas vozes estavam cobertas pelo barulho de uma disputa que havia surgido entre os parceiros do jogo de *bridge*.

Ambos reapareceram quase simultaneamente. A senhora d'Ormeval subiu lentamente alguns degraus da escada e depois parou e virou o rosto para o mar. Seu marido tinha jogado o *blazer* sobre os ombros e seguia para o chalé isolado. Quando passou pelos jogadores de *bridge*, eles lhe pediram uma opinião, apontando para as cartas espalhadas sobre a mesa. Mas, com um aceno de mão, ele se recusou a dar um palpite e foi em frente; cobriu os trinta metros que o separavam do chalé, abriu a porta e entrou.

Thérèse d'Ormeval voltou para o terraço e permaneceu por dez minutos sentada em um banco. Depois, saiu pelo cassino. Hortense, inclinada para a frente, viu-a entrar em um dos chalés anexados ao Hotel Hauville e, um momento depois, avistou-a novamente na varanda.

– Onze horas – disse Rénine. – Quem quer que seja, ele ou ela, ou um dos jogadores de cartas, ou uma de suas esposas, não demorará muito para alguém ir ao lugar marcado.

No entanto, passaram-se vinte minutos, vinte e cinco; e ninguém se mexeu.

– Talvez a senhora d'Ormeval tenha ido embora – sugeriu Hortense, ansiosamente. – Ela não está mais em sua varanda.

– Se ela estiver no Trois Mathildes – disse Rénine, – nós a pegaremos lá.

Estava se levantando quando uma nova discussão surgiu entre os jogadores de *bridge* e um deles exclamou:

– Vamos colocar isso no d'Ormeval.

– Muito bem – disse seu adversário. – Aceitarei sua decisão... se ele consentir em agir como árbitro. Pois estava um pouco nervoso há pouco.

Então eles chamaram:

– D’Ormeval! D’Ormeval!

Viram então que d’Ormeval devia ter fechado a porta atrás de si, o que o manteve na penumbra. O quarto não tinha janela.

– Ele está dormindo – gritou um. – Vamos acordá-lo.

Todos os quatro foram para o chalé, começaram a chamar por ele e, diante da falta de resposta, bateram à porta:

– Oi! D’Ormeval! Você está dormindo?

No terraço, Serge Rénine subitamente pôs-se de pé com uma expressão tão desconfortável que Hortense ficou espantada. Ele murmurou:

– Se ao menos não for tarde demais!

E, quando Hortense lhe perguntou o que queria dizer, ele já tinha descido a escada e começado a correr para o chalé. Chegou lá quando os jogadores de *bridge* tentavam arrombar a porta:

– Pare! – ele gritou. – As coisas devem ser feitas de forma ordenada.

– Que coisas? – perguntaram.

Ele examinou as venezianas no topo de cada uma das portas dobráveis e, ao descobrir que uma das ripas superiores estava parcialmente quebrada, agarrou-se o melhor que pôde ao teto da cabine e lançou um olhar para dentro. Em seguida, disse aos quatro homens:

– Eu estava certo ao pensar que, se o senhor d’Ormeval não respondeu, deve ter sido impedido por alguma causa séria. Há todos os motivos para acreditar que ele esteja ferido... ou morto.

– Morto! – eles gritaram. – O que você quer dizer com isso? Ele acabou de passar por nós.

Rénine pegou sua faca, abriu a fechadura e puxou as duas portas para trás.

Houve gritos de consternação. D'Ormeval estava deitado sobre o rosto, agarrado ao casaco e com o jornal em suas mãos. O sangue escorria das costas e manchava a camisa.

– Oh! – disse um dos homens. – Ele se matou!

– Como ele pode ter-se matado? – disse Rénine. – A ferida está bem no meio das costas, em um lugar que a mão não pode alcançar. Além disso, não há uma faca na cabine.

Os outros protestaram:

– Se é assim, ele foi assassinado. Mas isso é impossível! Ninguém esteve aqui. Teríamos visto, se tivesse acontecido. Ninguém poderia ter passado por nós sem que tivéssemos visto...

Os outros homens, todas as senhoras e as crianças remando no mar tinham vindo correndo. Rénine não permitiu que ninguém entrasse no quarto, exceto um médico que estava presente. Mas o médico só foi capaz de dizer que o senhor d'Ormeval estava morto, porque fora apunhalado com uma adaga.

Nesse momento chegaram o prefeito e o policial, junto de algumas pessoas da aldeia. Após as perguntas habituais, eles levaram o corpo.

Algumas pessoas se adiantaram para dar a notícia a Thérèse d'Ormeval, que mais uma vez podia ser avistada em sua varanda.

E assim a tragédia aconteceu sem nenhuma pista para explicar como um homem, protegido por uma porta trancada com uma fechadura sem marcas de arrombamento, pôde ter sido assassinado no espaço de poucos minutos e na frente de vinte testemunhas, quase, poder-se-ia dizer, vinte espectadores. Ninguém havia entrado no chalé. Ninguém tinha saído dali. Quanto à adaga com a qual o senhor d'Ormeval fora esfaqueado entre os ombros, não foi possível rastreá-la. E tudo teria sugerido a ideia de um truque de

magia executado por alguém esperto, um assassinato terrível, cometido sob as mais misteriosas condições.

Hortense sentia-se incapaz de acompanhar, como Rénine teria desejado, o pequeno grupo que se dirigia para a senhora d'Ormeval. Estava paralisada de emoção e incapaz de se mover. Era a primeira vez, em suas aventuras com Rénine, que se via no coração da ação e que, em vez de notar as consequências de um assassinato, ou ajudar na perseguição dos criminosos, ela se via confrontada com o assassino em si.

O pensamento deixou-a trêmula, e ela gaguejou:

– Que horrível! O pobre sujeito!... Ah, Rénine, desta vez você não conseguiu salvá-lo!... E é isso que me perturba mais do que tudo, que nós poderíamos e devíamos tê-lo salvado, já que sabíamos da trama...

Rénine a fez cheirar um frasco de sais e, quando ela já tinha recuperado bem a postura, disse, enquanto a observava atentamente:

– Então você acha que há alguma conexão entre o assassinato e a trama que estávamos tentando frustrar?

– Certamente – ela exclamou, atônita com a pergunta.

– Então, como essa conspiração foi armada por um marido contra sua esposa ou por uma esposa contra seu marido, você admite que a senhora d'Ormeval...

– Oh, não, impossível! – ela repeliu a sugestão. – Para começar, a senhora d'Ormeval não saiu do quarto... e eu jamais acreditarei que aquela linda mulher seria capaz de... Não, não, é claro que havia algo mais...

– O que mais?

– Eu não sei... Você pode ter entendido mal o que o irmão e a

irmã estavam dizendo um ao outro... Veja, o assassinato foi cometido sob condições bem diferentes... em outra hora e outro lugar...

– E, portanto – concluiu Rénine –, os dois casos não estão de forma alguma relacionados?

– Oh – ela disse –, não há como saber! É tudo tão estranho!

Rénine assumiu um ar um pouco irônico:

– Minha aluna não me dá nenhum crédito hoje em dia. Porque aqui está uma história perfeitamente simples, desdobrada diante de seus olhos. Você já a viu saindo de uma cena no cinema; e tudo isso permanece tão obscuro para você como se estivesse ouvindo falar de um caso que aconteceu em uma caverna a cento e sessenta quilômetros de distância!

Hortense ficou confusa:

– O que está dizendo? Quer dizer que você entendeu? Que pistas tem para seguir?

Rénine olhou para seu relógio.

– Eu não entendi tudo – disse ele. – O assassinato em si, o mero assassinato brutal, sim. Mas o essencial, isto é, a psicologia do crime, não faço a menor ideia disso. Mas já é meio-dia. O irmão e a irmã, não vendo ninguém comparecer ao encontro no Trois Mathildes, irão até a praia. Você não acha que aprenderemos algo sobre a cumplicidade que eu os acuso de ter e sobre a conexão entre os dois casos?

Eles chegaram à varanda em frente aos chalés de Hauville, perto dos cabrestantes¹⁴, com os quais os pescadores puxavam seus barcos até a praia. Muitas pessoas curiosas estavam do lado de fora da porta de um dos chalés. Dois guardas costeiros, postados à entrada, impediam-nos de entrar.

O prefeito se apressou a atravessar a multidão. Estava de volta do correio, onde havia telefonado para o Havre, para o escritório do procurador-geral, e fora informado de que o promotor público e um juiz de instrução viriam a Étretat no decorrer da tarde.

– Isso nos deixa bastante tempo para o almoço – disse Rénine. – A tragédia não será decretada antes das duas ou três horas. E eu tenho uma ideia de que será sensacional.

Eles se apressaram, no entanto. Hortense, sobrecarregada pela fadiga e a vontade de saber o que estava acontecendo, questionava continuamente Rénine, que respondia com evasivas, os olhos sempre voltados para a varanda, que eles podiam ver pelas janelas da cafeteria.

– Você está atento à vinda daqueles dois? – perguntou Hortense.

– Sim, o irmão e a irmã.

– Tem certeza de que eles se aventurarão?

– Olhe! Aí vêm eles!

E saiu rapidamente.

No local onde a rua principal se abria em frente ao mar, uma senhora e um cavalheiro avançavam com passos hesitantes, como se não estivessem familiarizados com o lugar. O irmão era um homem pequeno e insignificante, com uma pele pálida. Usava um capacete de motociclista. A irmã também era baixa, mas bastante robusta, e estava envolta em um grande manto. Ela impressionava por ser uma mulher de certa idade, mas ainda assim de boa aparência sob o fino véu que cobria seu rosto.

Eles viram os grupos de transeuntes e se aproximaram mais. Seu andar traía inquietação e hesitação.

A irmã fez uma pergunta a um marinheiro. Às primeiras palavras da resposta, que sem dúvida transmitira a notícia da morte de

d'Ormeval, ela soltou um grito e tentou forçar caminho no meio da multidão. O irmão, tomando ciência, por sua vez, do que havia acontecido, fez um largo movimento com os braços e gritou para os guardas costeiros:

– Sou amigo do d'Ormeval! Aqui está meu cartão! Frédéric Astaing... Minha irmã, Germaine Astaing, conhece intimamente a senhora d'Ormeval! Eles estavam nos esperando... Nós tínhamos um compromisso!

Tiveram permissão para passar. Rénine, que se esgueirara atrás dos dois, seguiu-os sem uma palavra, acompanhado por Hortense.

Os d'Ormeval tinham quatro quartos e uma sala de estar no segundo andar. Germaine correu para um dos quartos e se jogou de joelhos ao lado da cama sobre a qual estava o cadáver. Thérèse d'Ormeval, na sala de estar, soluçava no meio de uma pequena companhia de pessoas silenciosas. Frédéric sentou-se ao lado dela, agarrou ansiosamente suas mãos e disse, com voz trêmula:

– Meu pobre amigo... Meu pobre amigo...

Rénine e Hortense olharam a cena e ela sussurrou:

– E ela deveria tê-lo matado por isso? Impossível!

– Entretanto – Rénine observou –, eles são conhecidos, e sabemos que Astaing e sua irmã também falavam de uma terceira pessoa que era sua cúmplice. Então...

– É impossível – repetiu Hortense.

E, apesar de toda a presunção, ela se sentiu tão atraída por Thérèse que, quando Frédéric Astaing se levantou, avançou imediatamente para se sentar a seu lado e a consolou com uma voz suave. As lágrimas da infeliz mulher a afligiram profundamente.

Rénine, por sua vez, dedicou-se desde o início a observar o irmão e a irmã, como se isso fosse a única coisa que importasse. Não tirou

os olhos de Frédéric Astaing, que, com um ar de indiferença, começou a fazer uma minuciosa inspeção do local, examinando a sala de estar, entrando em todos os quartos, misturando-se com os vários grupos de pessoas presentes e fazendo perguntas sobre a forma como o assassinato havia sido cometido. Duas vezes sua irmã se aproximou, e conversaram. Depois ele voltou para a senhora d'Ormeval e novamente sentou-se ao lado dela, cheio de sincera simpatia. Finalmente, no saguão, teve uma longa conversa com sua irmã, depois da qual se separaram, como pessoas que chegaram a um entendimento perfeito. Frédéric então partiu. Essas ações tinham durado uns trinta ou quarenta minutos.

Foi nesse momento que o automóvel do magistrado examinador e do promotor público parou do lado de fora dos chalés. Rénine, que só os esperava para mais tarde, disse a Hortense:

– Temos de ser rápidos. Em caso algum saia de perto da senhora d'Ormeval.

As autoridades solicitaram que as pessoas que tivessem provas de qualquer ordem fossem para a praia, onde o magistrado iniciaria uma investigação preliminar. Ele chamaria depois a senhora d'Ormeval. Assim, todos os que estavam presentes deixaram o chalé. Ninguém ficou para trás, exceto os dois guardas e Germaine Astaing.

Germaine ajoelhou-se pela última vez ao lado do morto e, curvando-se para baixo, com o rosto nas mãos, rezou por um longo tempo. Então ela se levantou e estava abrindo a porta quando Rénine se adiantou:

– Gostaria de lhe dizer algumas palavras, senhora.

Ela pareceu surpresa e replicou:

– O que é, senhor? Estou ouvindo.

– Aqui não.
– Onde então, senhor?
– Na sala ao lado, na sala de estar.
– Não – disse ela, com rispidez.
– Por que não? Embora a senhora nem tenha apertado as mãos dela, presumo que a senhora d’Ormeval seja sua amiga...

Ele não lhe deu tempo para reflexões e conduziu-a para a sala ao lado; fechou a porta e, em seguida, alcançou a senhora d’Ormeval, que estava tentando sair e voltar para seu próprio quarto. Então, disse:

– Não, senhora, escute, eu lhe imploro. A presença da senhora Astaing não precisa afastá-la. Temos assuntos muito sérios a discutir, sem perder um minuto.

As duas mulheres, frente a frente, estavam olhando uma para a outra com a mesma expressão de ódio implacável, no qual poderia ser lida igual confusão de espírito e raiva contida. Hortense, que acreditava que fossem amigas e supôs, até certo ponto, que fossem cúmplices, previu com terror o encontro hostil que parecia ser inevitável.

Ela obrigou a senhora d’Ormeval a retomar seu lugar, enquanto Rénine assumia seu posto no meio da sala e falava em tom resolutivo:

– O acaso, que me colocou de posse de parte da verdade, me permitirá salvar ambas, se vocês estiverem dispostas a me ajudar com uma explicação franca que me dará os detalhes de que ainda preciso. Cada uma de vocês conhece o perigo que ela representa, pois está consciente, em seu coração, do mal pelo qual é responsável. Mas vocês se deixam levar pelo ódio; e a mim cabe ver com clareza e agir. O magistrado examinador estará aqui em

meia hora. Até lá, vocês já deverão ter chegado a um acordo.

Ambas arregalaram os olhos, como que ofendidas por tais palavras.

– Sim, um acordo – ele repetiu, em tom mais imperioso. – Quer vocês gostem ou não, chegarão a um acordo. Vocês não são as únicas a serem consideradas. Aí estão suas duas filhas pequenas, senhora d’Ormeval. Como as circunstâncias me colocaram no caminho delas, estou intervindo em sua defesa e para sua segurança. Um engano, uma palavra a mais, e elas estarão arruinadas. Isso não deve acontecer.

À menção de suas filhas, a senhora d’Ormeval desabou a chorar. Germaine Astaing encolheu os ombros e fez um movimento em direção à porta. Rénine mais uma vez bloqueou o caminho:

– Para onde vai?

– Fui convocada pelo magistrado examinador.

– Não, não foi.

– Sim, eu fui. Assim como todos aqueles que têm alguma evidência a dar.

– Você não estava no local. Nada sabe do que aconteceu. Ninguém sabe de nada sobre o assassinato.

– Eu sei quem o cometeu.

– Isso é impossível.

– Foi Thérèse d’Ormeval.

A acusação foi lançada em uma explosão de raiva e com um gesto ferozmente ameaçador.

– Sua criatura miserável! – exclamou a senhora d’Ormeval, avançando contra ela. – Vá! Saia da sala! Oh, que mulher desgraçada!

Hortense tentava detê-la, mas Rénine sussurrou:

– Deixe-as em paz. Era o que eu queria... jogá-las uma contra a outra e assim deixar entrar a luz do dia.

Germaine Astaing fazia um esforço violento para afastar o insulto com uma brincadeira, e resmungou:

– Uma criatura desgraçada? Por quê? Porque eu a acusei?

– Por quê? Por todos os motivos! Você é uma criatura detestável! Ouça o que eu digo, Germaine: você é uma desgraçada!

Thérèse d’Ormeval repetia o insulto como se isso lhe proporcionasse algum alívio. Sua raiva estava abafada. Muito provavelmente ela também não tinha mais forças para continuar a luta; e foi Germaine Astaing quem voltou ao ataque, com os punhos cerrados e o rosto retorcido e, repentinamente, envelhecido em vinte anos.

– Você! Você ousa me insultar, você! Depois do assassinato que acabou de cometer! Ousa levantar a cabeça quando o homem que você matou está deitado no leito de morte! Ah, se uma de nós é uma criatura miserável, é você, Thérèse, e bem sabe disso! Você matou seu marido! Você matou seu marido!

Ela deu um salto para a frente, na emoção das terríveis palavras que estava proferindo, e suas unhas quase tocaram o rosto da outra.

– Oh, não me diga que você não o matou! – ela gritou. – Não diga isso: eu não deixarei. Não diga isso. A adaga está lá, em sua bolsa. Meu irmão a sentiu, enquanto falava com você; e sua mão saiu com manchas de sangue: o sangue de seu marido, Thérèse. E então, mesmo que eu não tivesse descoberto nada, você acha que eu não teria adivinhado logo? Ora, eu soube a verdade imediatamente, Thérèse! Quando um marinheiro lá embaixo respondeu: “Sr. d’Ormeval? Ele foi assassinado”, eu disse a mim mesma ali,

naquele momento: “Foi ela. Thérèse o matou”.

Thérèse nada respondeu. Havia abandonado sua atitude de protesto. Hortense, que a observava com angústia, pensou que podia perceber nela o desânimo daqueles que sabem que estão perdidos. Suas bochechas haviam caído, e ela mostrava tamanha expressão de desespero que Hortense, movida pela compaixão, implorou-lhe que se defendesse:

– Por favor, por favor, explique tudo. Quando o assassinato foi cometido, você estava aqui, na varanda... Mas então a adaga... como você chegou a tê-la...? Como você explica isso?

– Explicações! – desdenhou Germaine Astaing. – Como ela poderia explicar? O que importam as aparências externas? De que vale o que alguém viu ou não viu? A prova são os fatos... A adaga está lá, em sua bolsa, Thérèse: isso é um fato... Sim, sim, foi você quem fez isso! Você o matou! Você o matou, no final!... Ah, quantas vezes eu disse ao meu irmão: “Ela ainda vai matá-lo!”. Frédéric costumava defendê-la. Ele sempre teve uma fraqueza por você. Mas, em seu íntimo, ele previu o que aconteceria... E agora a coisa horrível foi feita. Uma facada nas costas! Covarde! Covarde! E você quer que eu não diga nada? Ora, eu não hesitei um momento sequer! Frédéric, tampouco. Procuramos provas imediatamente... E eu a denunciei por minha livre vontade, perfeitamente consciente do que estava fazendo... Acabou, Thérèse. Você está acabada. Nada pode salvá-la agora. A adaga está na bolsa que você está segurando na mão. O magistrado está chegando; e a adaga será encontrada, manchada com o sangue de seu marido. O mesmo acontecerá com seu livro de bolso. Os dois estão lá. E serão encontrados...

Sua fúria a havia inflamado tão violentamente que ela não pôde

continuar e ficou de pé com a mão estendida e o queixo tremendo.

Rénine gentilmente pegou a bolsa da senhora d'Ormeval. Ela agarrou-se ao acessório, mas ele insistiu e disse:

– Por favor, permita-me, senhora. Sua amiga Germaine está certa. O magistrado examinador estará aqui em um momento; e o fato de a adaga e o livro de bolso estarem em sua posse levará à sua prisão imediata. Isto não deve acontecer. Permita-me, por favor.

Sua voz insinuante diminuiu a resistência de Thérèse d'Ormeval. Ela abriu os dedos, um a um. Ele pegou a bolsa, abriu-a, retirou uma pequena adaga com um cabo de ébano e um livro de bolso de couro cinza e, em silêncio, enfiou os dois no bolso interno de sua jaqueta.

Germaine Astaing olhou para ele espantada:

– Você está louco, senhor! Que direito você tem...?

– Estas coisas não devem ser deixadas de lado. Eu não me preocupo agora. O magistrado nunca as procurará em meu bolso.

– Mas vou denunciá-lo à polícia! – ela exclamou, indignada. – Eles serão avisados!

– Não, não – disse ele, rindo –, você não dirá nada! A polícia não tem nada a ver com isto. A briga entre vocês deve ser resolvida em particular. Que ideia, arrastar a polícia para cada incidente da vida de alguém!

Germaine Astaing estava sufocada de fúria:

– Mas você não tem o direito de falar assim, senhor! Afinal de contas, quem é você? Um amigo daquela mulher?

– Desde que você a tem atacado, sim.

– Mas eu só a estou atacando porque ela é culpada. Pois você não pode negar: ela matou o marido.

– Eu não nego – disse Rénine calmamente. – Estamos todos de

acordo sobre esse ponto. Jacques d'Ormeval foi morto pela esposa. Mas, repito, a polícia não deve saber da verdade.

– Eles saberão através de mim, senhor, eu juro que saberão. Essa mulher deve ser punida; ela cometeu assassinato.

Rénine foi até ela e, tocando-a no ombro, falou:

– A senhora acabou de me perguntar com que direito eu estava interferindo. E você mesma, senhora?

– Eu era amiga de Jacques d'Ormeval.

– Só amiga?

Ela ficou um pouco surpresa, mas imediatamente se recompôs e respondeu:

– Eu era amiga dele, e é meu dever vingar sua morte.

– No entanto, você permanecerá em silêncio, como ele fez.

– Ele não sabia quando morreu.

– É aí que você está errada. Ele poderia ter acusado a esposa, se assim o desejasse. Ele teve tempo suficiente para acusá-la; e não disse nada.

– Por quê?

– Por causa das filhas.

Germaine Astaing não foi apaziguada. Sua atitude demonstrava o mesmo desejo de vingança e igual determinação. Mas foi influenciada por Rénine, apesar de si mesma. Na pequena sala fechada, onde havia tanto ódio, ele estava gradualmente se tornando o mestre; e Germaine Astaing entendeu que era contra aquela pessoa que tinha de lutar.

Já a senhora d'Ormeval sentia todo o conforto daquele apoio inesperado que se oferecia à beira do abismo:

– Obrigada, senhor – disse ela. – Como você viu tudo isso tão claramente, como também sabe que foi por causa de minhas

crianças que eu não me entreguei? Mas... estou tão cansada!

E assim a cena estava mudando e tudo assumindo um aspecto diferente. Graças a algumas palavras que foram surgindo no meio da disputa, a culpada estava levantando a cabeça e se animando, enquanto seu acusador hesitava e parecia estar inquieto. Aconteceu que o acusador não ousou dizer mais nada, e a culpada aproximou-se do momento em que sentiu a necessidade de quebrar o silêncio e falar, muito naturalmente, palavras que eram ao mesmo tempo uma confissão e um alívio.

– Chegou a hora, creio eu – Rénine disse a Thérèse, com a mesma gentileza de sempre –, em que você pode e deve se explicar.

Ela estava de novo chorando, encolhida em uma cadeira. Também revelava um rosto envelhecido e devastado pela tristeza. Em voz muito baixa, sem nenhuma demonstração de raiva, falou, em frases curtas e quebradas:

– Ela tem sido amante de meu marido nos últimos quatro anos... Não posso lhe dizer como tenho sofrido... Ela mesma me falou disso... por pura maldade... Sua aversão por mim era ainda maior que seu amor por Jacques... e todos os dias eu tinha alguma ferida nova para suportar... Ela me ligava para me falar de seus encontros com meu marido... Esperava me fazer sofrer tanto que eu acabaria me matando... Às vezes eu pensava nisso, mas eu aguentava, pelo bem das crianças... Jacques estava se enfraquecendo. Ela queria que nos divorciássemos... e pouco a pouco ele começou a consentir... dominado por Germaine e pelo irmão dela, que é mais astuto do que ela, mas tão perigoso... Eu sentia tudo isso... Jacques estava se tornando duro comigo... Não tinha coragem de me deixar, mas eu era o obstáculo, e ele guardou rancor de mim...

Céus, as torturas que sofri!

– Você devia ter-lhe dado a liberdade – gritou Germaine Astaing. – Uma mulher não mata seu marido por querer o divórcio.

Thérèse fez uma negativa com a cabeça e respondeu:

– Eu não o matei porque ele queria o divórcio. Se ele realmente o quisesse, teria me deixado; e o que eu poderia ter feito? Mas seus planos tinham mudado, Germaine; o divórcio não era suficiente para você; e era outra coisa que você teria conseguido dele, outra coisa muito mais séria pela qual você e seu irmão tinham insistido... e ele tinha consentido... por covardia... apesar de si mesmo...

– O que você quer dizer? – Germaine gaguejou. – Que outra coisa?

– Minha morte.

– Você mentel! – gritou a senhora Astaing.

Thérèse não levantou a voz. Não fez um movimento de aversão ou indignação e simplesmente repetiu:

– Minha morte, Germaine. Li suas últimas cartas, seis cartas suas que ele foi tolo o suficiente para deixar no livro de bolso dele e que li ontem à noite. Seis cartas nas quais a terrível palavra não está escrita, mas aparece em cada entrelinha. Eu tremia enquanto lia! Que Jacques pudesse chegar a isso! Entretanto, a ideia de apunhalá-lo não me ocorreu por um segundo. Uma mulher como eu, Germaine, não comete assassinato facilmente... Se eu perdi a cabeça, foi depois disso... e a culpa foi sua...

Ela virou seus olhos para Rénine como se quisesse lhe perguntar se não havia perigo em falar e revelar a verdade.

– Não tenha medo – disse ele. – Eu serei responsável por tudo.

Passou a mão pela testa. O evento horrível estava sendo reencenado dentro de sua cabeça e a torturava. Germaine Astaing

não se moveu, mas ficou de braços cruzados e olhos ansiosos, enquanto Hortense Daniel aguardava distraidamente a confissão do crime e a explicação do insondável mistério.

– Foi depois disso e por sua culpa, Germaine... Eu tinha colocado de volta o livro de bolso na gaveta onde estava escondido; e não disse nada a Jacques nesta manhã... Eu não queria dizer a ele o que eu sabia... Era tão horrível... Mesmo assim, tive de agir rapidamente; suas cartas anunciavam a sua chegada secreta para hoje... Pensei, a princípio, em fugir, em pegar o trem... Eu tinha apanhado aquela adaga mecanicamente, para me defender... Mas, quando Jacques e eu fomos para a praia, eu me resignei... Sim, eu tinha aceitado a morte: “Vou morrer”, pensei, “e pôr um fim a todo esse pesadelo...”. Só que, para o bem das crianças, eu estava ansiosa para que minha morte parecesse um acidente e que Jacques não tivesse nada a ver com isso. Foi por isso que o seu plano de um passeio no penhasco me serviu... Uma queda do topo de um penhasco pareceria bastante natural... Jacques, então, me deixou sozinha para ir ao chalé, depois ele se juntaria a você mais tarde no Trois Mathildes. No caminho, abaixo do terraço, ele deixou cair a chave da cabana. Eu descí e comecei a procurá-la com ele... E aconteceu então... por sua culpa... sim, Germaine, por sua culpa... O livro de bolso de Jacques havia escorregado de seu casaco, sem que ele percebesse, e, junto do livro de bolso, uma fotografia que reconheci imediatamente: uma fotografia, tirada neste ano, de mim e de minhas duas filhas. Eu a peguei... e vi... Você sabe o que eu vi, Germaine? Em vez do meu rosto, o rosto na fotografia era o *seu*! Você tinha colocado seu rosto, Germaine, e me apagado! Era o seu rosto! Um dos seus braços estava ao redor do pescoço de minha filha mais velha, e a mais jovem estava sentada

de joelhos... Era você, Germaine, a esposa de meu marido, a futura mãe de minhas filhas, você que iria educá-las... você, você! Então eu perdi a cabeça. Eu tinha a adaga... Jacques estava se inclinando... Eu o apunhalei...

Cada palavra de sua confissão era rigorosamente verdadeira. Aqueles que a ouviram sentiram isso profundamente; e nada poderia ter dado a Hortense e Rénine uma impressão mais aguda da tragédia.

Ela havia desabado de volta em sua cadeira, completamente exausta. No entanto, continuou a falar palavras ininteligíveis. E foi só então, gradualmente inclinando-se sobre ela, que puderam ouvi-la continuar:

– Eu pensei que haveria um grito e que eu seria presa. Mas, não. Aconteceu de tal maneira que ninguém percebeu nada. Além disso, Jacques tinha se movido ao mesmo tempo que eu; e, na verdade, ele não caiu. Não, ele não caiu! Eu o tinha apunhalado; e ele permaneceu em pé! Eu o vi do terraço, ao qual eu havia voltado. Ele tinha pendurado o casaco sobre os ombros, evidentemente para esconder sua ferida, e se afastou sem cambalear... ou cambaleou tão pouco que só eu pude perceber. Ele até falou com alguns amigos que estavam jogando cartas. Então foi para o chalé e desapareceu... Eu voltei rapidamente para dentro do quarto. Estava convencida de que tudo aquilo era apenas um pesadelo... eu não o tinha matado... ou que, no pior dos casos, a ferida era leve. Jacques voltaria a sair. Eu estava certa disso... Eu observava da minha varanda... Se tivesse pensado por um momento que ele precisava de ajuda, teria voado até ele... Mas na verdade eu não sabia... não sabia... As pessoas falam de pressentimentos: não existem tais coisas. Eu estava perfeitamente calma, assim como alguém fica

depois de um pesadelo do qual a memória está se apagando... Não, eu juro, eu não sabia de nada... até o momento...

Ela se interrompeu, asfixiada por soluços.

Rénine terminou a frase por ela:

– Até o momento em que eles vieram e lhe disseram, suponho.

Thérèse gaguejou:

– Sim. Somente então eu tomei consciência do que fizera. Sentia que estava enlouquecendo e que deveria gritar a todas aquelas pessoas: “Ei, fui eu quem fez isso! Não procurem! Aqui está a adaga... Eu sou a culpada!”. Sim, eu ia dizer, mas, quando de repente eu vi meu pobre Jacques... Eles o estavam levando... Seu rosto estava muito tranquilo, muito suave... E, na presença dele, eu entendi meu dever, como ele havia compreendido o dele... Ele ficou em silêncio pelo bem das crianças. Eu também teria ficado. Ambos éramos culpados pelo assassinato do qual ele fora a vítima; e ambos devemos fazer tudo o que pudermos para evitar que o crime se volte contra as crianças... Ele viu isso claramente em sua agonia de morte. Teve a incrível coragem de se manter em pé, de responder às pessoas que falaram com ele e de se prender para morrer. Fez isso, apagando todas as suas falhas com uma única ação, e ao fazê-lo tinha me concedido seu perdão, porque ele não estava me acusando... e estava me ordenando que me calasse... e me defendesse... de todos... especialmente de você, Germaine.

Pronunciou as últimas palavras com mais firmeza. No início, estive totalmente dominada pelo ato inconsciente que havia cometido ao matar seu marido, mas agora já recuperara um pouco de suas forças ao se defender com tamanha energia.

Diante da mulher intrigante cujo ódio havia levado ambos à morte e ao crime, ela cerrou os punhos, pronta para a luta, estremecendo

de resolução.

Germaine Astaing não vacilou. Escutara sem uma palavra, com uma expressão implacável que se tornava cada vez mais dura à medida que as confissões de Thérèse se tornavam precisas. Nenhuma emoção parecia amenizar seu rancor e nenhum remorso, penetrar em seu coração. No máximo, no final seus lábios finos se moldaram em um sorriso tênue. Ela estava segurando sua presa nas garras.

Lentamente, com os olhos levantados para o espelho, ela ajustou seu chapéu e retocou o pó do rosto. Em seguida, caminhou até a porta.

Thérèse se atreveu a avançar:

- Para onde você vai?
- Para onde eu escolher.
- Ver o magistrado examinador?
- Muito provavelmente.
- Você não pode passar!
- Como você quiser. Vou esperar por ele aqui.
- E você lhe dirá o quê?
- Ora, tudo o que você disse, é claro, tudo o que você foi tola o suficiente para revelar. Como ele poderia duvidar da história? Você me explicou tudo tão bem...

Thérèse a segurou pelos ombros:

- Sim, mas vou lhe contar outras coisas também, Germaine, coisas que lhe dizem respeito. Se eu estiver arruinada, você também estará.
- Você não pode me tocar.
- Posso expô-la, mostrar suas cartas.
- Que cartas?

- Aquelas em que minha morte foi decidida.
- Mentiras, Thérèse! Você sabe que a famosa trama só existe em sua imaginação. Nem Jacques nem eu desejamos sua morte.
- De qualquer forma, você desejou. Suas cartas a condenam.
- Mentiras! Eram as cartas de um amigo a um amigo.
- Cartas de uma amante a seu amante.
- Prove.
- Elas estão lá, no livro de bolso de Jacques.
- Não, não estão.
- O que você diz?
- Eu digo que essas cartas me pertenciam. Eu as peguei de volta, ou melhor, meu irmão as levou.
- Você as roubou, sua miserável! E você as devolverá novamente
- gritou Thérèse, sacudindo-a.
- Eu não as tenho. Meu irmão as guardou. E ele se foi.

Thérèse cambaleou e estendeu suas mãos para Rénine, com uma expressão de desespero.

Rénine falou:

– O que ela diz é verdade. Eu vi os movimentos do irmão dela enquanto ele mexia na sua bolsa. Ele tirou o livro de bolso, examinou-o com a irmã, voltou a colocá-lo de volta e partiu com as cartas.

Fez uma pausa e acrescentou:

– Ou, pelo menos, com cinco delas.

As duas mulheres se aproximaram. O que ele pretendia transmitir? Se Frédéric Astaing levara apenas cinco cartas, o que teria acontecido com a sexta?

– Suponho – disse Rénine – que, quando o livro de bolso caiu no chão, aquela sexta carta tenha escorregado ao mesmo tempo que a

fotografia e que o senhor d'Ormeval deva tê-la recolhido, pois a encontrei no bolso de seu *blazer*, que havia sido pendurado perto da cama. Aqui está ela. Está assinada por Germaine Astaing e é o suficiente para provar as intenções da escritora e os conselhos assassinos que ela estava pressionando seu amante a cumprir.

Germaine Astaing empalideceu e ficou tão desconcertada que não tentou se defender. Rénine continuou, dirigindo a ela seus comentários:

– Na minha opinião, a senhora é responsável por tudo o que aconteceu. Sem um tostão e no final de seus recursos, a senhora tentou se aproveitar da paixão que inspirou no senhor d'Ormeval para fazê-lo se casar com você, apesar de todos os obstáculos, para colocar as mãos na fortuna dele. Tenho provas dessa ganância por dinheiro e desses cálculos abomináveis, e posso fornecê-las se necessário. Poucos minutos depois de eu ter apalpado o bolso daquele casaco, você fez o mesmo. Eu havia retirado a sexta carta, mas havia deixado um pedaço de papel que você procurou avidamente e que também deve ter saído do livro de bolso.

Fez uma pausa para criar o suspense:

– Era um cheque de cem mil francos, assinado pelo senhor d'Ormeval em nome de seu irmão... apenas um pequeno presente de casamento... o que poderíamos chamar de dinheiro miúdo. Agindo sob suas instruções, seu irmão saiu de carro para o Havre para chegar ao banco antes das quatro horas. Posso lhe dizer que ele não descontou o cheque, pois mandei uma mensagem telefônica para o banco para anunciar o assassinato do senhor d'Ormeval, o que interrompeu todos os pagamentos. O resultado de tudo isso é que a polícia, se você persistir em seus esquemas de vingança, terá em suas mãos todas as provas que são procuradas contra você e

seu irmão. Eu poderia acrescentar, como prova edificante, a história da conversa que ouvi entre seu irmão e você em um vagão-restaurant no trem entre Brest e Paris, há quinze dias. Mas tenho certeza de que você não me levará a adotar essas medidas extremas, pois já nos entendemos. Não é assim?

Naturezas como a da senhora Astaing, que são violentas e obstinadas enquanto é possível lutar e existe um brilho de esperança, são facilmente dominadas pela derrota. Germaine era inteligente demais e compreendia que a menor tentativa de resistência seria quebrada por um adversário como aquele. Estava em suas mãos e só podia ceder.

Portanto, ela não se entregou a nenhuma brincadeira, nem a qualquer demonstração como ameaças, explosões de fúria ou histeria. Apenas se curvou.

– Estamos de acordo – disse ela. – Quais são suas condições?

– Vá embora. Se alguma vez for chamada para falar de provas, diga que não sabe de nada.

Ela obedeceu. Mas hesitou à porta e depois, entredentes, murmurou:

– O cheque...

Rénine olhou para a senhora d'Ormeval, que assentiu:

– Deixe-a ficar com aquilo. Eu não tocara naquele dinheiro.

Rénine deu a Thérèse d'Ormeval instruções precisas sobre como ela deveria se comportar na inquirição e responder às perguntas que lhe seriam feitas. Depois deixou o chalé, acompanhado de Hortense Daniel.

Na praia abaixo, o magistrado e o promotor público continuavam suas investigações, tomando medidas, examinando as testemunhas e tentando juntar as peças.

– Quando eu penso – disse Hortense – que você tem a adaga e o livro de bolso do senhor d’Ormeval com você!

– E isso lhe parece terrivelmente perigoso, suponho... – disse ele, rindo. – A *mim* parece-me extremamente cômico...

– Você não tem medo?

– De quê?

– De que eles possam suspeitar de algo?

– Oh, Senhor, eles não suspeitarão de nada! Diremos a essas boas pessoas o que vimos e nossas provas só aumentarão sua perplexidade, pois não vimos absolutamente nada. Por prudência, ficaremos um dia ou dois, para ver para que lado o vento sopra. Mas está bem resolvido: eles nunca poderão montar a história completa.

– No entanto, você adivinhou o segredo desde o princípio. Como?

– Em vez de procurar dificuldades onde não existem, como as pessoas geralmente fazem, eu sempre coloco a questão como deve ser colocada; e a solução vem de forma bastante natural. Um homem vai ao seu quarto e se tranca. Meia hora depois, ele é encontrado lá dentro, morto. Ninguém entrou. O que aconteceu? A meu ver, há apenas uma resposta. Não há necessidade de pensar sobre isso. Como o assassinato não foi cometido lá dentro, deve ter ocorrido antes, e o homem já estava mortalmente ferido quando entrou. E logo me pareceu verdade neste caso em particular. A senhora d’Ormeval, que deveria ser assassinada nesta noite, silenciava seu assassino. Quando seu marido se inclinou para o chão, em um momento de distração, ela o apunhalou pelas costas. Não havia mais nada a fazer além de procurar as razões que a levaram a agir. Quando conheci os dois irmãos, fiquei do lado dela sem reservas. Esta é a história toda.

O dia estava começando a acabar. O azul do céu estava se

tornando mais escuro, e o mar, ainda mais calmo do que antes.

– Em que você está pensando? – perguntou Rénine, depois de um momento.

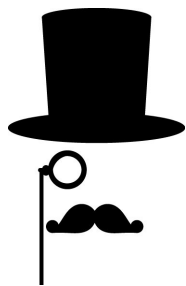
– Estou pensando – disse ela – que, se eu também fosse vítima de alguma trama, eu confiaria em você, não importando o que acontecesse, contra tudo e contra todos. Sei, tão certamente quanto sei que existo, que você me salvaria, quaisquer que fossem os obstáculos. Não há limite para o poder de sua vontade.

Ele respondeu, muito suavemente:

– Não há limite para meu desejo de agradá-la.

¹³ *Bridge* é um jogo de cartas. (N.T.)

¹⁴ Cabrestante é um mecanismo no qual se enrolam cabos e amarras para trabalho em que se exija grande esforço, como, por exemplo, erguer uma âncora de navio ou arrastar um barco na areia. (N.T.)



A senhora com a machadinha

Um dos acontecimentos mais incompreensíveis que precederam a Grande Guerra¹⁵ foi certamente aquele conhecido como “o episódio da senhora com a machadinha”. A solução do mistério era desconhecida e jamais teria sido descoberta se as circunstâncias não tivessem obrigado o príncipe Rénine (ou, devo dizer, Arsène Lupin?) a retomar o assunto e se eu não estivesse conseguindo hoje contar a história verdadeira com base nos detalhes fornecidos por ele.

Deixe-me relatar os fatos. Em um espaço de dezoito meses, cinco mulheres haviam desaparecido, cinco cidadãs de diferentes posições sociais, todas entre vinte e trinta anos de idade e vivendo em Paris ou no distrito de Paris.

Darei seus nomes: senhora Ladoue, esposa de um médico; senhorita Ardant, filha de um banqueiro; senhorita Covereau, uma lavadeira de Courbevoie; senhorita Honorine Vernisset, costureira, e senhora Grollinger, uma artista. Essas cinco mulheres sumiram sem a possibilidade de se descobrir um único pormenor que explicasse o motivo de terem deixado suas casas, a razão de não terem voltado, quem as havia seduzido e onde e como foram sequestradas.

Cada uma dessas mulheres, uma semana após sua partida, foi

encontrada em um ou outro lugar da periferia oeste de Paris. Sempre havia um cadáver, os restos mortais de uma mulher que fora morta por um golpe na cabeça, dado por uma machadinha. E toda vez, não muito longe da mulher, que estava firmemente amarrada, seu rosto coberto de sangue e o corpo emaciado pela desnutrição, as marcas de rodas de carroça provavam que o cadáver tinha sido transportado até o local.

Os cinco assassinatos foram tão parecidos que houve uma única investigação, abrangendo todas as cinco averiguações, que, por sinal, não levaram a resultado algum. Uma mulher desaparecia; uma semana depois, seu corpo era descoberto; e isso era tudo. Os laços que as amarravam eram semelhantes em todos os casos, assim como os demais rastros deixados pelas rodas e os golpes da machadinha, todos desferidos verticalmente no alto e no meio da testa.

O motivo do crime? As cinco mulheres haviam sido completamente despojadas de suas joias, bolsas e outros objetos de valor. Os roubos poderiam muito bem ser atribuídos a saqueadores ou qualquer transeunte, já que os corpos tinham sido deixados em lugares desertos.

As autoridades acreditavam na execução de um plano de vingança ou de uma determinação para acabar com uma série de pessoas ligadas entre si. Indivíduos, por exemplo, suscetíveis de serem beneficiados por uma herança futura. Neste caso, continuou a mesma obscuridade. Foram elaboradas teorias, mas apenas para serem desprezadas em seguida, em razão de um exame dos fatos. Trilhas foram seguidas e imediatamente abandonadas.

Então, repentinamente, houve um alvoroço. Uma mulher empenhada na varrição das estradas pegou no pavimento um

pequeno caderno de anotações que levou para a polícia local. Todas as folhas desse caderno estavam em branco, exceto por uma, na qual constava uma lista das mulheres assassinadas, com seus nomes por ordem de data e acompanhadas de três números: Ladoue, 132; Vernisset, 118; e assim por diante.

Certamente, nenhuma importância teria sido dada a essas anotações, que qualquer pessoa poderia ter feito, já que todos conheciam a lista sinistra. Mas, em vez de cinco nomes, lá havia seis! Sim, abaixo de Grollinger, 128, aparecia Williamson, 114. Isso indicaria um sexto assassinato?

A origem obviamente inglesa do último nome limitou o campo das investigações, o que de fato não demorou muito. Foi constatado que, havia quinze dias, uma senhorita Hermione Williamson, governanta de uma família em Auteuil, tinha deixado seu posto para voltar à Inglaterra mas que, desde então, suas irmãs, embora ela tivesse escrito para lhes dizer que estava partindo, não tinham mais ouvido falar a seu respeito. Foi então aberto um novo inquérito.

Um carteiro encontrou o corpo na floresta de Meudon. O crânio da senhorita Williamson fora dividido ao meio.

Não preciso descrever a comoção pública nessa época nem o estremecimento de horror que passou pela multidão quando leu aquela lista, escrita sem dúvida pela própria mão do assassino. O que poderia ser mais assustador do que tal registro, mantido em dia como um livro-caixa de um comerciante cuidadoso? “Em tal dia, eu matei fulano e sicrano; em outro, tal pessoa...”

E o total era de seis cadáveres.

Contra todas as expectativas, os especialistas em caligrafia não tiveram dificuldade em concordar e declararam unanimemente que a letra era de uma mulher, uma mulher educada, dona de gostos

artísticos, imaginação e uma natureza extremamente sensível. “A senhora com a machadinha”, como os jornalistas a batizaram, decididamente não era uma pessoa comum, e dezenas de artigos de jornal fizeram um estudo especial de seu caso, expondo seu nível mental e perdendo-se em explicações rebuscadas.

No entanto, foi o escritor de um desses artigos, um jovem jornalista, quem fez uma descoberta casual que o tornou o centro da atenção pública, por fornecer a única peça verídica para derramar um raio de luz sobre a escuridão.

Ao se lançar para o significado das anotações ao lado dos seis nomes, ele se perguntou se aqueles números não representariam simplesmente a quantidade de dias que separavam um crime do outro. Tudo que ele teve de fazer foi verificar as datas. De imediato, descobriu que sua teoria estava correta. A senhorita Vernisset tinha sido levada cento e trinta e dois dias depois da senhora Ladoue; a senhorita Covereau, cento e dezoito dias depois de Honorine Vernisset; e assim por diante.

Portanto, não havia espaço para dúvidas; e a polícia não tinha outra escolha senão aceitar uma solução que se ajustava tão precisamente às circunstâncias: os números correspondiam aos intervalos. Não havia erros nos registros da senhora com a machadinha.

Mas então tornou-se inevitável uma dedução: a senhorita Williamson, a última vítima, havia sido raptada em 26 de junho passado, e seu nome foi seguido pelo número 114: não seria de se presumir que um novo crime seria cometido cento e catorze dias depois, ou seja, no dia 18 de outubro? Não seria provável que a horrível ocorrência fosse repetida de acordo com as intenções secretas do assassino? Seriam eles obrigados a levar à sua

conclusão lógica o argumento que atribuía aos números, a todos os números, tanto os últimos quanto os outros, o seu significado relacionado a datas?

Foi precisamente essa dedução que foi feita e estava sendo ponderada e discutida durante os poucos dias que antecederiam o 18 de outubro, quando a lógica exigia a realização de mais um ato da abominável tragédia. E era natural que, na manhã daquele dia, o príncipe Rénine e Hortense, ao marcar uma hora por telefone para a noite, fizessem alusão aos artigos de jornal que ambos haviam lido.

– Cuidado! – disse Rénine, rindo. – Se você encontrar a senhora com a machadinha, passe para o outro lado da rua!

– E se a boa dama me levar, o que eu devo fazer?

– Marque seu caminho com pedrinhas brancas e diga, até o exato momento em que a machadinha brilhar no ar: “Não tenho nada a temer, ele me salvará”. *Ele* sou eu mesmo... e eu beijarei suas mãos. Até hoje à noite, minha querida.

Naquela tarde, Rénine tinha um encontro com Rose Andrée e Dalbrèque¹⁶ para marcar a partida dos dois para os Estados Unidos. Antes das dezesseis e das dezenove horas, ele comprou as diferentes edições dos jornais da noite. Nenhuma relatava um sequestro.

Às nove horas da noite, ele foi para o Ginásio, onde havia conseguido um camarote privado.

Às nove e meia, como Hortense não aparecera, chamou-a, embora sem nenhuma ansiedade. A criada respondeu que a senhora Daniel ainda não havia chegado.

Tomado por um temor repentino, Rénine correu para o apartamento mobiliado que Hortense estava ocupando temporariamente, perto do Parque Monceau, e interrogou a

empregada, que ele havia contratado para ajudá-la e que estava completamente dedicada a essa tarefa.

A mulher disse que sua patroa saíra às duas horas da tarde, com uma carta carimbada na mão, dizendo que ia ao correio e que voltaria para se vestir. Esta foi a última vez em que fora vista.

– A quem estava endereçada a carta?

– Ao senhor. Eu vi a postagem no envelope: Príncipe Serge Rénine.

Ele esperou até a meia-noite, mas em vão. Hortense não voltou; nem no dia seguinte.

– Nem uma palavra a ninguém – disse Rénine à empregada. – Diga que sua patroa está no interior do país e que você vai acompanhá-la.

De sua parte, ele não tinha dúvida: o desaparecimento de Hortense era explicado pela própria data, 18 de outubro. Ela era a sétima vítima da senhora com a machadinha.

– O sequestro – disse Rénine a si mesmo – antecede o golpe do machado em uma semana. Tenho, portanto, desde agora, sete dias inteiros diante de mim. Digamos seis, para evitar qualquer surpresa. Hoje é sábado. Hortense deve ser libertada até o meio do dia da sexta-feira; e, para ter certeza disso, devo conhecer seu esconderijo até as nove horas da noite de quinta-feira, no mais tardar.

Rénine escreveu “QUINTA-FEIRA, NOVE HORAS DA NOITE”, em letras grandes, em um cartão que pregou acima da lareira em seu escritório. Depois, ao meio-dia do sábado, no dia seguinte ao desaparecimento, trancou-se no escritório, avisando seu criado para não o incomodar, exceto para as refeições e cartas.

Passou quatro dias ali, quase sem se mexer. Tinha mandado comprar imediatamente todos os principais jornais que haviam

falado em detalhes dos seis primeiros crimes. Depois de os ler e reler, fechou as persianas, cerrou as cortinas e deitou-se no sofá, no escuro, com a porta trancada, para pensar.

Na terça-feira à noite, não estava mais avançado do que no sábado. A escuridão era tão densa como sempre. Não descobrira a menor pista para se orientar, nem podia ver uma mísera razão para ter esperança.

Por vezes, apesar de seu imenso poder de autocontrole e da confiança ilimitada nos recursos à sua disposição, tremia de angústia. Será que chegaria a tempo? Não havia razão para que visse mais claramente durante os próximos dias do que naqueles que já haviam transcorrido. E isto significava que Hortense Daniel seria inevitavelmente assassinada.

O pensamento o torturava. Estava ligado a ela por um sentimento muito mais forte e profundo do que a aparência das relações entre ambos teria levado um espectador a acreditar. A curiosidade do início, o primeiro desejo, o impulso de proteger Hortense para distraí-la, inspirá-la por um gosto pela existência: tudo isso tinha simplesmente se transformado em amor. Nenhum dos dois estava consciente disso, porque mal se viam um ao outro, exceto em momentos críticos, quando estavam ocupados com as aventuras de outras pessoas e não com as suas próprias. Mas, na primeira investida de perigo pessoal, Rénine percebeu o lugar que ela havia tomado em sua vida e estava desesperado por saber que Hortense era uma prisioneira e mártir, e ele, incapaz de salvá-la.

Passou uma noite febril e agitada, examinando o caso por todos os pontos de vista. A manhã de quarta-feira também foi um tormento indizível. Ele perdia terreno. Desistindo de sua reclusão eremita, abriu as janelas e andou de um lado para outro entre seus cômodos,

correu para a rua e voltou a entrar, como se estivesse fugindo do pensamento que o obcecava.

– Hortense está sofrendo... Hortense está nas profundezas... Ela vê a machadinha... Está me chamando... Está me implorando... E eu não consigo fazer nada...

Então, às cinco da tarde, enquanto examinava a lista dos seis nomes, ele recebeu aquele pequeno choque interior, uma espécie de sinal da verdade que está sendo procurada. Um leve rastro de luz em sua mente. Não foi, com certeza, aquele holofote brilhante em que cada detalhe é esclarecido, mas um lampejo forte o suficiente para indicar a direção do próximo movimento.

Seu plano de campanha foi formado de uma só vez. Enviou Adolphe, seu motorista, aos principais jornais, com algumas linhas que deveriam aparecer em destaque entre os anúncios da manhã seguinte. Adolphe também foi instruído a ir à lavanderia em Courbevoie, onde a senhorita Covereau, a segunda das seis vítimas, tinha sido empregada.

Na quinta-feira, Rénine não saiu de casa. À tarde, recebeu várias cartas em resposta ao seu anúncio. Também chegaram dois telegramas. Finalmente, às três horas, chegou uma carta de correio expresso, com o carimbo do Trocadéro¹⁷, que parecia ser o que ele estava esperando.

Ele pegou um papel, anotou um endereço... Senhor de Lourtier-Vaneau, governador colonial aposentado, Avenida Kléber, 47 bis, e correu até seu carro:

– Adolphe, Avenida Kléber, 47 bis.

Rénine foi apresentado a uma imensa sala de estudos guarnecida com magníficas caixas de livros contendo volumes antigos em encadernações caras. O senhor de Lourtier-Vaneau era um homem

ainda no auge da vida, com uma barba levemente grisalha, e, dadas as suas maneiras afáveis e distinção genuína, esbanjava confiança e bom gosto.

– Senhor de Lourtier – disse Rénine –, aventurei-me a chamar sua excelência porque li nos jornais que o senhor conhecia Honorine Vernisset, uma das vítimas da senhora com a machadinha.

– Sim, é claro que a conhecíamos! – exclamou de Lourtier. – Minha esposa costumava empregá-la como costureira durante o dia. Pobre moça!

– Senhor de Lourtier, uma dama de minhas relações desapareceu da mesma maneira que as outras seis vítimas.

– O quê! – balbuciou de Lourtier, arregalando os olhos. – Mas eu segui os jornais com cuidado. Não havia nada no dia 18 de outubro.

– Sim, uma mulher da qual eu gosto muito, a senhora Hortense Daniel, foi raptada no dia 17 de outubro.

– E estamos no dia 22!

– Sim; e o assassinato será cometido no dia 24.

– Horrível! Horrível! Isso deve ser evitado a todo custo...

– E talvez eu consiga impedi-lo, com a ajuda de vossa excelência.

– Mas o senhor já esteve na polícia?

– Não. Somos confrontados com mistérios que são, por assim dizer, absolutos e opressivos, que não oferecem nenhuma lacuna através da qual os olhos mais aguçados possam ver e que é inútil esperar que sejam esclarecidos por métodos comuns, tais como inspeção das cenas dos crimes, inquéritos policiais, busca de impressões digitais, e assim por diante. Como nenhum desses procedimentos serviu a um bom propósito nos casos anteriores, seria perda de tempo recorrer a eles em um sétimo caso, semelhante. Um inimigo que demonstra tal habilidade e sutileza não

deixaria para trás nenhum desses traços desajeitados, que são as primeiras coisas que um detetive profissional apreende.

– Então o que você fez?

– Antes de tomar qualquer ação, eu refleti. Dei-me quatro dias para pensar sobre o assunto.

O senhor de Lourtier-Vaneau examinou seu visitante de perto e, com um toque de ironia, perguntou:

– E o resultado de suas meditações...?

– Para começar – disse Rénine, recusando-se a ser diminuído –, submeti todos esses casos a uma ampla pesquisa, o que até então ninguém mais tinha feito. Isto me permitiu descobrir seu significado geral, pôr de lado todo o emaranhado de teorias embaraçosas e, como ninguém pôde concordar quanto aos motivos de todo esse negócio imundo, atribuí-lo à única classe de pessoas capazes de cometê-lo.

– Ou seja...

– Dementes, sua excelência.

O senhor de Lourtier-Vaneau começou:

– Dementes? Que ideia!

– Senhor, a mulher conhecida como a senhora da machadinha é uma louca.

– Mas ela estaria presa!

– Não sabemos se ela não está. Ignoramos se é uma daquelas pessoas meio loucas, aparentemente inofensivas, que são vigiadas tão ligeiramente que têm toda condição para satisfazer suas pequenas manias, seus instintos de besta selvagem. Nada poderia ser mais traiçoeiro do que tais criaturas. Nada seria mais astuto, mais paciente, mais persistente, mais perigoso e, ao mesmo tempo, mais absurdo e mais lógico, mais desleixado e mais metódico.

Todos esses emblemas, senhor de Lourtier, podem ser aplicados às ações da senhora com a machadinha.

Pausou, respirou fundo e continuou:

– A obsessão por uma ideia e a repetição contínua de um ato são características do maníaco. Ainda não conheço a ideia pela qual a senhora com a machadinha é obcecada, mas eu sei do ato que resulta dela; e é sempre a mesma coisa. A vítima é amarrada com cordas precisamente semelhantes. E é morta após o mesmo número de dias. É atingida por um golpe idêntico, com o mesmo instrumento, no mesmo lugar, no meio da testa, produzindo um ferimento vertical. Um assassino comum exhibe alguma variedade. Sua mão trêmula balança para o lado e golpeia de forma errada. A senhora com a machadinha não treme. É como se ela tivesse feito medições; e o fio de sua arma não se desvia nem um fio de cabelo.

Suspirou profundamente antes de indagar:

– Preciso lhe dar mais alguma prova ou examinar todos os outros detalhes a seu lado? Certamente não. O senhor agora tem a chave do enigma; e sabe como eu sei que somente um louco pode se comportar dessa maneira, estupidamente, selvagememente, mecanicamente, como um relógio impressionante ou a lâmina da guilhotina...

O senhor de Lourtier-Vaneau assentiu:

– Sim, é isso mesmo. Pode-se ver todo o caso desse ângulo... e começo a acreditar que é assim que se deva ver. Mas, se admitirmos que essa louca tenha o tipo de lógica matemática que conduziu os assassinatos das seis vítimas, não vejo nenhuma conexão entre as próprias vítimas. Ela atacou de forma aleatória. Por que essa vítima em vez daquela?

– Ah! – exclamou Rénine. – Vossa excelência está me fazendo

uma pergunta que eu me fiz desde o primeiro momento, a questão que resume todo o problema e que me custou tanto trabalho para resolver! Por que Hortense Daniel em vez de outra? Entre dois milhões de mulheres que poderiam ter sido selecionadas, por que essa? Por que a pequena Vernisset? Por que a senhorita Williamson? Se o caso é como eu o concebi como um todo, ou seja, baseado na lógica cega e fantástica de uma mulher louca, uma escolha foi inevitavelmente exercida. Mas em que consistiu essa decisão? Qual era a qualidade, ou o defeito, ou o sinal necessário para induzir a senhora com a machadinha a atacar? Em uma palavra, se ela escolheu, e ela deve ter optado, o que orientou sua preferência?

– Você já encontrou a resposta?

Rénine fez uma pausa e respondeu:

– Sim, excelência, encontrei. E eu poderia ter descoberto logo no início, já que tudo que tinha de fazer era um exame cuidadoso da lista de vítimas. Mas esses lampejos de verdade nunca são acesos a não ser em um cérebro excessivamente estimulado pelo esforço e pela reflexão. Eu olhei a lista vinte vezes, antes que aquele pequeno detalhe tomasse uma forma definitiva.

– Eu não consigo acompanhar seu raciocínio – disse Lourtier-Vaneau.

– Senhor de Lourtier, nota-se que, se várias pessoas são reunidas em qualquer transação, ou crime, ou escândalo público ou outro evento qualquer, elas são quase sempre descritas da mesma maneira. No caso que estamos tratando, os jornais nunca mencionaram nada mais do que seus sobrenomes ao falar de senhora Ladoue, senhorita Ardent ou senhorita Covereau. De outro lado, a senhorita Vernisset e a senhorita Williamson sempre foram

descritas também por seus primeiros nomes: Honorine e Hermione. Se a mesma coisa tivesse sido feita no caso de todas as seis vítimas, não teria havido mistério.

– Por que não?

– Porque teríamos percebido imediatamente a relação existente entre as seis mulheres infelizes, como eu mesmo notei ao comparar esses dois nomes com o de Hortense Daniel. Você entende agora, não é mesmo? Você vê os três nomes diante de seus olhos...

Lourtier-Vaneau parecia perturbado. Ficando um pouco pálido, ele falou:

– O que você quer dizer com isso? O que você quer dizer?

– Quero dizer – continuou Rénine, em uma voz clara, pronunciando cada sílaba separadamente – que você vê diante de seus olhos três primeiros nomes. Todos os três começam com a mesma inicial e, por uma notável coincidência, consistem no mesmo número de letras, como você pode verificar. Se você perguntar na lavanderia Courbevoie, onde a senhorita Covereau trabalhou, verá que seu nome era Hilairie. Aqui novamente temos a mesma inicial e o mesmo número de letras. Não há necessidade de procurar mais longe. Temos certeza, não temos, de que os nomes de todas as vítimas oferecem as mesmas peculiaridades? E isto nos dá, com absoluta certeza, a chave para o problema que nos foi colocado. Isso explica a escolha da mulher louca. Agora conhecemos a conexão entre as pobres vítimas. Não pode haver engano a respeito. É isso e nada mais. E como esse método de escolha confirma minha teoria! Que prova de loucura! Por que matar essas mulheres e não quaisquer outras? Porque seus nomes começam com H e têm oito letras! Você me entende, senhor de Lourtier, não é mesmo? O número de letras é o oito. A letra inicial é a oitava letra

do alfabeto; e a palavra *huit*¹⁸ começa com um H. Sempre a letra H. E o implemento usado para cometer o crime foi uma *hatchet*¹⁹, uma machadinha. Sua excelência está preparado para me dizer que a senhora com a machadinha não é uma louca...

Ele interrompeu a argumentação e se dirigiu ao senhor de Lourtier-Vaneau:

– Qual é o problema, excelência? Não está se sentindo bem?

– Não, não – respondeu Lourtier-Vaneau, com um fio de suor na testa. – Não... mas toda essa história é tão perturbadora! Só de pensar, eu conhecia uma das vítimas! E então...

Rénine pegou uma garrafa de água e um copo de uma pequena mesa, encheu o copo e o entregou a Lourtier-Vaneau, que bebericou um pouco e depois, aprumando-se, continuou, com uma voz que se esforçou para tornar mais firme:

– Muito bem. Vamos admitir sua suposição. Mesmo assim, é necessário que ela conduza a resultados tangíveis. O que você fez?

– Hoje de manhã publiquei em todos os jornais um anúncio com a seguinte redação: “Excelente cozinheira procura ocupação. Escreva antes das cinco da tarde para Herminie, Boulevard Haussmann, etc.”. Você continua a acompanhar meu raciocínio, não é verdade, senhor de Lourtier? Primeiros nomes que começam com um H e são formados por oito letras são extremamente raros e estão todos bastante desatualizados: Herminie, Hilaire, Hermione. Bem, esses nomes, por razões que não compreendo, são essenciais para a mulher louca.

Rénine sorriu:

– Encontrar mulheres com um desses nomes a faz invocar todos os seus poderes restantes de razão, discernimento, reflexão e inteligência. Ela caça. Faz perguntas. Fica à espera. Lê jornais que

mal entende, mas nos quais certos detalhes, certas letras maiúsculas chamam sua atenção. E, conseqüentemente, não duvidei por um segundo que este nome de Herminie, impresso em letras grandes, atrairia seu interesse e que ela seria apanhada hoje na armadilha do meu anúncio.

– Ela escreveu? – perguntou o senhor de Lourtier-Vaneau ansiosamente.

– Várias senhoras – continuou Rénine – escreveram as cartas que são habituais nestes casos, para oferecer um lar à chamada Herminie. Mas eu recebi uma carta expressa que me pareceu interessante.

– De quem?

– Leia-a, senhor.

Lourtier-Vaneau arrancou a folha das mãos de Rénine e lançou um olhar sobre a assinatura. Seu primeiro movimento foi de surpresa, como se tivesse esperado algo diferente. Depois deu uma gargalhada longa e estridente, de alegria e alívio.

– Por que ri, senhor de Lourtier? Parece satisfeito.

– Satisfeito, não. Mas esta carta é assinada por minha esposa.

– E o senhor estava com medo de encontrar algo mais?

– Oh, não! Mas como é minha esposa...

Não terminou a frase e disse a Rénine:

– Venha por aqui.

Conduziu-o por uma passagem para uma pequena sala de desenho onde uma senhora de cabelos lisos, com uma expressão alegre e carinhosa, estava sentada no meio de três crianças e as ajudava com suas lições.

Ela se levantou. O senhor de Lourtier-Vaneau apresentou brevemente a visita e perguntou a sua esposa:

– Suzanne, esta é uma mensagem expressa sua?

– Para a senhorita Herminie, Boulevard Haussmann? Sim – esclareceu –, eu a enviei. Como você sabe, nossa empregada está indo embora, e eu estou procurando uma nova.

Rénine a interrompeu:

– Desculpe-me, senhora. Só uma pergunta: onde a senhora conseguiu o endereço da mulher?

Ela corou. Seu marido insistiu:

– Diga-nos, Suzanne. Quem lhe deu o endereço?

– Eu fui chamada.

Ela hesitou e ouviu-o repetir:

– Quem lhe deu o endereço?

– Sua antiga enfermeira.

– Félicienne?

– Sim.

O senhor de Lourtier-Vaneau encurtou a conversa e, sem permitir que Rénine fizesse mais perguntas, levou-o de volta ao escritório.

– Veja, senhor, essa carta expressa veio de uma fonte bastante natural. Félicienne, minha antiga enfermeira, que vive não muito longe de Paris com uma mesada que eu lhe dou, leu seu anúncio e contou-o à senhora de Lourtier. Pois, afinal de contas – acrescentou rindo –, não creio que você suspeite de que minha esposa seja a senhora com a machadinha.

– Não.

– Então o incidente está encerrado... pelo menos do meu lado. Fiz o que pude, ouvi seus argumentos e lamento muito que não possa mais lhe ser útil...

Ele bebeu outro copo de água e sentou-se. Seu rosto estava retorcido. Rénine o fitou por alguns segundos, como um homem

olha para um adversário falido a quem só falta receber o golpe de misericórdia. E, sentado a seu lado, repentinamente agarrou-lhe o braço:

– Excelência, se você não falar, Hortense Daniel será a sétima vítima.

– Eu não tenho nada a dizer, senhor! O que o senhor acha que eu sei?

– A verdade! Minhas explicações deixaram tudo muito claro. Sua angústia, seu terror são provas positivas.

– Mas, afinal de contas, senhor, se eu soubesse, por que ficaria em silêncio?

– Por medo de escândalos. Há em sua vida, uma intuição profunda me assegura, algo que você se vê obrigado a esconder. A verdade sobre essa monstruosa tragédia, que de repente lhe passou à frente, esta verdade, se fosse conhecida, significaria desonra para você, desgraça... e você está se furtando de seu dever.

O senhor de Lourtier-Vaneau não respondeu. Rénine se debruçou sobre ele e, olhando-o nos olhos, sussurrou:

– Não haverá escândalo. Eu serei a única pessoa no mundo a saber do que acontecerá. Estou tão interessado quanto você em não chamar a atenção, porque amo Hortense Daniel e não desejo que seu nome seja confundido com sua história horrorosa.

Permaneceram frente a frente durante um longo intervalo. A expressão de Rénine era dura e inabalável. Lourtier-Vaneau sentia que nada o dobraria se as palavras necessárias não fossem ditas; mas não conseguia pronunciá-las.

– Você está enganado – disse por fim. – Acha que viu coisas que não existem.

Rénine teve a súbita e aterrorizante convicção de que, se aquele homem se refugiasse em um silêncio impassível, não haveria esperança para Hortense Daniel. Ficou tão enfurecido com o pensamento de que a chave do enigma estava ali, ao alcance de sua mão, que agarrou o senhor de Lourtier-Vaneau pela garganta e o forçou a recuar.

– Não vou aturar mais mentiras! A vida de uma mulher está em jogo! Fale... e fale de uma vez! Senão...

Lourtier-Vaneau não tinha mais forças. Qualquer resistência seria impossível. Não que o ataque de Rénine o alarmasse, ou que estivesse cedendo àquele ato de violência, mas sentia-se esmagado por aquela vontade indomável que parecia não admitir nenhum obstáculo, e gaguejou:

– Você está certo. É meu dever contar tudo, apesar do que vier a acontecer.

– Nada virá disso, empenho minha palavra, com a condição de que você salve Hortense Daniel. Um momento de hesitação pode acabar com todos nós. Fale. Sem detalhes, mas os fatos verdadeiros.

– A senhora de Lourtier não é minha esposa. A única mulher que tem o direito de levar meu nome é aquela com quem me casei quando eu era um jovem funcionário colonial. Ela era uma mulher um tanto excêntrica, de mentalidade débil e incrivelmente sujeita a impulsos que equivaliam à monomania²⁰. Tivemos dois filhos, gêmeos, que ela adorava e em cuja companhia teria sem dúvida recuperado seu equilíbrio mental e saúde moral. Mas, por causa de um acidente estúpido, uma carruagem que passava, ambos foram mortos diante de seus olhos. A pobre coitada enlouqueceu... com a demência silenciosa e secreta que você imagina.

Ele seguiu:

– Algum tempo depois, quando fui nomeado para um posto na Argélia, eu a trouxe para a França e a coloquei sob os cuidados de uma criatura digna que havia me amamentado e me educado. Dois anos mais tarde, conheci a mulher que se tornaria a alegria da minha vida. Você a viu agora mesmo. Ela é a mãe de meus filhos e passa por minha esposa. Ela merece ser sacrificada? Será que toda a nossa existência naufragará no horror e nosso nome deverá ser associado a essa tragédia de loucura e sangue?

Rénine pensou por um momento e perguntou:

– Qual é o nome da outra, a mãe dos gêmeos?

– Hermance.

– Hermance! Ainda aquela inicial... ainda as oito letras!

– Foi o que me fez perceber tudo – afirmou o senhor de Lourtier-Vaneau. – Quando você comparou os diferentes nomes, eu refleti imediatamente que minha infeliz esposa se chamava Hermance e que ela era louca... e todas as provas saltaram em minha mente.

Rénine quis avançar na especulação:

– Mas, embora entendamos a escolha das vítimas, como devemos explicar os assassinatos? Quais são os sintomas de sua loucura? Será que ela sofre de alguma coisa?

– Ela não sofre muito no momento. Mas padeceu, no passado, o sofrimento mais terrível que se pode imaginar: desde o momento em que seus dois filhos foram atropelados diante de seus olhos, noite e dia ela vê o horrível espetáculo da morte diante de si, sem um momento de interrupção, pois não dorme por um único segundo. Pense nessa tortura! A visão de seus filhos morrendo durante todas as horas do longo dia e da interminável noite!

– Entretanto – Rénine objetou –, não é para afastar essa imagem

que ela comete assassinatos?

– Sim, possivelmente – disse o senhor de Lourtier-Vaneau, pensativo – para afastá-la dormindo.

– Eu não entendo.

– Você não compreende porque estamos falando de uma louca... e porque tudo o que acontece naquele cérebro desordenado é necessariamente incoerente e anormal.

– Obviamente. Mas, mesmo assim, sua suposição está baseada em fatos que a justificam?

– Sim, em acontecimentos que eu, de certa forma, negligenciei, mas que hoje assumem seu verdadeiro significado. O primeiro desses fatos data de alguns anos atrás, de uma manhã em que minha antiga enfermeira pela primeira vez encontrou Hermance dormindo. Ela estava de mãos dadas com um cachorro que havia estrangulado. E a mesma coisa foi repetida em três outras ocasiões.

– E ela dormiu?

– Sim, a cada vez ela dormia um sono que durava várias noites.

– E a que conclusão você chegou?

– Concluí que o relaxamento dos nervos provocado por tirar a vida a esgotava e a predispunha a dormir.

Rénine estremeceu:

– É isso! Não há dúvida! O ato de tirar a vida, o esforço de matar a faz dormir. E ela começou com as mulheres, que a serviram tão bem como os animais. Toda a sua loucura se concentrou nesse ponto: ela as mata para lhes roubar o sono! Quer dormir, então rouba o sono dos outros! É isso, não é mesmo? Durante os últimos dois anos ela tem dormido?

– Nos últimos dois anos ela tem dormido – gaguejou o senhor de Lourtier-Vaneau.

Rénine agarrou-o pelos ombros:

– E nunca lhe ocorreu que sua loucura pudesse ir mais longe, que ela não pararia em nada para ganhar a bênção do sono! Apressemos-nos, senhor! Tudo isso é horrível!

Os dois estavam chegando à porta quando o senhor de Lourtier-Vaneau hesitou. O telefone estava tocando.

– É de lá – disse ele.

– De lá?

– Sim, minha velha enfermeira me dá notícias todos os dias à mesma hora.

Lourtier-Vaneau pegou os receptores e entregou um a Rénine, que sussurrou ao seu ouvido as perguntas que ele deveria fazer.

– É você, Félicienne? Como ela está?

– Não está tão mal, senhor.

– Está dormindo bem?

– Não muito bem, ultimamente. Ontem à noite, de fato, nem fechou os olhos. Está muito sombria agora mesmo.

– O que ela está fazendo no momento?

– Está em seu quarto.

– Vá até ela, Félicienne, e não a deixe.

– Eu não posso. Está trancada em seu quarto.

– Você tem que ir, Félicienne. Arrombe a porta. Estou indo agora mesmo... Alô! Alô! Oh, maldição, a ligação foi cortada!

Sem uma palavra, os dois homens deixaram a sala e correram para a avenida. Rénine empurrou o senhor de Lourtier para dentro do carro:

– Qual o endereço?

– Ville d'Avray.

– É claro! No centro das operações... como uma aranha no meio

de sua teia! Oh, que vergonha!

Ele estava profundamente agitado. Enxergava toda a aventura em sua monstruosa realidade.

– Sim, ela as mata para roubar seu sono, como costumava matar os animais. É a mesma obsessão, mas complicada por toda uma série de práticas e superstições totalmente incompreensíveis. Evidentemente, imagina que a semelhança dos primeiros nomes com o seu é indispensável e que não dormirá a menos que sua vítima seja uma Hortense ou uma Honorine. É o argumento de uma mulher louca; sua lógica nos escapa, e nada sabemos de sua origem; mas não podemos fugir disso. Ela precisa caçar e precisa encontrar.

Rénine estava profundamente angustiado.

– E ela encontra e carrega sua presa de antemão e cuida dela pelo número de dias designado, até o momento em que, loucamente, através do buraco que escava com uma machadinha no meio do crânio, absorve o sono que a atordoa e lhe concede o esquecimento por um determinado período. E aqui novamente vemos o absurdo e a demência. Por que ela fixa esse período em tantos dias? Por que uma vítima deveria assegurar-lhe cento e vinte dias de sono, e outra, cento e vinte e cinco dias de sono? Que insanidade! O cálculo é misterioso e, claro, louco; mas o fato é que, ao final de cento ou cento e vinte e cinco dias, conforme o caso, uma nova vítima é sacrificada; já foram seis, e a sétima está esperando sua vez. Ah, senhor, que responsabilidade terrível para você! Um monstro como este! Ela nunca deveria ter sido deixada fora de vista!

Lourtier-Vaneau não protestou. Seu ar de desânimo, sua palidez, mãos trêmulas, tudo provava seu remorso e desespero:

– Ela me enganou – murmurou. – Estava aparentemente tão quieta, tão dócil! E, afinal, ela está em um manicômio.

– Então, como ela pode...?

– O asilo – explicou o senhor de Lourtier-Vaneau – é composto por vários edifícios separados, espalhados por extensos terrenos. O tipo de chalé em que Hermance vive é bem diferente. Há primeiro um quarto ocupado por Félicienne, depois o quarto de Hermance e dois quartos separados, um dos quais tem suas janelas com vista para o campo aberto. Suponho que é lá que ela tranca suas vítimas.

– Mas a carruagem que transporta os cadáveres?

– Os estábulos do asilo estão bem próximos da cabana. Lá há um cavalo e uma carruagem para o trabalho no asilo. Hermance sem dúvida se levanta à noite, arreia o cavalo e desliza o corpo pela janela.

– E a enfermeira que a vigia?

– Félicienne é muito velha e bem surda.

– Mas de dia ela vê sua patroa indo e voltando, fazendo isso e aquilo. Não devemos admitir uma certa cumplicidade?

– Nunca! A própria Félicienne foi enganada pela hipocrisia de Hermance.

– Mesmo assim, foi ela quem telefonou para a senhora de Lourtier primeiro, sobre aquele anúncio...

– Muito naturalmente. Hermance, que fala de vez em quando, que argumenta, que se enterra nos jornais, o que ela não entende, como você estava dizendo há pouco, mas lê atentamente, deve ter visto o anúncio e, tendo ouvido que estávamos procurando uma criada, deve ter pedido a Félicienne para me ligar.

– Sim... sim... foi o que eu senti – disse Rénine lentamente. – Ela marca suas vítimas... Com Hortense morta, teria sabido, depois de

esgotada sua mesada de sono, onde encontrar uma oitava vítima... Mas como ela atraiu as mulheres desafortunadas? Como ela induziu Hortense?

O carro estava correndo, mas não suficientemente rápido para agradar a Rénine, que pressionou o motorista:

– Mais rápido, Adolphe, você não pode? Estamos perdendo tempo, meu caro.

De repente, o medo de chegar muito tarde começou a torturá-lo. A lógica do louco está sujeita a mudanças repentinas de humor, a qualquer ideia perigosa que possa entrar na cabeça. A demente poderia facilmente confundir a data e apressar a catástrofe, como um relógio desregulado que atinge uma hora muito cedo.

Em contrapartida, como seu sono foi mais uma vez perturbado, será que não se sentiria tentada a agir sem esperar pelo momento certo? Não teria sido esta a razão pela qual se trancou no quarto? Céus, que agonia sua prisioneira devia estar sofrendo! Que tremores de terror ao menor movimento do carrasco!

– Mais rápido, Adolphe, ou eu mesmo assumirei o volante! Mais rápido!

Finalmente chegaram a Ville d'Avray. Havia uma estrada íngreme e inclinada à direita.

– Dirija ao redor do terreno, Adolphe. Não devemos dar aviso de nossa presença, certo, senhor de Lourtier? Onde fica o chalé?

– Do lado oposto – disse Lourtier-Vaneau.

Desceram um pouco mais adiante. Rénine começou a correr ao longo de um banco à beira de uma estrada batida e malconservada. Estava quase escuro.

O senhor de Lourtier-Vaneau disse:

– Ali. É aquela casa um pouco mais distante... Olhe para a janela

no piso térreo. Pertence a um dos quartos separados... e é obviamente por lá que ela escapa.

– Mas a janela parece ter sido lacrada.

– Sim; e é por isso que ninguém suspeitava de nada. Mas ela deve ter encontrado uma maneira de passar.

O piso térreo fora construído sobre fundações profundas. Rénine rapidamente se agarrou para escalar, encontrando uma base de apoio em uma saliência de pedra.

Com certeza, uma das barras estava faltando.

Ele pressionou o rosto contra o vidro da janela e olhou para dentro.

A sala estava escura. No entanto, conseguiu distinguir, pelas costas, uma mulher sentada ao lado de outra, que estava deitada em um colchão. A que estava sentada segurava a testa nas mãos e olhava a que estava deitada.

– É ela – sussurrou o senhor de Lourtier-Vaneau, que também tinha subido no muro. – A outra está amarrada.

Rénine tirou de seu bolso um diamante de vidraceiro e cortou um dos vidros sem fazer barulho suficiente para despertar a atenção da mulher enlouquecida. Em seguida, deslizou a mão para o fecho da janela e a virou suavemente, enquanto com sua mão esquerda pegava o revólver.

– Não vai atirar, certamente! – suplicou Lourtier-Vaneau.

– Se for preciso, eu o farei.

Rénine empurrou suavemente a janela. Mas havia um obstáculo que ele não percebeu, uma cadeira que tombou e caiu.

Ele saltou para o quarto e jogou fora o revólver para agarrar a louca. Mas a mulher não o esperou; correu para a porta, abriu-a e fugiu, com um grito rouco.

O senhor de Lourtier-Vaneau fez menção de correr atrás dela.

– Para quê? – disse Rénine, ajoelhando-se. – Vamos salvar a vítima primeiro.

Tranquilizou-se imediatamente: Hortense estava viva.

A primeira coisa que fez foi cortar as cordas e remover a mordaca que a sufocava. Atraída pelo barulho, a velha enfermeira tinha se apressado a entrar no quarto com uma lâmpada, que Rénine tirou de sua mão, lançando sua luz sobre Hortense.

Estava atônito: embora lívida e exausta, com feições e olhos macilentos de febre, Hortense tentava sorrir e ainda sussurrou:

– Esperava que você... Não me desesperei nem por um momento... Eu estava certa de que você...

Então desmaiou.

Uma hora depois, após muitas buscas inúteis ao redor da casa de campo, encontraram a louca trancada em um grande armário no sótão. Ela havia se enforcado.

Hortense recusou-se a passar mais uma noite naquele lugar. Além disso, era melhor que o chalé estivesse vazio quando a velha enfermeira anunciasse o suicídio da mulher maluca.

Rénine deu a Félicienne instruções minuciosas sobre o que deveria fazer e dizer; então, assistido pelo motorista e o senhor de Lourtier-Vaneau, levou Hortense até o carro e a conduziu para casa.

Ela logo se recuperou. Dois dias depois, Rénine a questionou cuidadosamente e perguntou como havia conhecido a mulher enlouquecida.

– Foi muito simples – ela respondeu. – Meu marido, que não é muito são, como já lhe disse, está sendo cuidado em Ville d’Avray e às vezes vou visitá-lo, sem dizer a ninguém, admito. Foi assim que comecei a conversar com aquela pobre louca. Como, no outro dia,

ela deu sinais de que queria que eu a visitasse, fui. Estávamos sozinhas na casa de campo. A mulher atirou-se sobre mim e me dominou antes que eu tivesse tempo de gritar por ajuda. Pensei que era uma brincadeira, mas não era. Uma brincadeira de mulher louca? Ela foi muito gentil comigo... Mesmo assim, deixou-me com tanta fome! Mas eu estava tão certa de que você...

– E você não estava com medo?

– De morrer de fome? Não. Além disso, ela me dava alguma comida, de vez em quando, quando a fantasia a tomava... E eu tinha certeza da sua vinda!

– Sim, mas havia algo mais: aquele outro perigo...

– Qual outro perigo? – perguntou, ingenuamente.

Rénine ia começar a falar. De repente, compreendeu. Parecia estranho no início, embora fosse bastante natural, que Hortense não tivesse suspeitado nem por um momento e ainda não desconfiasse do terrível risco de vida que havia corrido. Sua mente não relacionara sua própria aventura aos assassinatos cometidos pela senhora com a machadinha.

Ponderou que mais adiante também seria um bom momento para lhe contar a verdade.

A propósito, alguns dias mais tarde, o marido de Hortense, que havia sido confinado por anos, morreu no asilo de Ville d'Avray, e Hortense, a quem seu médico havia recomendado um curto período de descanso e solidão, foi hospedar-se com uma parente que vivia perto da vila de Bassicourt, no centro da França.

Pegadas na neve

Para o príncipe Serge Rénine,

Boulevard Haussmann, Paris

La Roncière

Perto de Bassicourt,

14 de novembro

Meu querido amigo,

Você deve me considerar muito ingrata. Estou aqui há três semanas, e você sequer recebeu uma única carta minha! Nem uma palavra de agradecimento! E, no entanto, terminei percebendo de que morte terrível você me salvou. Compreendi o segredo daquele evento tenebroso! Mas, de fato, não pude evitar! Eu estava em tal estado de prostração depois de tudo aquilo! Eu precisava tanto de descanso e solidão! Será que eu deveria ter ficado em Paris? Deveria ter dado continuidade a minhas expedições com você? Não, não, não! Eu já tivera aventuras suficientes! As de outras pessoas são muito interessantes, admito. Mas quando se é a própria vítima e mal se escapa com vida? Oh, meu caro amigo, como foi horrível! Será que alguma vez me esquecerei?

Aqui, em La Roncière, eu desfruto da maior paz. Minha velha prima solteirona, Ermelin, me acalenta como a um inválido. Estou recuperando minha cor e estou muito bem fisicamente... tanto, de fato, que não penso mais em me interessar pelos negócios dos outros. Nunca mais! Por exemplo (e só vou lhe contar porque você é incorrigível, tão curioso como qualquer empregada velha, e sempre pronto para se ocupar de coisas que não lhe dizem respeito), ontem eu estava presente em uma reunião bastante curiosa. Antoinette havia me levado à pousada em Bassicourt, onde estávamos tomando chá na sala pública, entre os camponeses, pois era dia de mercado, quando a chegada de três

peessoas, dois homens e uma mulher, provocou uma súbita pausa na conversa.

Um dos homens era um agricultor gordo, de blusa comprida, com uma cara jovial e vermelha, emoldurada por um bigode branco. O outro era mais jovem, estava vestido de veludo e era magro, com tom de pele amarelado e feições endurecidas. Cada um carregava uma arma sobre o ombro. Entre eles havia uma mulher jovem, baixa e esbelta, com um manto marrom e uma touca de pele, e seu rosto bastante fino e muito pálido era surpreendentemente delicado e de aparência distinta.

“Pai, filho e nora”, sussurrou meu primo.

“O quê? Essa encantadora criatura pode ser a esposa daquele trapaceiro?”

“E nora do barão de Gorne.”

“O velho ali é um barão?”

“Sim, descendente de uma família muito antiga e nobre que era dona do castelo nos velhos tempos. Sempre viveu como um camponês: um excelente caçador, um grande bebedor, um ótimo litigante, sempre com alguém no tribunal, agora quase arruinado. Seu filho Mathias era mais ambicioso e menos apegado à terra e estudou Direito. Depois ele foi para a América. Em seguida, a falta de dinheiro o trouxe de volta ao vilarejo, onde se apaixonou por uma jovem da cidade mais próxima. A pobre garota consentiu, ninguém sabe por quê, em se casar com ele; e há cinco anos ela vem levando a vida de uma eremita, ou melhor, de uma prisioneira, em um pequeno casarão próximo, o Manoir-au-Puits, o Well Manor.”

“Com o pai e o filho?”, eu perguntei.

“Não, o pai vive no extremo da aldeia, em uma fazenda

solitária.”

“E o mestre Mathias está com ciúme?”

“Um tigre perfeito!”

“Sem motivo?”

“Sem razão, pois Natalie de Gorne é a mulher mais correta do mundo, e não é culpa dela se um jovem bonito tem andado pelo casarão durante os últimos meses. No entanto, o de Gornes não consegue superar isso.”

“O quê, o pai também não?”

“O jovem bonito é o último descendente do povo que comprou o castelo há muito tempo. Isto explica o ódio do velho de Gorne. Jérôme Vignal, e eu o conheço e gosto muito dele, é um homem bonito e muito bem de vida; e ele jurou fugir com Natalie de Gorne. É o velho que o diz, quando bebe além do limite. Pronto, escute!”

O velho estava sentado no meio de um grupo de homens que se divertiam, obrigando-o a beber e fazendo-lhe perguntas. Ele já estava um pouco “ligado” e se segurava com um tom de indignação e um sorriso zombeteiro que formava um contraste bastante cômico quando falava: “Ele está perdendo seu tempo, eu lhes digo, um bobo da corte! Não se deve ficar rondando furtivamente em nosso caminho, fazendo olhos de ovelha... Ele está sendo vigiado! Caso se aproxime demais, levará bala, não é, Mathias?”

Agarrou a mão de sua nora: “E então a pequena moça também sabe como se defender”, ele riu. “Ei, você não quer nenhum admirador, não é, Natalie?”

A jovem esposa corou, confusa por ser abordada naqueles termos, enquanto seu marido resmungava: “Você faria melhor se

segurasse a língua, pai. Há coisas sobre as quais não se fala em público”.

“Coisas que afetam a honra de alguém são mais bem resolvidas em público”, retorquiu o mais velho. “No que me diz respeito, a honra dos de Gornes vem antes de tudo; e essa fina faísca, com seus ares de Paris, não...”

Parou de falar repentinamente. Diante de si estava um homem que acabara de chegar e que parecia estar esperando que ele terminasse a frase. O recém-chegado era um jovem alto, de compleição poderosa, em trajes de passeio, com apetrechos de equitação na mão. Seu rosto forte e muito austero estava iluminado por um par de olhos finos nos quais brilhava um sorriso irônico.

“Jérôme Vignal”, meu primo sussurrou.

O jovem não parecia envergonhado. Ao ver Natalie, fez ligeira mesura; e, quando Mathias de Gorne deu um passo adiante, olhou-o da cabeça aos pés, como a dizer: “Bem, e então?”.

Sua atitude foi tão altiva e desdenhosa que os de Gorne sacaram suas armas e as pegaram em ambas as mãos, como atiradores prestes a disparar. A expressão do filho foi muito feroz.

Jérôme não se sentiu muito perturbado com a ameaça. Depois de alguns segundos, voltando-se para o proprietário da pousada, observou: “Eu vim para ver o velho Vasseur. Mas sua loja está fechada. Você se importaria de lhe entregar o coldre do meu revólver? Ele costurará um ponto ou dois”.

Entregou o coldre ao dono da estalagem e acrescentou, rindo: “Ficarei com o revólver, caso precise dele. Nunca se sabe!”.

Depois, ainda com muita calma, pegou um cigarro de uma

caixa de prata, acendeu-o e foi embora. Nós o vimos através da janela montando em seu cavalo e saindo em um trote lento.

O velho de Gorne jogou fora um copo de aguardente, praguejando de maneira rude. Seu filho bateu palmas na boca do velho e o obrigou a sentar-se. Natalie de Gorne chorava ao lado dos dois...

Esta é minha história, querido amigo. Como vê, não é tremendamente interessante nem merece sua atenção. Não há nenhum mistério e nenhum papel a ser desempenhado por você. De fato, insisto particularmente que não deva procurar um pretexto para uma interferência inoportuna.

É claro que eu ficaria feliz em ver a pobre criatura protegida, pois parece ser uma perfeita mártir. Mas, como eu disse antes, deixemos que cada um cuide de seus próprios problemas e não vamos mais longe com nossas pequenas experiências...

Ele terminou de ler a carta, leu-a novamente e disse para si mesmo: “É isso aí. Tudo está certo como deve ser. Hortense não quer continuar com nossas ‘pequenas experiências’, porque seria a sétima, e ela tem medo da oitava, que nos termos de nosso acordo tem um significado muito particular. Ela não quer... e ela quer... sem parecer que quer...”

Rénine esfregou as mãos. A carta era uma inestimável testemunha da influência que ele havia gradual, suave e pacientemente conquistado sobre Hortense Daniel. Traía um sentimento bastante complexo, composto de admiração, confiança sem limites, inquietação às vezes, medo e quase terror, mas também amor.

Estava convencido disso. Sua companheira de aventuras, as quais foram compartilhadas com uma boa camaradagem que excluía

qualquer constrangimento, de repente se assustara; e uma espécie de pudor, misturado a certa dose de flerte, impelia-a a se conter.

Naquela mesma noite, um domingo, Rénine pegou o trem. Ao amanhecer, já havia percorrido, de diligência, uma estrada branca com neve que o levou à cidadezinha de Pompignat, distante oito quilômetros do vilarejo de Bassicourt. Assim que chegou, soube que sua viagem poderia provar alguma utilidade: três tiros haviam sido ouvidos durante a noite na direção do Manoir-au-Puits.

– Três tiros, sargento. Eu os ouvi tão claramente quanto o vejo diante de mim – disse um camponês que os policiais estavam interrogando na sala de estar da pousada onde Rénine havia entrado.

– Eu também – comentou o garçom. – Três tiros. Pode ter sido à meia-noite. A neve, que caía desde as nove, tinha parado... e os tiros soaram através dos campos, um após o outro: bang, bang, bang.

Mais cinco camponeses deram seus depoimentos. O sargento e seus homens não tinham ouvido nada dos tiros, porque o posto policial ficava mais para perto dos campos. Mas chegaram um fazendeiro e uma mulher, que disseram que trabalhavam para Mathias de Gorne, tinham ficado ausentes por dois dias por causa do domingo do final de semana e que tinham vindo diretamente da casa senhorial, onde não haviam conseguido entrar.

– O portão do terreno está trancado, sargento – disse o homem. – É a primeira vez que isso acontece. O senhor Mathias sai para abri-lo pessoalmente todas as manhãs, às seis horas, no inverno e no verão. Bem, já passa das oito. Eu chamei e gritei. Ninguém respondeu. Então viemos para cá.

– Você poderia ter perguntado ao velho senhor de Gorne – disse o

sargento. – Ele vive no alto da estrada.

– Por minha palavra, claro que eu poderia! Nem pensei nisso.

– É melhor irmos até lá agora – o sargento decidiu.

Dois de seus homens o acompanharam, assim como os camponeses e um serralheiro, cujos serviços foram requisitados. Rénine juntou-se ao grupo.

Logo, no final do vilarejo, chegaram ao pátio da fazenda do velho de Gorne, que Rénine reconheceu pela descrição de Hortense.

O velho senhor estava atrelando seu cavalo a uma pequena charrete, na qual já havia carregado uma grande caixa. Quando lhe contaram o que havia acontecido, ele desatou a rir:

– Três tiros? Bang, bang, bang? Ora, meu caro sargento, só cabem duas balas na arma de Mathias!

– E o portão trancado?

– Significa que o rapaz está dormindo, só isso. Ontem à noite ele veio e dividiu uma garrafa comigo... talvez duas... ou até três; e deve estar descansando, espero... ele e Natalie.

Subiu na velha charrete, com uma lona remendada, e estalou o chicote:

– Até mais, cavalheiros. Esses seus três tiros não me impedirão de ir ao mercado em Pompignat, como faço todas as segundas-feiras. Tenho um par de bezerros na caixa para levar e estão no ponto certo para o açougueiro. Bom dia para vocês!

Os outros seguiram em frente. Rénine foi até o sargento e se apresentou:

– Sou amigo da senhorita Ermelin, de La Roncière; e, como ainda é muito cedo para chamá-la, ficarei feliz se você me permitir passar pelo casarão com você. A senhorita Ermelin conhece a senhora de Gorne; e será uma satisfação para mim aliviar sua mente, pois não

há nada de errado no casarão, espero.

– Se houver – respondeu o sargento –, leremos tudo a respeito tão claramente como em um mapa, por causa da neve.

Era um jovem simpático, e parecia vivaz e inteligente. Desde o primeiro momento demonstrou grande acuidade ao observar as pegadas que Mathias tinha deixado na noite anterior, ao voltar para casa, as quais logo se confundiram com aquelas feitas nas idas e vindas do trabalhador da fazenda e de sua mulher. Enquanto isso, eles chegaram ao muro de uma propriedade cujo portão o serralheiro abriu prontamente.

Daquele ponto em diante, uma única trilha aparecia sobre a neve imaculada, a de Mathias. Foi fácil perceber que o rapaz deve ter participado um bom tempo da bebedeira do pai, pois a linha das pegadas descrevia curvas repentinas que a faziam desviar até as árvores da avenida.

Duzentos metros mais adiante ficava a dilapidada construção de dois andares da Manoir-au-Puits. A porta principal estava aberta.

– Vamos entrar – disse o sargento.

No momento em que ele cruzou a soleira, murmurou:

– Oh! O velho de Gorne cometeu um erro em não vir. Houve luta por aqui.

A grande sala estava em desordem. Duas cadeiras quebradas, a mesa virada e muito vidro e porcelana partidos testemunhavam a violência da luta. O relógio alto, deitado no chão, tinha parado às onze e vinte.

Com a camponesa mostrando-lhes o caminho, correram para o primeiro andar. Nem Mathias nem sua esposa estavam lá. Mas a porta de seu quarto havia sido arrombada com um martelo que eles acharam debaixo da cama.

Rénine e o sargento desceram as escadas novamente. A sala de estar tinha uma passagem que se comunicava com a cozinha, localizada nos fundos da casa. De lá se avistava um pequeno quintal cercado pelo pomar, ao final do qual havia um poço. Ao lado do poço podia-se passar.

Da porta da cozinha para o poço, a neve, que não era muito espessa, tinha sido pressionada para o lado, como se um corpo tivesse sido arrastado sobre ela. E ao redor do poço havia marcas emaranhadas de pés pisoteados, mostrando que a luta devia ter sido retomada naquele local. O sargento descobriu novamente as pegadas de Mathias, junto de outras que eram mais claras e mais bem torneadas.

Estas últimas seguiam diretamente para o pomar. A trinta metros dali, perto das pegadas, um revólver foi recolhido e reconhecido por um dos camponeses como parecido com o que Jérôme Vignal havia mostrado na pousada dois dias antes.

O sargento examinou o tambor. Três das sete balas haviam sido disparadas.

E assim a tragédia foi pouco a pouco reconstituída em seus contornos principais; então o sargento, que havia ordenado a todos que se afastassem e não pisassem no local das pegadas, voltou ao poço, inclinou-se, fez algumas perguntas à camponesa e, olhando para Rénine, sussurrou:

– Tudo isso me parece bastante claro.

Rénine segurou seu braço:

– Vamos falar abertamente, sargento. Entendo muito bem do negócio, pois, como lhe disse, conheço a senhorita Ermelin, que é amiga de Jérôme Vignal e também conhece a senhora de Gorne. Você acha que...

– Eu não quero supor nada. Simplesmente sustento que alguém veio aqui ontem à noite...

– Por qual caminho? Os únicos rastros de uma pessoa que andou em direção ao casarão são os do senhor de Gorne.

– Isso porque a outra pessoa chegou antes da nevasca, ou seja, antes das nove horas.

– Então ele deve ter-se escondido em um canto da sala e esperado pelo retorno do senhor de Gorne, que veio depois da neve?

– É assim mesmo. Assim que Mathias chegou, o homem foi atrás dele. Houve uma briga. Mathias escapou pela cozinha. O homem correu atrás dele até o poço e disparou três tiros de revólver.

– E onde está o corpo?

– No fundo do poço.

Rénine protestou:

– Oh! Você não está exagerando nessa certeza?

– Por quê, senhor? A neve está lá, para contar a história; e a neve diz claramente que, depois da luta, após os três tiros, um homem sozinho se afastou e deixou a fazenda, um só homem, e suas pegadas não são as de Mathias de Gorne. Então, onde pode estar Mathias de Gorne?

– Mas o poço... pode ser dragado?

– Não. O poço é praticamente sem fundo. É conhecido em todo o distrito e dá seu nome à mansão²¹... Não.

– Então você realmente acredita...

– Repito o que eu disse. Antes da nevasca, uma única chegada, Mathias. E uma única partida, o desconhecido.

– E a senhora de Gorne? Ela foi morta também e jogada no poço como seu marido?

- Não, foi levada embora.
- Levada?
- Lembre-se de que seu quarto foi arrombado com um martelo.
- Ora, ora, sargento! Você mesmo declarou que houve apenas uma partida, a do estranho.
- Pare. Olhe as pegadas do homem. Veja como elas se afundam na neve, até que praticamente tocam o chão. Estas são as pegadas de um homem que carrega uma carga pesada. O estranho estava carregando a senhora de Gorne nos ombros.
- Então há uma saída por aqui?
- Sim, uma pequena porta cuja chave Mathias de Gorne sempre tinha consigo. O homem deve tê-la tirado dele.
- Uma saída para os campos abertos?
- Sim, uma estrada que liga à rodovia departamental a mil e duzentos metros daqui... E você sabe para onde?
- Para onde?
- Conduz à esquina do castelo.
- O castelo de Jérôme Vignal?
- Por Deus! Isso começa a parecer sério! Se a trilha leva ao castelo e ali termina, saberemos em que pé estamos.

A trilha continuava até o castelo, como puderam perceber depois de segui-la pelos campos ondulados, nos quais a neve se acumulava em alguns pontos. A área mais próxima dos portões principais havia sido varrida, mas eles viram que outra trilha, formada pelas duas rodas de um veículo, ia na direção oposta à da vila.

O sargento tocou a campainha. O porteiro, que também varrera o caminho, chegou aos portões com uma vassoura na mão. Em resposta a uma pergunta, o homem disse que o senhor Vignal tinha

ido embora naquela manhã antes que alguém se levantasse e que ele mesmo tinha preparado o cavalo para a partida.

– Nesse caso – observou Rénine, quando eles se afastaram –, tudo o que temos a fazer é seguir os rastros das rodas.

– Isso não servirá de nada – disse o sargento. – Eles tomaram a ferrovia.

– Na estação de Pompignat, de onde eu vim? Mas eles teriam passado pelo vilarejo.

– Seguiram pelo outro lado, porque isso leva à cidade, onde param os trens expressos. O procurador-geral tem um escritório na cidade. Eu telefonarei. Como não há trem antes das onze horas, tudo o que eles precisam fazer é ficar de vigia na estação.

– Acho que você está fazendo a coisa certa, sargento – disse Rénine –, e eu o cumprimento pela forma como realizou sua investigação.

Eles se separaram. Rénine voltou para a pousada no vilarejo e enviou uma nota a Hortense Daniel, escrita à mão:

Minha querida amiga,

Percebi em sua carta que você, sempre enternecida por tudo que diz respeito ao coração, parecia ansiosa por proteger o amor de Jérôme e Natalie. Agora há todos os motivos para supor que estes dois, sem consultar sua justa protetora, fugiram, depois de jogar Mathias de Gorne em um poço.

Perdoe-me por não ter ido visitá-la. A situação toda é extremamente obscura. Se eu estivesse com você, não teria o desapego mental necessário para pensar no caso adequadamente.

Eram então dez e meia da manhã. Rénine foi dar um passeio pelo

campo, com as mãos apertadas atrás das costas, sem dar um olhar mais atencioso ao espetáculo requintado dos prados brancos. Voltou para o almoço, ainda absorto em seus pensamentos e indiferente à conversa dos clientes da pousada, que em todas as mesas discutiam eventos recentes.

Subiu para seu quarto e estava dormindo havia algum tempo quando foi despertado por um toque na porta. Levantou-se e a abriu:

– É você? É você? – sussurrou, ansioso.

Hortense e ele ficaram se olhando por alguns segundos em silêncio, segurando as mãos um do outro, como se nada, nenhum pensamento irrelevante e nenhuma declaração devesse interferir na alegria de seu reencontro.

Então ele perguntou:

– Eu estava certo em vir?

– Sim – disse ela gentilmente –, eu esperava por você.

– Talvez o melhor teria sido você mandar me buscar mais cedo, em vez de esperar... Os eventos não aguardam, como você pode ver, e eu não sei bem o que será de Jérôme Vignal e Natalie de Gorne.

– O quê, você não soube? – Hortense indagou, rapidamente. – Eles foram presos. Iam viajar pelo expresso...

– Presos? Não. – Rénine objetou. – As pessoas não são presas dessa maneira. Precisam ser interrogadas primeiro.

– Isso é o que está sendo feito agora. As autoridades estão fazendo uma busca.

– Onde?

– No castelo. E, como eles são inocentes... Pois eles são inocentes, não são? Você não admite que sejam culpados, assim

como eu não aceito...

Ele respondeu:

– Eu não afirmo absolutamente nada, não posso admitir nada, minha querida. No entanto, sou obrigado a dizer que tudo está contra eles... exceto por um fato: tudo está demasiadamente contra eles. Não é normal que tantas provas sejam amontoadas umas sobre as outras e que o homem que comete um assassinato conte sua história com tanta franqueza. Fora isso, não há nada além de mistério e discrepância.

– Bem...

– Bem, estou muito intrigado. – Mas você tem um plano?

– Nenhum, até o momento. Ah, se eu pudesse vê-lo, Jérôme Vignal, e a ela, Natalie de Gorne, e ouvi-los para saber o que estão dizendo em sua própria defesa! Mas você compreende que eu não tenho permissão nem para fazer perguntas nem para estar presente no interrogatório. Além disso, já deve estar terminando a esta altura. Está terminado no castelo – completou ela –, mas continuará na casa senhorial.

– Eles os estão levando para o casarão? – perguntou Rénine ansiosamente.

– Sim... pelo menos, a julgar pelo que foi dito ao motorista de um dos dois carros do procurador.

– Ah, nesse caso – exclamou Rénine –, a coisa está feita! A casa senhorial! Ora, nós estaremos na primeira fila! Veremos e ouviremos tudo; e uma palavra, um tom de voz, um estremecer de pálpebras será suficiente para me dar a pequena pista de que preciso. Podemos ter alguma esperança. Venha.

Ele a conduziu pela rota direta que havia seguido naquela manhã, levando ao portão que o serralheiro abria. Os vigilantes de serviço

no solar tinham feito uma passagem pela neve, ao lado da linha de pegadas e ao redor da casa.

O acaso permitiu que Rénine e Hortense se aproximassem sem ser vistos e que entrassem por uma janela lateral em um corredor próximo a uma escadaria nos fundos. Alguns degraus acima havia uma pequena câmara que recebia sua única luz da grande sala do piso térreo por uma espécie de claraboia. Rénine, durante a visita matinal, havia notado essa claraboia, que estava coberta por dentro com um pedaço de pano. Ele retirou o tecido e cortou um dos vidros.

Alguns minutos depois, um ruído de vozes se levantou do outro lado da casa, sem dúvida vindo de perto do poço. O som se tornou mais distinto. Um certo número de pessoas entrou na residência. Algumas subiram a escada até o primeiro andar, enquanto o sargento chegou com um jovem do qual Rénine e Hortense conseguiram distinguir apenas a figura alta.

– Jérôme Vignal – disse ela.

– Sim – falou Rénine. – Eles estão interrogando a senhora de Gorne primeiro, no andar de cima, em seu quarto.

Passou-se um quarto de hora. Depois o grupo do primeiro andar desceu a escada e entrou. Eram o delegado do procurador, seu escrivão, um comissário de polícia e dois detetives.

A senhora de Gorne foi apresentada, e o delegado pediu a Jérôme Vignal para dar um passo adiante.

O rosto de Jérôme Vignal era certamente o do homem forte que Hortense havia retratado em sua carta. Não demonstrava nenhum mal-estar, mas, sim, disposição e determinação. Natalie, que era baixa e muito leve, com uma luz febril nos olhos, produzia, no entanto, a mesma impressão de confiança tranquila.

O delegado examinou os móveis desordenados e os traços de luta, depois os convidou a sentar e disse a Jérôme:

– Senhor, não lhe fiz muitas perguntas até agora. Este é um inquérito sumário que estou conduzindo em sua presença e que será continuado mais tarde pelo magistrado examinador. Desejava principalmente explicar-lhe as razões muito sérias pelas quais lhe pedi que interrompesse sua viagem e voltasse para cá com a senhora de Gorne. Agora o senhor está em condições de refutar as acusações verdadeiramente angustiantes que pairam sobre si. Peço-lhe, portanto, que me diga exatamente a verdade.

– Senhor delegado – respondeu Jérôme –, as acusações em questão me incomodam muito pouco. A verdade pela qual está perguntando derrotará todas as mentiras que o acaso acumulou contra mim. É o seguinte...

Ele refletiu por um instante e depois, em tom claro e franco, prosseguiu:

– Eu amo a senhora de Gorne. Logo que a vi, senti a maior simpatia e admiração por ela. Mas meu afeto sempre foi dirigido pelo único pensamento de sua felicidade. Eu a amo, mas a respeito ainda mais. A senhora de Gorne deve ter-lhe dito, e eu lhe afirmo novamente, que ela e eu trocamos nossas primeiras palavras ontem à noite. Respeito-a ainda mais na medida em que a sabia extremamente infeliz. Todo mundo tem ciência de que cada minuto de sua vida foi um martírio. O marido a perseguia com ódio feroz e um ciúme frenético. Pergunte aos criados. Eles lhe falarão do longo sofrimento de Natalie de Gorne, dos golpes que recebeu e dos insultos que teve de suportar. Tentei acabar com essa tortura restaurando os direitos de apelação que o mais mero estranho pode reivindicar quando a infelicidade e a injustiça ultrapassam certo

limite.

Jérôme ergueu a cabeça e continuou, em voz baixa:

– Fui três vezes ao velho de Gorne e lhe implorei que interferisse; mas encontrei nele um ódio quase igual para com sua nora, o rancor que muitas pessoas sentem por qualquer coisa bela e nobre. Finalmente resolvi agir diretamente, e ontem à noite dei um passo em direção a Mathias de Gorne, uma iniciativa... um pouco incomum, admito, mas parecia provável de ser bem-sucedida, considerando o caráter do homem. Juro, senhor delegado, que não tinha outra intenção senão falar com Mathias de Gorne. Conhecendo certos detalhes de sua vida que me permitiram exercer uma pressão efetiva sobre ele, desejei fazer uso desta vantagem para atingir meu objetivo. Se as coisas se revelaram diferentes, não sou totalmente culpado... Portanto, vim até aqui um pouco antes das nove horas. Os criados, eu sabia, estavam ausentes. Ele mesmo abriu a porta. Estava sozinho.

– Senhor – disse o delegado, interrompendo-o –, o senhor está dizendo algo, como a senhora de Gorne, a propósito, acabou de fazer, que é manifestamente oposto à verdade. Mathias de Gorne só voltou para casa ontem à noite às onze horas. Temos duas provas concretas disso: a declaração do pai dele e as impressões dos pés dele na neve, que caíram das nove e quinze até as onze horas.

– Senhor delegado – Jérôme Vignal atalhou, sem dar atenção ao mau efeito que sua obstinação estava produzindo –, estou relacionando as coisas como ocorreram, e não como podem ser interpretadas. Vou continuar... Este relógio marcava dez minutos para as nove quando entrei nesta sala. O senhor de Gorne, acreditando que estava prestes a ser atacado, havia sacado sua arma. Eu coloquei meu revólver sobre a mesa, fora do alcance de

minha mão, e me sentei. “Quero falar com o senhor”, disse eu. “Por favor, escute-me”.

Vignal prosseguiu:

– Ele não se mexeu e não proferiu uma única sílaba. Então eu falei. E imediatamente, sem nenhuma explicação prévia que pudesse suavizar a aspereza de minha proposta, pronunciei as poucas palavras que tinha preparado antes: “Passei alguns meses, senhor”, disse eu, “fazendo perguntas cuidadosas sobre sua situação financeira. O senhor hipotecou cada pedaço de sua terra. Assumi contas que em breve estarão vencendo e que será absolutamente impossível para o senhor honrar. Não há nada a esperar de seu pai, cujos próprios negócios estão em péssimas condições. Portanto, o senhor está arruinado. Eu vim para salvá-lo...”.

Jérôme continuou, tranquilamente:

– Ele me observou, ainda sem falar, depois sentou-se, o que me levou a concluir que minha sugestão não era totalmente desprezível. Então tirei um maço de notas bancárias de meu bolso, coloquei-o diante dele e continuei: “Aqui há sessenta mil francos, senhor. Comprarei o Manoir-au-Puits, suas terras e dependências, e assumirei as hipotecas. Essa quantia é exatamente o dobro do que isso tudo vale”. Vi seus olhos brilhar. Ele perguntou quais eram minhas condições. “Apenas uma”, eu falei, “que você vá para a América”.

Os olhos de Jérôme agora mostravam fúria:

– Senhor delegado, nós ficamos duas horas conversando. Não foi porque minha oferta tenha despertado sua indignação; eu não teria arriscado se não soubesse com quem estava lidando. Mas ele queria mais e regateou com ganância, embora se abstinhasse de

mentonar o nome da senhora de Gorne, a quem eu mesmo não havia aludido uma só vez.

Diante da ausência de comentários, completou:

– Podíamos ter sido dois homens envolvidos em uma disputa e buscando um acordo em comum, mas era a felicidade e todo o destino de uma mulher que estavam em jogo. Finalmente, cansado da discussão, aceitei um compromisso e chegamos a um acordo, que resolvi tornar definitivo ali mesmo. Duas cartas foram firmadas entre nós: uma na qual ele me entregou o Manoir-au-Puits pela quantia que eu lhe havia pagado; e outra, que ele imediatamente colocou no bolso, pela qual eu deveria lhe enviar uma quantia igual à América no dia em que a sentença de divórcio fosse formalizada... Portanto, o caso foi resolvido.

Nova pausa:

– Tenho certeza de que, naquele momento, ele estava aceitando de boa-fé. Via-me menos como um inimigo e um rival do que como um homem que estava lhe prestando um serviço. Chegou ao ponto de me dar a chave da pequena porta que se abre nos campos, para que eu pudesse ir para casa pelo atalho.

Sem dar atenção aos olhares confusos, ele deu mais detalhes:

– Infelizmente, enquanto eu pegava meu chapéu e o sobretudo, cometi o erro de deixar sobre a mesa a carta de venda que ele havia assinado. Em um segundo Mathias de Gorne tinha visto a vantagem que poderia tirar do meu deslize: ficaria com sua propriedade, com sua esposa... e com o dinheiro. Rápido como um raio, ele escondeu o papel, bateu-me na cabeça com a ponta de sua arma, jogou a arma no chão e me agarrou pela garganta com as duas mãos. Ele estava decidido. Mas eu era o mais forte dos dois e, após uma luta acirrada, embora curta, eu o dominei e o amarrei com um cordão

que encontrei estendido em um canto.

Seu rosto estava impassível:

– Senhor delegado, se a determinação de meu inimigo foi repentina, a minha não foi menor. Desde que tudo foi dito e o acordo foi aceito, eu o obrigaria a cumpri-lo, pelo menos na medida em que eu estivesse interessado. Alguns poucos passos me levaram ao primeiro andar... Eu não tinha dúvida de que a senhora de Gorne estava ali e tinha ouvido nossa discussão. Ao acender a luz da minha lanterna de bolso, procurei em três quartos. O quarto dormitório estava trancado. Eu bati à porta. Não tive resposta. Mas aquele era um dos momentos em que um homem não permite que nenhum tipo de obstáculo se interponha em seu caminho. Eu tinha visto um martelo em um dos quartos. Eu o peguei e abri a porta...

Olhou brevemente para sua amada.

– Sim, Natalie estava deitada ali, no chão, desfalecida. Eu a peguei nos braços, levei-a para baixo e entrei na cozinha. Ao ver a neve do lado de fora, percebi imediatamente que minhas pegadas seriam facilmente rastreadas. Mas de que aquilo importava? Havia alguma razão para eu afastar Mathias de Gorne? De modo algum. Com os sessenta mil francos em sua posse, assim como o papel no qual eu me comprometi a lhe pagar uma soma semelhante no dia de seu divórcio, para não dizer nada de sua casa e terra, ele iria embora, deixando Natalie de Gorne para mim. Nada mudara entre nós, exceto em um ponto: em vez de esperar sua boa vontade, eu tinha imediatamente tomado a preciosa promessa com que eu sonhava. O que eu temia, portanto, não era tanto um ataque posterior por parte de Mathias de Gorne, mas, sim, as reprovações repletas de indignação da esposa dele. O que ela diria quando se desse conta de que era uma prisioneira em minhas mãos? As

razões pelas quais eu escapei das repreensões que, acredito, a senhora de Gorne poderia ter feito, tenho a franqueza de lhe dizer... Porque o amor desperta o amor. Naquela noite, em minha casa, perturbada pela emoção, ela confessou seus sentimentos por mim. Ela me amava como eu a amava. Daquele momento em diante, nossos destinos estavam misturados. Ela e eu partimos às cinco horas desta manhã... sem supor por um instante que estivéssemos sujeitos a algum questionamento da lei.

A história de Jérôme Vignal terminara. Ele a havia contado diretamente da fonte, como uma história aprendida de cor e impossível de alterar qualquer detalhe.

Houve uma breve pausa, durante a qual Hortense sussurrou:

– Tudo parece bastante possível e, em todo caso, muito lógico.

– Há objeções – disse Rénine. – Espere até ouvi-las. E são muito sérias. Há uma em particular...

O delegado perguntou imediatamente:

– E o que aconteceu com o senhor de Gorne em tudo isso?

– Mathias de Gorne? – disse Jérôme.

– Sim. Você relatou, com grande sinceridade, uma série de fatos que estou bastante disposto a admitir. Infelizmente, você se esqueceu de um ponto da primeira importância: o que foi feito de Mathias de Gorne? Você o amarrou aqui, nesta sala. Bem, nesta manhã ele tinha ido embora.

– É claro, senhor delegado, Mathias de Gorne aceitou o acordo no final e foi embora.

– Por qual caminho?

– Sem dúvida pela estrada que leva à casa de seu pai.

– Onde estão as pegadas dele? A extensão de neve é uma testemunha imparcial. Depois de sua luta com ele, nós vemos o

senhor, na neve, se afastando. Por que não vemos de Gorne? Ele veio e não foi embora novamente. Onde ele está? Não há nenhum vestígio do homem... ou melhor...

O delegado baixou sua voz:

– Ou melhor, sim, há alguns traços no caminho para o poço e ao redor do poço... traços que provam que a última luta de todas ocorreu ali... E depois disso não há nada... nada...

Jérôme encolheu os ombros:

– O senhor já mencionou isso, senhor delegado, e isso implica uma acusação de homicídio contra mim. Eu não tenho nada a dizer...

– Você tem algo a dizer sobre o fato de que seu revólver foi encontrado a quinze metros do poço?

– Não.

– Ou à estranha coincidência entre os três tiros ouvidos durante a noite e os três cartuchos que faltam em seu revólver?

– Não, senhor delegado, não houve, como o senhor acredita, uma última luta junto ao poço, porque deixei o senhor de Gorne amarrado nesta sala, e porque também deixei meu revólver aqui. Por outro lado, se tiros foram ouvidos, eles não foram disparados por mim.

– Uma coincidência casual, portanto?

– Isso é um assunto que a polícia deve explicar. Meu único dever é dizer a verdade, e o senhor não tem o direito de me pedir mais.

– E se essa verdade entrar em conflito com os fatos observados?

– Isso significa que os fatos estão errados, senhor delegado.

– Como queira. Mas, até o dia em que a polícia puder fazê-los corresponder com suas declarações, o senhor entenderá que sou obrigado a mantê-lo sob prisão.

– E a senhora de Gorne? – perguntou Jérôme, muito angustiado.

O delegado não respondeu. Trocou algumas palavras com o comissário de polícia e depois, acenando para um detetive, ordenou que trouxesse um dos dois carros. Em seguida, voltou-se para Natalie:

– Senhora, ouviu as declarações do senhor Vignal. Ele concorda palavra por palavra com a sua. O senhor Vignal relata, em particular, que a senhora tinha desmaiado quando ele a levou embora. Mas permaneceu inconsciente durante todo o caminho?

Parecia que a calma de Jérôme tinha aumentado a segurança da senhora de Gorne. Ela respondeu:

– Eu não recuperei a consciência, senhor, até estar no castelo.

– É muito extraordinário. Você não escutou os três tiros que foram ouvidos por quase todos da aldeia?

– Não ouvi.

– E você não viu nada do que aconteceu ao lado do poço?

– Nada aconteceu. O senhor Vignal lhe disse isso.

– Então o que foi feito de seu marido?

– Não sei.

– Venha, senhora. Deve realmente ajudar os oficiais da lei e pelo menos nos dizer o que pensa. A senhora acredita que pode ter havido um acidente e que possivelmente o senhor de Gorne, que tinha ido ver seu pai e bebido mais que o normal, tenha perdido o equilíbrio e caído no poço?

– Quando meu marido voltou do encontro com seu pai, ele não estava nem um pouco alcoolizado.

– O pai, entretanto, declarou que ele estava. Falou que tinham bebido duas ou três garrafas de vinho.

– Ele não está dizendo a verdade.

– Mas a neve diz a verdade, senhora – rebateu o delegado, já irritado. – E a linha de suas pegadas oscila de um lado para outro.

– Meu marido chegou às oito e meia, senhor, antes que a neve começasse a cair.

O delegado bateu na mesa com o punho:

– Mas, na verdade, a senhora está contrariando as provas! Esse lençol de neve não pode falar mentiras! Posso aceitar a sua negação de assuntos que não podem ser verificados. Mas estas pegadas na neve... na neve...

Ele se controlou.

O automóvel apareceu do lado de fora das janelas. Forjando uma súbita determinação, o delegado disse a Natalie:

– Tenha a bondade de se manter à disposição das autoridades, senhora, e de permanecer aqui, na casa senhorial...

E fez um sinal ao sargento para levar Jérôme Vignal até o carro.

O jogo estava perdido para os dois amantes. Mal tinham se unido e já tinham de se separar e lutar, distantes um do outro, contra as acusações mais graves.

Jérôme deu um passo em direção a Natalie. Trocaram um olhar longo e doloroso. Então ele se curvou diante da amada e caminhou até a porta, conduzido pelo sargento.

– Pare! – gritou uma voz. – Sargento, bem sobre você... vire-se! Jérôme Vignal, fique onde você está!

O delegado levantou a cabeça, assim como as outras pessoas presentes. A voz vinha do teto. A claraboia estava aberta, e Rénine, inclinado nela, balançava seus braços:

– Precisam me ouvir! Tenho várias observações a fazer... especialmente no que diz respeito às pegadas em ziguezague! Aí está a chave do mistério! Mathias não esteve bebendo!

Ele havia se virado e colocado as duas pernas através da abertura, dizendo a Hortense, que tentava impedi-lo:

– Não se mexa... Ninguém vai incomodá-la.

E, soltando os braços, caiu na sala.

O delegado estava boquiaberto:

– Mas, realmente, quem é o senhor? E de onde vem?

Rénine limpou o pó de suas roupas e respondeu:

– Desculpe-me, senhor delegado. Eu deveria ter vindo da mesma forma que todos os outros. Mas estava com pressa. Além disso, se tivesse entrado pela porta em vez de cair do teto, minhas palavras não teriam causado a mesma impressão.

O delegado, enfurecido, avançou para ele:

– Quem é o senhor?

– Príncipe Rénine. Eu estava com o sargento nesta manhã quando ele realizava as investigações, não estava, sargento? Desde então, venho procurando informações. É por isso que, desejando estar presente na audiência, encontrei um canto em uma pequena sala privada...

– O senhor estava lá? Teve a audácia?

– É preciso ser ousado quando a verdade está em jogo. Se eu não tivesse estado lá, não teria descoberto a pequena pista que me escapou. Não saberia que Mathias de Gorne não estava nem um pouco bêbado. Essa é a chave para o enigma. Quando isso ficou claro, cheguei à conclusão correta.

O delegado se viu em uma posição bastante ridícula. Como não tomara as precauções necessárias para garantir o sigilo de sua investigação, era difícil agora adotar qualquer medida contra aquele intruso. Então falou, irritado:

– Vamos terminar logo com isso. O que o senhor está pedindo?

- Alguns minutos de sua amável atenção.
- E com que objetivo?
- Com o objetivo de estabelecer a inocência do senhor Vignal e da senhora de Gorne.

Rénine exibia aquele ar calmo, o tipo de olhar indiferente que lhe era peculiar nos momentos em que a crise do drama dependia unicamente dele mesmo. Hortense sentiu uma emoção passar por seu corpo e imediatamente se encheu de confiança. “Eles estão salvos”, pensou, com uma alegria repentina. “Eu lhe pedi que protegesse aquela jovem criatura; e ele a está salvando da prisão e do desespero.”

Jérôme e Natalie devem ter experimentado a mesma impressão de esperança repentina, pois se aproximaram um do outro, como se aquele estranho descendo das nuvens já lhes tivesse dado o direito de apertar as mãos.

O delegado relaxou os ombros:

- A Justiça terá todos os meios, quando chegar o momento, de estabelecer a inocência por si mesma. O senhor será chamado.
- Seria melhor estabelecê-la aqui e agora. Qualquer atraso pode levar a consequências graves.
- Acontece que eu estou com pressa.
- Dois ou três minutos bastam.
- Dois ou três minutos para explicar um caso como esse!
- Não mais, garanto-lhe.
- Você tem tanta certeza disso?
- Agora sim. Tenho pensado muito desde esta manhã.

O delegado percebeu que estava diante de um daqueles aristocratas que se apegam a uma pessoa como um sanguessuga e que não havia escapatória a não ser submeter-se à sua vontade.

Em um tom um tanto banal, perguntou:

– Seu raciocínio lhe permite nos dizer o local exato onde o senhor Mathias de Gorne está neste momento?

Rénine olhou para seu relógio e respondeu:

– Em Paris, senhor delegado...

– Em Paris? Vivo, então?

– Vivo e, mais ainda, com a saúde em pleno vigor.

– Fico feliz em ouvir isso. Mas então qual é o significado das pegadas ao redor do poço e a presença daquele revólver e dos três tiros?

– Simplesmente camuflagem.

– Oh, realmente? Camuflagem feita por quem?

– Pelo próprio Mathias de Gorne.

– Que curioso! E com qual objetivo?

– Com o objetivo de se fazer passar por morto e de arranjar assuntos posteriores de tal forma que o senhor Vignal fosse acusado da morte, do assassinato.

– Uma teoria engenhosa – o delegado concordou, ainda em tom irônico. – O que o senhor pensa disso, senhor Vignal?

– É uma teoria que passou pela minha própria mente, senhor delegado – respondeu Jérôme. – É bem provável que, depois de nossa luta e de minha partida, Mathias de Gorne tenha concebido um novo plano pelo qual, desta vez, seu ódio seria plenamente gratificado. Ele amava e detestava sua esposa. Ele me dedicava o maior ódio. Esta deve ser sua vingança.

– Sua vingança lhe custaria caro, considerando que, de acordo com sua declaração, Mathias de Gorne receberia de você uma segunda soma de sessenta mil francos.

– Ele receberia essa soma em outro trimestre, senhor delegado.

Meu exame da situação financeira da família de Gorne me revelou que pai e filho haviam feito um seguro de vida em favor um do outro. Com o filho morto, ou passando por morto, o pai receberia o dinheiro do seguro e indenizaria seu filho.

– Você quer dizer – perguntou o delegado, com um sorriso – que em toda essa camuflagem, como você a chama, o senhor de Gorne pai agiria como cúmplice de seu filho?

Rénine aceitou o desafio e interferiu:

- Isso mesmo, senhor delegado. O pai e o filho são cúmplices.
- Então encontraremos o filho na casa do pai?
- O senhor o teria encontrado lá ontem à noite.
- O que aconteceu com ele?
- Ele pegou o trem em Pompignat.
- É uma mera suposição.
- Não, uma certeza.
- Uma certeza moral, talvez, mas o senhor admitirá que não há a menor prova.

O delegado não esperou por uma resposta. Considerou que havia demonstrado uma boa vontade excessiva e que a paciência tinha seus limites, por isso pôs um fim à entrevista:

– Não há a mínima prova – repetiu, pegando seu chapéu. – E, acima de tudo... acima de tudo não há nada no que o senhor disse que possa contradizer no mínimo as provas daquela testemunha implacável, a neve. Para ir ter com seu pai, Mathias de Gorne devia ter saído desta casa. Para que lado ele foi?

– O senhor Vignal lhe disse: pelo caminho que leva daqui até a casa de seu pai!

- Não há pegadas na neve.
- Sim, há.

- Mas elas o mostram chegando aqui, e não saindo daqui.
- É a mesma coisa.
- O quê?
- É claro que é. Há mais de uma maneira de andar. Nem sempre se vai adiante, seguindo o nariz.
- De que outra forma se pode ir em frente?
- Caminhando para trás, senhor delegado.

Essas poucas palavras, pronunciadas de maneira muito simples, mas em tom claro que valorizava cada sílaba, produziram um silêncio profundo. Os presentes imediatamente compreenderam seu extremo significado e, adaptando-o aos acontecimentos reais, perceberam em um instante a verdade impenetrável, que de repente parecia ser a coisa mais natural do mundo.

Rénine continuou seu raciocínio. Deu um passo para atrás, em direção à janela, e disse:

- Se eu quiser chegar até aquela janela, é claro que posso caminhar diretamente até lá; mas também posso virar as costas para ela e andar dessa forma. Em ambos os casos, alcançarei meu objetivo.

Prosseguiu imediatamente, em tom vigoroso:

- Aqui está a essência de tudo. Às oito e meia, antes de cair a neve, o senhor de Gorne volta da casa de seu pai para sua própria residência. O senhor Vignal chega vinte minutos depois. Há uma longa discussão e uma luta, que leva três horas no total. É então que, depois de o senhor Vignal ter levado a senhora de Gorne e consumado sua fuga, Mathias de Gorne, espumando na boca, selvagem de raiva, mas vendo de repente sua chance de obter a mais terrível vingança, tem a engenhosa ideia de usar contra seu inimigo a própria queda de neve em cujas provas você agora está

confiando. Ele, portanto, planeja seu próprio assassinato, ou melhor, a aparência de seu assassinato e de sua queda até o fundo do poço, e então recua, passo a passo, registrando assim sua chegada em vez de sua partida na página branca.

O delegado não zombou mais. Aquele intruso excêntrico pareceu-lhe de repente, à luz, uma pessoa digna de atenção, da qual não faria troça.

Perguntou:

- E como ele poderia ter deixado a casa do pai...
- Em uma caixa, muito simplesmente.
- Quem a conduziu?
- O pai. Nesta manhã, o sargento e eu vimos a caixa sobre a charrete e conversamos com o pai, que ia ao mercado como sempre. O filho estava escondido dentro da caixa. Ele pegou o trem em Pompignat e já está em Paris.

A explicação de Rénine demorou apenas cinco minutos. Ele havia se baseado unicamente na lógica e nas probabilidades do caso. E, no entanto, não restou um ponto de dúvida em meio ao angustiante mistério em que há pouco todos se debatiam. A escuridão fora dissipada. Toda a verdade apareceu.

A senhora de Gorne chorou de alegria, e Jérôme Vignal agradeceu ao bom gênio que estava mudando o curso dos acontecimentos com um golpe de sua varinha mágica.

- Devemos examinar essas pegadas juntos, senhor delegado? – Rénine indagou. – O senhor se importa? O erro que o sargento e eu cometemos nesta manhã foi o de investigar apenas as pegadas deixadas pelo suposto assassino e negligenciar as de Mathias de Gorne. Por que, afinal, elas deviam ter atraído nossa atenção? Pois era precisamente aí que se encontrava o esclarecimento de todo o

caso.

Eles entraram no pomar e foram para o poço. Não foi necessário um longo exame para observar que muitas das pegadas eram estranhas, hesitantes, afundadas demais no calcanhar e no dedo do pé e diferindo umas das outras no ângulo em que os pés estavam virados.

– Esta falta de jeito era inevitável – disse Rénine. – Mathias de Gorne teria precisado de um treino regular antes que seu progresso para trás pudesse ficar igual à sua marcha normal; e tanto seu pai quanto ele devem ter pensado nisso, pelo menos no que diz respeito aos ziguezagues que você vê aqui, já que o velho de Gorne se esforçou em dizer ao sargento que seu filho tinha bebido demais. De fato, foi a detecção desta falsidade que subitamente me iluminou. Quando a senhora de Gorne declarou que seu marido não estava bêbado, eu pensei nas pegadas e adivinhei a verdade.

O delegado aceitou sua parte no assunto e começou a rir:

– Não sobrou nada para ele a não ser aguardar os detetives atrás daquele falso cadáver.

– Com base em quê, senhor delegado? – perguntou Rénine. – Mathias de Gorne não cometeu nenhuma ofensa contra a lei. Não há nada de criminoso em pisar no solo ao redor de um poço, deslocar a posição de um revólver que não lhe pertence, disparar três tiros ou andar para trás até a casa do pai. O que podemos pedir a ele? Os sessenta mil francos? Presumo que esta não é a intenção de senhor Vignal e que Vignal não pretende apresentar uma acusação contra ele...

– Certamente não – disse Jérôme.

– Bem, então o quê? A apólice de seguros em favor do sobrevivente? Mas não haveria delito se o pai não reclamasse o

pagamento. E eu ficaria muito surpreso se ele o fizesse... Opa, lá vem o velho sujeito! Em breve você saberá de tudo.

O velho de Gorne estava chegando, gesticulando enquanto caminhava. Suas feições estavam sérias para expressar tristeza e raiva.

– Onde está meu filho? – ele gritou. – Parece que o bruto o matou! Meu pobre Mathias morreu! Oh, o canalha do Vignal!

E sacudiu o punho para Jérôme.

O delegado disse, sem rodeios:

– Uma palavrinha com você, senhor de Gorne. Por acaso pretende reivindicar seus direitos em relação a uma apólice de seguro?

– Bem, o que você acha? – disse o velho, desprevenido.

– O fato é que... seu filho não está morto. As pessoas estão até dizendo que você foi um parceiro em seus pequenos esquemas e que o enfiou sob a caixa e o levou até a estação na charrete.

O velho cuspiu no chão, estendeu a mão como se fosse fazer um juramento solene, ficou por um instante sem se mexer e depois, de repente, mudando de ideia e tática, com cinismo ingênuo relaxou suas feições, assumiu uma atitude conciliadora e desatou a rir.

– Aquele Mathias malandro! Então ele tentou se fazer passar por morto? Que safado! E contou comigo para recolher o dinheiro do seguro e enviá-lo para ele? Como se eu fosse capaz de um truque tão baixo e sujo! Você não me conhece, meu rapaz!

E, sem esperar mais, balançando de alegria como um velho e feliz companheiro divertido por uma história engraçada, ele partiu, sem esquecer, porém, de pisar com suas grandes botas de pregos em cada uma das pegadas comprometedoras que seu filho deixara no caminho.

Mais tarde, quando Rénine voltou ao casarão para encontrar

Hortense, descobriu que ela havia desaparecido.

Ligou e perguntou por ela na casa de sua prima Ermelin. Hortense lhe enviou um pedido de desculpas: estava se sentindo um pouco cansada e fora se deitar.

– Que extraordinário! – pensou Rénine. – Excelente! Está me evitando; portanto, ela me ama. O fim não está distante.

¹⁵ Este livro foi publicado pela primeira vez em 1923. Portanto, o autor refere-se, aqui, à Primeira Guerra Mundial. (N.R.)

¹⁶ Veja o quarto conto deste livro, “O filme de contos de fadas”. (N.A.)

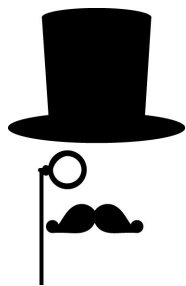
¹⁷ Edifício imponente em Paris, muito visitado até hoje, inclusive pela beleza de seus jardins. Fica a poucos metros da Torre Eiffel, da qual se tem uma vista perfeita. (N.R.)

¹⁸ *Huit* é oito, no idioma francês. (N.T.)

¹⁹ *Hatchet* é machadinha, no idioma inglês. (N.T.)

²⁰ Monomania é uma forma de loucura em que um único pensamento ou ideia absorve a mente do indivíduo. (N.T.)

²¹ *Manoir-au-Puits*, traduzido do francês, significa Mansão do Poço. (N.T.)



O sinal de Mercúrio

*À senhora Daniel,
La Roncière,
perto de Bassicourt
PARIS, 30 DE NOVEMBRO*

Minha querida amiga,

Não recebo uma carta sua há quinze dias, portanto não espero neste momento nenhuma para aquela data emblemática do dia 5 de dezembro, que fixamos como o último de nossa parceria. Eu preferiria que chegasse logo, porque então você estaria liberada de um contrato que parece não lhe dar mais satisfação. Para mim, as sete batalhas que travamos e vencemos juntos foram um período de infinitas alegrias e entusiasmo. Eu estava vivendo a seu lado. Estava consciente de todo o bem que aquela existência mais ativa e agitada lhe fazia. Minha felicidade era tão grande que eu não ousava conversar a respeito ou deixar que percebesse algo de meus sentimentos secretos, exceto meu desejo de agradá-la e minha devoção apaixonada. Hoje você já está farta de seu parceiro de luta. Sua vontade será lei.

Mas, embora eu me curve ao seu decreto, posso lembrar-lhe do que sempre acreditei que seria nossa aventura final? Posso

repetir suas palavras, das quais não me esqueci de nenhuma?

“Quero”, você disse, “que me restitua um pequeno broche antigo, feito de cornalina e prata. Era de minha mãe e passou para mim, e todos sabiam que costumava trazer felicidade para ela e para mim também. Desde o dia em que desapareceu de meu porta-joias, eu não tive nada além de infelicidade. Traga-o de volta, meu bom gênio”.

E, quando eu lhe perguntei quando o broche tinha desaparecido, você respondeu, rindo: “Há sete anos... ou oito... ou nove; eu não sei exatamente... Não sei bem onde... ou como... não sei de nada sobre isso”...

Você estava me desafiando, não estava? E me colocou essa situação porque era uma condição que eu não conseguiria alcançar? Mesmo assim, eu prometi e gostaria de cumprir minha promessa. O que tentei fazer, a fim de colocar a vida diante de você sob uma luz mais favorável, pareceria sem propósito se sua confiança sentisse a falta desse talismã ao qual você atribui um valor tão grande. Não devemos rir dessas pequenas superstições. Elas são muitas vezes a mola mestra de nossas melhores ações.

Cara amiga, se você tivesse me ajudado, eu teria alcançado ainda mais uma vitória. Sozinho e pressionado pela proximidade da data, falhei, porém não sem colocar as coisas em uma base tal que o empreendimento, se você quiser dar continuidade, tem a maior chance de sucesso.

E você vai acompanhá-lo, não é mesmo? Nós firmamos um acordo mútuo que somos obrigados a honrar. Cabe a nós, dentro de um tempo determinado, escrever no livro de nossa vida comum oito boas histórias, às quais teremos trazido energia,

lógica, perseverança, alguma sutileza e, ocasionalmente, um pouco de heroísmo. Esta é a oitava delas. Cabe a você agir para que possa ser escrita em seu devido lugar, no dia 5 de dezembro, antes que o relógio atinja as oito da noite.

E, nesse dia, você agirá como eu lhe direi agora. Antes de mais nada e acima de tudo, minha querida, não reclame de minhas instruções fantasiosas: cada uma é condição indispensável para o sucesso. Primeiro de tudo, corte no jardim de sua prima três ramos de cipó. Trance-os e amarre as duas pontas, formando um laço rudimentar, como o de um chicote.

Quando chegar a Paris, compre um colar comprido de contas, corte-o em etapas e o encurte, de modo a ficar com setenta e cinco contas, de tamanho simétrico.

Sob seu casaco de inverno, use um vestido de lã azul. Na cabeça, um gorro com folhas vermelhas. Ao redor de seu pescoço, um colar de plumas. Sem luvas. Sem anéis.

À tarde, pegue um táxi ao longo da margem esquerda do rio até a igreja de Saint-Étienne-du-Mont. Exatamente às quatro horas, perto da bacia de água benta, dentro da igreja, estará uma mulher idosa vestida de preto, rezando suas orações com um rosário de prata. Ela lhe oferecerá água benta. Dê a ela seu colar. Ela verificará o número de contas e o devolverá a você. Depois disso, você andarás atrás dela, cruzará um braço do Sena, e ela a levará por uma rua solitária da Ilha Saint-Louis, até uma casa na qual você entrará sozinha.

No andar térreo desta casa, você encontrará um homem jovem com uma complexão muito frágil. Tire seu manto e depois lhe diga: “Eu vim buscar meu broche”.

Não se espante com a agitação ou consternação dele.

Mantenha a calma diante de sua presença. Se ele a questionar, se quiser saber o motivo de seu pedido ou o que a impele a fazer essa requisição, não lhe dê nenhuma explicação. Suas respostas devem se limitar a estas breves palavras: “Eu vim buscar o que me pertence. Eu não o conheço, não sei seu nome, mas sou obrigada a vir até você assim. Devo ter meu broche de volta. Preciso”.

Acredito sinceramente que, se você tiver a firmeza de não se desviar desta atitude e se tiver a coragem de permanecer impassível diante de qualquer farsa que o homem encenar, você será completamente bem-sucedida. Mas o confronto deve ser curto, e a questão dependerá unicamente de sua confiança em si mesma e de sua certeza de sucesso.

Será uma espécie de jogo no qual você deverá derrotar seu adversário no primeiro round. Se permanecer inabalável, vencerá. Se demonstrar hesitação ou inquietação, não poderá fazer nada. Ele escapará de você e recuperará a vantagem após um primeiro momento de angústia; e a disputa estará perdida em poucos minutos. Não há meio-termo entre vitória ou... derrota.

Neste último caso, você será obrigada, peço-lhe que me perdoe por dizer isso, a aceitar minha colaboração. Eu a ofereço a você antecipadamente, minha querida, e sem quaisquer condições, ao mesmo tempo que declaro que tudo o que pude fazer em seu auxílio e o que ainda puder fazer não me dará outro direito senão o de lhe agradecer e me dedicar mais do que nunca à mulher que representa minha alegria, toda a minha vida.

Depois de ler a carta, Hortense dobrou-a e a guardou no fundo de uma gaveta, dizendo, resoluta:

– Eu não irei...

Para começar, embora anteriormente tivesse dado alguma importância àquelas bobagens, que havia encarado como se fosse uma mascote, sentia pouco interesse agora, pois o período de suas provas estava aparentemente chegando ao fim.

Não podia se esquecer daquele número oito, que era o número de série da próxima aventura. Lançar-se sobre ele significaria retomar a corrente interrompida, voltar para Rénine e dar-lhe uma promessa que, com seu poder de convencimento, ele saberia como transformar a seu favor.

Dois dias antes de 5 de dezembro, ela ainda estava no mesmo estado de espírito. Mas na manhã do dia 4, de repente, sem sequer lutar contra as evasivas preliminares, ela correu para o jardim, cortou três comprimentos de cipós, trançou-os como costumava fazer em sua infância e ao meio-dia chegou à estação. Estava animada por uma curiosidade ávida. Foi incapaz de resistir a todas as sensações divertidas e inovadoras que a aventura proposta por Rénine lhe prometia. Era realmente tentadora. O colar de contas, o gorro com as folhas de outono, a velha com o rosário de prata: como poderia resistir ao apelo misterioso daquilo tudo e como recusaria a oportunidade de mostrar a Rénine o que era capaz de fazer?

“Mas afinal”, pensou, rindo, “ele está me chamando para ir a Paris. As oito horas da noite de hoje são perigosas para mim em um lugar a quase quinhentos quilômetros de Paris, naquele velho Château de Halingre deserto, e em nenhum outro lugar. O único relógio que pode atingir a hora ameaçadora está lá embaixo, trancado a sete chaves, um prisioneiro!”

Ela chegou a Paris naquela noite. Na manhã do dia 5, saiu e comprou um colar de contas, que reduziu para setenta e cinco

contas, usou um vestido azul e um gorro com folhas vermelhas e, precisamente às quatro horas da tarde, entrou na igreja de Saint-Étienne-du-Mont.

Seu coração palpitava violentamente. Desta vez estava sozinha; e como ela sentia agora a força daquele apoio que, por medo bastante irrefletido e não por qualquer motivo razoável, havia deixado de lado! Olhou à sua volta, quase esperando vê-lo. Mas não havia ninguém ali... ninguém, exceto uma senhora de preto, ao lado da bacia de água benta.

Hortense foi até ela. A velha senhora, que segurava um terço de prata nas mãos, ofereceu-lhe água benta e depois começou a enumerar as contas do colar que Hortense lhe deu.

Ela sussurrou:

– Setenta e cinco. Está certo. Venha.

Sem outra palavra, ela caminhou sob a luz dos postes, atravessou a Ponte des Tournelles até a Ilha Saint-Louis e desceu por uma rua vazia que levava a um cruzamento, onde parou em frente a uma velha casa com varandas de ferro fundido:

– Entre – disse.

E a senhora idosa foi embora.

Hortense agora via uma loja de aparência próspera que ocupava quase todo o andar térreo e cujas janelas, brilhando sob a luz elétrica, exibiam um conjunto amontoadado de móveis antigos e outras antiguidades em geral. Permaneceu ali por alguns segundos, observando com indiferença. Uma placa de sinalização trazia as palavras O Mercúrio com o nome do proprietário da loja, Pancaldi. Mais acima, sobre uma moldura que se projetava no nível do primeiro andar, um pequeno nicho abrigava o deus Mercúrio de barro equilibrado em um pé, com as asas nos pés e o caduceu²² na

mão. Hortense observou que ele se inclinava um pouco demais para a frente no ardor de seu voo e deveria, pela lógica, perder o equilíbrio e dar com a cabeça na rua.

– Agora! – ela falou, prendendo a respiração.

Virou a maçaneta da porta e entrou.

Apesar do zumbido dos sinos acionados pela abertura da porta, ninguém veio ao seu encontro. A loja parecia estar vazia. No entanto, do lado oposto havia um quarto na parte de trás e, depois dele, outro, ambos lotados de móveis e bibelôs, vários dos quais pareciam muito valiosos.

Hortense seguiu por um corredor estreito que circundou e virou entre duas paredes construídas de armários, prateleiras e mesas de apoio. Subiu dois degraus e viu-se no último ambiente de todos.

Um homem estava sentado a uma escrivaninha, olhando alguns livros de contabilidade. Sem virar a cabeça, ele lhe disse:

– Estou a seu serviço, senhora... Por favor, olhe à sua volta...

A sala não continha nada além de artigos de caráter especial que lhe davam a aparência de algum laboratório de alquimista da Idade Média: corujas empalhadas, esqueletos, caveiras, alambiques de cobre, astrolábios²³. Pendurados nas paredes, amuletos de vários formatos, principalmente mãos de marfim ou coral com dois dedos, apontando para afastar a má sorte.

– Você está querendo algo em particular, senhora? – perguntou o senhor Pancaldi, fechando sua mesa e levantando-se da cadeira.

“É o homem”, pensou Hortense.

De fato, ele tinha uma tez invulgarmente sem cor. Uma pequena barba bifurcada, salpicada de cinza, alongava seu rosto, que era encimado pela testa calva e pálida, sob a qual brilhava um par de olhos pequenos, proeminentes, inquietos e astutos.

Hortense, que não havia retirado o véu ou o manto, respondeu:

– Quero um broche...

– Eles estão nesta vitrine – disse o homem, conduzindo o caminho para a sala ao lado.

Hortense deu uma olhada na vitrine e exclamou:

– Não, não... Eu não vejo o que estou procurando. Não quero um broche qualquer, mas um que perdi de um porta-joias há alguns anos e que tenho de procurar aqui.

Ficou espantada ao ver a comoção despertada nas feições de Pancaldi. Os olhos dele tornaram-se abatidos.

– Aqui? Eu não acho que você esteja no menos provável... Que tipo de broche é este?

– Um broche de cornalina, em prata, montado em filigrana de ouro... da época de 1830.

– Eu não entendo – ele gaguejava. – Por que você vem até mim?

Hortense então tirou o véu e colocou de lado seu manto.

Ele recuou, como se estivesse aterrorizado com a visão, e sussurrou:

– O vestido azul! O gorro! E... posso acreditar em meus olhos? O colar de contas!...

Talvez tenha sido a amarração formada pelos três cipós que o emocionou mais violentamente. Ele apontou o dedo para o arranjo, começou a cambalear e terminou batendo no ar com os braços, como um afogado, e desmaiando em uma cadeira.

Hortense não se moveu.

“Se tiver a coragem de permanecer impassível diante de qualquer farsa que o homem encenar”, Rénine escrevera, “você será completamente bem-sucedida”.

Talvez ele não estivesse encenando uma farsa. No entanto, ela se

obrigou a ser calma e indiferente.

Aquilo durou um ou dois minutos, após o que Pancaldi se recuperou de seu desmaio, limpou o suor da testa e, esforçando-se para se controlar, retomou, com voz trêmula:

– Por que você pede a mim?

– Porque o broche está em sua posse.

– Quem lhe disse isso? – ele falou, sem negar a acusação. – Como você sabe?

– Eu sei, porque é assim. Ninguém me disse nada. Eu vim aqui com a certeza de que deveria encontrar meu broche e com a determinação inabalável de levá-lo comigo.

– Mas você me conhece? Você sabe meu nome?

– Eu não o conheço. Eu não sabia seu nome antes de o ler em sua loja. Para mim, você é simplesmente o homem que vai me devolver o que me pertence.

Ele estava muito agitado. Continuava andando de um lado para outro em um pequeno espaço vazio cercado por um círculo de móveis empilhados, no qual ele batia de forma idiota, correndo o risco de os derrubar.

Hortense sentiu que tinha a mão no chicote e, aproveitando-se da confusão do homem, disse repentinamente, em tom de comando e ameaça:

– Onde está meu broche? Você deve devolvê-lo. Eu insisto!

Pancaldi deu lugar a um momento de desespero. Ele dobrou suas mãos e murmurou algumas palavras de súplica. Depois, derrotado e resignado, disse, com mais clareza:

– Você insiste?

– Eu insisto. Você deve me entregar.

– Sim, sim, eu devo... Eu concordo.

– Fale! – ela ordenou, mais severamente ainda.

– Falar, não, mas escrever. escreverei meu segredo... E isso será o meu fim...

Ele se voltou para sua mesa e febrilmente escreveu algumas linhas em uma folha de papel, que colocou em um envelope e selou:

– Veja – murmurou –, aqui está meu... segredo. Foi minha vida inteira...

E, assim dizendo, o homem subitamente encostou em sua têmpora um revólver que tinha retirado de baixo de uma pilha de papéis e disparou.

Com um movimento rápido, Hortense empurrou o braço dele. A bala atingiu o espelho de um vidro de xadrez. Mas Pancaldi desmaiou e começou a gemer, como se estivesse ferido.

Hortense fez um grande esforço para não perder a compostura.

“Rénine me avisou”, refletiu. “O homem é um ator de teatro. Ele guardou o envelope. Está com o revólver. Não serei enganada.”

Mas ela percebeu que, apesar de sua calma aparente, a tentativa de suicídio e o disparo do revólver a tinham enervado completamente. Todas as suas energias estavam dispersas, como os paus de um feixe cuja corda fora cortada; e teve a impressão dolorosa de que o homem, que estava rastejando a seus pés, na realidade aos poucos levava a melhor sobre ela.

Sentou-se, exausta. Como Rénine previra, o duelo não havia durado mais que alguns minutos, mas foi ela quem sucumbiu, graças a seus nervos femininos e no exato momento em que se sentiu no direito de acreditar que tinha vencido.

Pancaldi estava plenamente consciente disso e, sem se preocupar em inventar uma mudança, cessou suas cerimônias, saltou de pé, fez uma manobra ágil diante dos olhos de Hortense e gritou, em tom

de zombaria:

– Agora vamos ter uma pequena conversa, mas seria um incômodo ficar à mercê do primeiro cliente que passasse, certo?

Correu para a porta da rua, abriu-a e puxou a persiana de ferro que fechava a loja. Depois, ainda saltitando, voltou-se para Hortense:

– Oh! Eu realmente pensei que estava acabado! Mais um esforço, senhora, e teria conseguido. Mas eu sou um sujeito tão simples! Parecia-me que você tinha vindo do além, como emissária da Providência, para me chamar à responsabilidade; e, como um tolo, eu estava prestes a devolver a coisa... Ah, senhorita Hortense... deixe-me chamá-la assim, eu a conhecia por esse nome. Hortense, o que lhe falta, para usar uma expressão vulgar, é intestino.

Sentou-se ao lado dela e, com um olhar malicioso, disse, de forma selvagem:

– Chegou a hora de falar. Quem conduziu este negócio? Não foi você, não é mesmo? Não é do seu estilo. Então quem foi? Sempre fui honesto em minha vida, escrupulosamente honesto... exceto em uma vez... na questão desse broche. E, enquanto eu pensava que a história estava enterrada e esquecida, aqui, de repente, ela aparece de novo. Por quê? Isso é o que eu quero saber.

Hortense não estava mais sequer tentando lutar. O homem debruçava sobre ela toda a sua força viril, rancor, seus temores, todas as ameaças exprimidas em gestos furiosos e em suas feições, que eram ao mesmo tempo ridículas e malignas.

– Fale, eu quero saber. Se tenho um inimigo secreto, deixe que me defenda dele! Quem é? Quem a enviou aqui? Quem a incitou a agir? É um rival inflamado pela minha boa sorte, que deseja por sua vez se beneficiar com o broche? Fale, você não pode, maldita

seja... ou, juro pelos céus, eu a obrigarei...

Ela teve a impressão de que o homem estava estendendo a mão para seu revólver e deu um passo atrás, segurando seus braços diante do corpo, na esperança de escapar.

Assim lutaram um contra o outro; e Hortense, que estava cada vez mais assustada, não tanto pelo ataque, mas por causa do rosto distorcido de seu agressor, começou a gritar. Então Pancaldi ficou repentinamente imóvel, com os braços erguidos diante de si, os dedos estendidos e os olhos fixos sobre a cabeça de Hortense.

– Quem está aí? Como você entrou? – perguntou, com voz sufocada.

Hortense nem precisou se virar para se sentir segura de que Rénine estava vindo em seu auxílio e que era sua aparência inexplicável que causava tanto assombro no comerciante.

De fato, uma figura esbelta saiu furtivamente de uma pilha de cadeiras e sofás, e Rénine deu um passo tranquilo.

– Quem é você? – repetiu Pancaldi. – De onde veio?

– De lá de cima – respondeu Rénine, muito amavelmente, apontando para o teto.

– De lá de cima?

– Sim, do primeiro andar. Há três meses sou o inquilino do andar em cima deste lugar. Acabei de ouvir um barulho. Alguém estava chamando por ajuda. Então eu descí.

– Mas como entrou aqui?

– Pela escada.

– Que escada?

– Pela escadaria de ferro, no final da loja. O homem que a possuía antes de você tinha um apartamento no meu andar e costumava subir e descer por aquela escada escondida. Você mandou que

fechassem a porta. Eu a abri.

– Mas com que direito, senhor? É o mesmo que arrombar a porta.

– A invasão é permitida quando há uma criatura a ser resgatada.

– Mais uma vez, quem é você?

– Príncipe Rénine... e amigo desta senhora – disse Rénine, dobrando-se sobre Hortense e beijando sua mão.

Pancaldi parecia estar sufocado, e murmurava:

– Oh, eu entendo! Você instigou a trama... foi você quem enviou a senhora...

– Foi, senhor Pancaldi, foi!

– E quais são as suas intenções?

– Minhas intenções são irrepreensíveis. Sem violência. Simplesmente uma pequena conversa. Quando acabar, você entregará o que eu, por minha vez, vim buscar.

– O quê?

– O broche.

– Isso nunca! – gritou o comerciante.

– Não diga que não. É uma conclusão inevitável.

– Nenhum poder na Terra, senhor, pode me obrigar a fazer tal coisa!

– Devemos mandar chamar sua esposa? Talvez a senhora Pancaldi perceba a situação melhor do que o senhor.

A possibilidade de não estar mais sozinho com aquele adversário inesperado pareceu atraente a Pancaldi. Havia um sino sobre a mesa a seu lado. Ele o tocou três vezes.

– Excelente! – Rénine exclamou. – Como vê, minha querida, o senhor Pancaldi está se tornando bastante amável. Não sobrou nenhum vestígio do diabo solto que estava atacando você agora mesmo. O senhor Pancaldi precisa apenas da presença de um

homem para recuperar suas qualidades de cortesia e bondade. Uma ovelha perfeita! O que não significa que as coisas ficarão bem por conta própria. Longe disso! Não há animal mais obstinado do que uma ovelha...

Logo no final da loja, entre a escrivaninha do revendedor e a escada sinuosa, uma cortina foi levantada, deixando ver uma mulher que segurava uma porta. Poderia ter trinta anos de idade. Vestida com muita simplicidade, ela se parecia, com o avental que usava, mais com uma cozinheira do que com a senhora de uma casa. Mas tinha um rosto atraente e uma figura agradável.

Hortense, que havia seguido Rénine, ficou surpresa ao reconhecê-la como uma empregada que tivera a seu serviço quando menina:

– É você, Lucienne? Você é a senhora Pancaldi?

A recém-chegada a fitou, reconheceu-a também e pareceu envergonhada.

Rénine lhe disse:

– Seu marido e eu precisamos de sua ajuda, senhora Pancaldi, para resolver um assunto bastante complicado, um caso em que você desempenhou um papel importante...

A moça se adiantou sem uma palavra, obviamente pouco à vontade, perguntando a seu marido, que não tirava os olhos dela:

– O que é? O que querem de mim? A que ele está se referindo?

– É sobre o broche! – Pancaldi sussurrou, prendendo a respiração.

Essas poucas palavras foram suficientes para que a senhora Pancaldi percebesse ao máximo a seriedade de sua situação. E ela não tentou manter o semblante impassível ou retorquir com protestos fúteis.

Afundou-se em uma cadeira, suspirando:

– Ah, é isso! Compreendo... A senhorita Hortense encontrou a

pista... Oh, tudo depende de nós!

Houve uma pausa. A luta entre os adversários mal havia começado, antes que o marido e esposa adotassem a atitude de pessoas derrotadas cuja única esperança estava na clemência do vencedor. Olhando fixamente para o nada, a senhora Pancaldi começou a chorar.

Rénine inclinou-se para ela e falou:

– Você se importa se revisarmos o caso desde o início? Então veremos as coisas mais claramente; e estou certo de que nossa entrevista nos levará a uma solução perfeitamente natural.... Foi assim que as coisas aconteceram: há nove anos, quando você era empregada da senhora Hortense no interior do país, você conheceu o senhor Pancaldi, que logo se tornou seu amante. Vocês eram ambos da Córsega²⁴; em outras palavras, vocês vieram de um lugar onde as superstições são muito fortes e onde as questões de boa e má sorte, o mau-olhado e os feitiços e encantos exercem uma profunda influência sobre a vida de todos. Bem, dizia-se que o broche de sua jovem senhora sempre trouxe sorte a seus donos. Foi por isso que, em um momento de fraqueza provocado pelo senhor Pancaldi, você roubou o broche. Seis meses depois, você se tornou a senhora Pancaldi... Essa é toda a sua história, não é, contada em poucas frases?

Após alguns segundos, ele continuou:

– Toda a história de duas pessoas que teriam permanecido membros honestos da sociedade se tivessem sido capazes de resistir a essa tentação casual... Não preciso lhes dizer como ambos tiveram sucesso na vida e como, possuindo o talismã, acreditando em seus poderes e confiando em vocês mesmos, elevaram seu antiquário ao primeiro nível. Hoje, ricos, proprietários

desta loja, O Mercúrio, vocês atribuem o sucesso de seus empreendimentos a este broche. Perdê-lo, a seus olhos, significaria falência e pobreza. Toda a sua vida tem sido centrada nele. É o fetiche de vocês. É o pequeno deus doméstico que cuida de vocês e guia seus passos. Está lá, em algum lugar, escondido nesta selva; e ninguém, é claro, jamais suspeitaria de nada, pois, repito, vocês são pessoas decentes, mas, se não fosse um lapso, se um acidente não me tivesse levado a investigar os seus negócios...

Rénine fez uma pausa e avançou:

– Isso me aconteceu há dois meses, dois meses de investigações minuciosas, que não me apresentaram nenhuma dificuldade, porque, tendo descoberto seu rastro, aluguei o apartamento e pude usar aquela escada... mas, mesmo assim, sessenta dias desperdiçados até certo ponto, porque ainda não obtive sucesso. E só Deus sabe como eu revistei esta sua loja! Não há um móvel que eu tenha deixado de explorar, nem uma tábua no chão que não tenha inspecionado. Tudo sem nenhum proveito. Sim, houve uma coisa, uma descoberta acidental. Em um recesso secreto em sua mesa, Pancaldi, eu encontrei um pequeno caderno de contas no qual você registrou seu remorso, mal-estar, medo de punição e seu pavor da ira de Deus... Foi altamente imprudente de sua parte, Pancaldi! As pessoas não escrevem tais confissões! E, acima de tudo, elas não as deixam de lado!

Diante do olhar arregalado do lojista, foi adiante:

– Seja como for, eu as li e notei uma passagem que me pareceu particularmente importante e que me foi útil na preparação do meu plano de campanha: “Se ela vier até mim, a mulher de quem roubei, se ela vier até mim como a vi em seu jardim enquanto Lucienne pegava o broche; se ela me aparecer com o vestido azul e o gorro

com folhas vermelhas, com o colar de contas e o cipó com tranças que ela carregava naquele dia; se ela me aparecer assim e disser: ‘Vim buscar o que é meu’, então entenderei que sua conduta é inspirada do Alto e que devo obedecer ao decreto da Providência”. É isso que está escrito em seu livro, Pancaldi, e explica a conduta da senhora que você chama de senhora Hortense. Agindo conforme minhas instruções e de acordo com o que foi pensado por você, ela veio até aqui, do Além, para usar sua própria expressão. Um pouco mais de autocontrole e você sabe que ela teria ganhado o dia. Infelizmente, você é um excelente ator, seu falso suicídio a derrubou, e você entendeu que não se tratava de um decreto da Providência, mas simplesmente de uma ofensiva da parte de sua antiga vítima. Não tive escolha, portanto, a não ser intervir. Aqui estou eu... E agora vamos terminar o negócio. Pancaldi, o brochel!

– Não – replicou o comerciante, que pareceu recuperar toda a sua energia só de pensar em restituir o amuleto.

– E a senhora, senhora Pancaldi.

– Não sei onde está – esquivou-se a esposa.

– Muito bem. Então vamos aos fatos. Senhora Pancaldi, a senhora tem um filho de sete anos que ama de todo o seu coração. Estamos em uma quinta-feira e, como em todas as quintas-feiras, seu filhinho deve voltar para casa sozinho da casa da tia. Dois de meus amigos estão colocados na estrada pela qual ele retorna e, na ausência de instruções em contrário, o raptarão quando o menino passar.

A senhora Pancaldi desesperou-se:

– Meu filho! Oh, por favor, por favor... isso não! Eu juro que não sei de nada. Meu marido jamais consentiria em confiar em mim.

Rénine continuou:

– Próximo ponto. Nesta noite apresentarei uma informação ao

promotor público. Evidência: as confissões no livro de contabilidade. Consequências: ação da polícia, busca no local e o resto.

Pancaldi ficou em silêncio. Os outros tinham a sensação de que todas aquelas ameaças não o afetavam e que, protegido por seu amuleto, o homem acreditava ser invulnerável. Mas sua mulher caiu de joelhos aos pés de Rénine e gaguejou:

– Não, não... Eu lhe suplico! Isso significaria ir para a prisão, e eu não quero isso!... E então, meu filho!... Oh, eu lhe suplico!

Hortense, tomada de compaixão, levou Rénine para um lado:

– Pobre mulher! Deixe-me interceder por ela.

– Fique tranquila – disse ele. – Nada acontecerá com o menino.

– Mas seus dois amigos...

– Puro blefe.

– Sua denúncia ao promotor público.

– Uma mera ameaça.

– Então o que você está tentando fazer?

– Assustá-los, na esperança de fazê-los soltar um comentário, uma palavra, que nos dirá o que queremos saber. Tentamos todos os outros meios. Este é o último; e é um método que, acho eu, quase sempre é bem-sucedido. Lembre-se de nossas aventuras.

– Mas se a palavra que você espera ouvir não for dita?

– Deve ser dita – falou Rénine, em voz baixa. – Temos de terminar o assunto. A hora está chegando.

Seus olhos encontraram os dela; e Hortense corou ao pensar que a hora a que ele aludia era a oitava e que não havia outro objetivo senão o de terminar o assunto antes daquela oitava hora.

– Então vocês veem, por um lado, o que estão arriscando – ele disse ao casal Pancaldi. – O desaparecimento de seu filho... e a prisão: prisão com certeza, já que existe o livro com suas

confissões. E agora, por outro lado, aqui está minha oferta: vinte mil francos se você entregar o broche imediatamente, neste minuto. Lembre-se, ele não vale três luíses²⁵...

Sem resposta. A senhora Pancaldi chorava.

Rénine retomou, fazendo uma pausa entre cada proposta:

– Eu dobro minha oferta... Vou triplicá-la... Pondere, Pancaldi, você não é razoável! Suponho que você queira que eu faça uma soma redonda? Tudo bem: cem mil francos.

Ele estendeu sua mão como se não tivesse dúvidas de que receberia o broche.

A senhora Pancaldi foi a primeira a ceder e o fez com uma súbita explosão de raiva contra o marido:

– Oh, confesse, não consegue? Fale! Onde você o escondeu? Olhe aqui, você não vai ser persistente, certo? Se for, significará a ruína... e pobreza... E pense em nosso menino! Fale alto, fale!

Hortense sussurrou:

– Rénine, isto é loucura; o broche não tem valor...

– Não tema! – respondeu Rénine. – Ele não vai aceitar... Mas olhe para o sujeito... Como está entusiasmado! Exatamente o que eu queria... Ah, isto, você sabe, é realmente emocionante! Como fazer as pessoas perder a cabeça! Para lhes roubar todo o controle sobre o que estão pensando e falando! E, em meio a tanta confusão, na tempestade que os atira de um lado para o outro, avistar a minúscula faísca que aparecerá em algum lugar! Olhe para ele! Observe o sujeito! Cem mil francos por um objeto sem valor... caso contrário, a prisão: isso basta para virar a cabeça de qualquer homem!

Pancaldi, de fato, estava empalidecido, seus lábios tremiam, e um fio de saliva escorria de seus lábios. Era fácil adivinhar o tumulto

que o acometia, abalando seu equilíbrio com emoções conflitantes, a ganância em choque com o medo.

De repente, ele explodiu; e era óbvio que suas palavras estavam jorrando ao acaso, sem que soubesse minimamente o que dizia:

– Cem mil francos! Duzentos mil! Quinhentos! Um milhão! Dou dois figos por seus milhões! Para que servem os milhões? As pessoas os perdem. Porque eles desaparecem... Somem... Só há uma coisa que conta: a sorte. Está do seu lado ou então contra você. E a sorte tem estado a meu lado nestes últimos nove anos. Ela nunca me traiu; e você espera que eu a traia? Por quê? Por medo? Prisão? Meu filho? Ora... nenhum mal me acontecerá enquanto eu forçar a sorte a trabalhar a meu favor. É minha serva, minha amiga. Ela se agarra ao broche. Como? Como posso saber? É a cornalina²⁶, sem dúvida... Há pedras mágicas, que sustentam a felicidade, como outras retêm o fogo, ou o enxofre, ou o ouro...

Rénine manteve os olhos fixos nele, observando a menor palavra, a mais leve modulação de voz. O comerciante de curiosidades agora ria, com um júbilo nervoso, enquanto retomava o autocontrole. Ele caminhou até Rénine com movimentos bruscos que revelavam uma resolução crescente.

– Milhões? – repetiu. – Meu caro senhor, eu não os teria como um presente. O pouco de pedra que possuo vale muito mais do que isso. E a prova está em todo o trabalho que o senhor está tendo para tirá-la de mim. Ahá! Meses dedicados a procurá-la, como você mesmo confessou! Meses em que você virou tudo de pernas para o ar, enquanto eu, que não suspeitava de nada, nem mesmo me defendi! Por que eu deveria? A pequena coisa se protegeu sozinha... Não queria ser descoberta e não foi... Ela gosta de estar aqui... Preside um negócio bom e honesto que a satisfaz... A sorte

de Pancaldi! É conhecida por toda a vizinhança, entre todos os comerciantes! Eu proclamo do telhado desta casa: “Eu sou um homem de sorte!”. Eu até me atrevi a tomar o deus da sorte, Mercúrio, como meu patrono! Ele também me protege. Veja, eu tenho Mercúrio por toda a minha loja! Olhe lá em cima, naquela prateleira, uma fileira inteira de estatuetas, como a da porta da frente, provas assinadas por um grande escultor que foi à falência e as vendeu para mim... Você gostaria de uma, meu caro senhor? Isso também lhe trará sorte. Faça a sua escolha! Um presente de Pancaldi, para compensá-lo por sua derrota! Isso lhe serviria?

Ele colocou um banco contra a parede, debaixo da prateleira, pegou uma estatueta e a jogou nos braços de Rénine. E, rindo abertamente, cada vez mais animado à medida que seu inimigo parecia ceder terreno e retroceder ante seu ataque espirituoso, acrescentou:

– Muito bem feito! Ele aceita! E este fato mostra que estamos todos de acordo! Senhora Pancaldi, não se angustie. Seu filho está voltando, e ninguém irá para a prisão! Adeus, senhora Hortense! Bom dia, senhor! Espero vê-lo novamente! Se quiser falar comigo a qualquer momento, basta dar três saltos no teto. Adeus... não esqueça seu presente... e que Mercúrio seja gentil com vocês! Adeus, meu caro príncipe! Adeus, senhora Hortense!

Ele os apressou para a escadaria de ferro, agarrou cada um pelo braço de uma só vez e os empurrou para a pequena porta escondida no topo da escada.

E o estranho foi que Rénine não fez nenhum protesto. Nem tentou resistir. Deixou-se conduzir como uma criança malcriada que é levada para a cama.

Menos de cinco minutos haviam transcorrido entre o momento em

que Rénine fez sua oferta a Pancaldi e aquele em que o homem os expulsou da loja com uma estatueta nos braços.

O refeitório e a sala de visitas do apartamento que Rénine ocupava no primeiro andar davam para a rua. A mesa da sala de jantar estava posta para dois.

– Perdoe-me, sim? – disse Rénine, ao abrir a porta do apartamento para Hortense. – Pensei que, independentemente dos acontecimentos, era provável que eu a visse esta noite e poderíamos muito bem jantar juntos. Não me recuse esta gentileza, que será o último favor concedido em nossa derradeira aventura.

Hortense não fez objeção. A maneira como a batalha havia terminado era tão diferente de tudo o que experimentara até então que se sentia desconcertada. Em todo caso, por que deveria recusar, se os termos do contrato não haviam sido cumpridos?

Rénine deixou a sala para dar uma ordem a seu criado. Dois minutos depois, voltou para ela. Tinham se passado então pouco mais de sete minutos.

Havia pétalas de flores sobre a mesa, e a estátua de Mercúrio, presente de Pancaldi, estava sobre elas.

– Que o deus da sorte presida nosso banquete – disse Rénine.

Estava muito animado e expressava seu grande prazer em tê-la sentada diante de si.

– Sim – exclamou ele –, tive de recorrer a meios poderosos e atraí-la com a isca dos empreendimentos mais fantásticos. Você deve confessar que minha carta foi alegremente inteligente! Os três cipós, o vestido azul; simplesmente irresistível! E, quando joguei alguns enigmas de minha própria invenção, como as setenta e cinco contas do colar e a velha mulher com o rosário de prata, eu sabia que você estaria fadada a sucumbir à tentação. Não fique brava

comigo. Eu precisava vê-la, e queria que fosse hoje. Você veio, e eu agradeço.

Em seguida, ele lhe contou como havia descoberto a pista do broche roubado.

– Quando você estipulou aquela condição, esperava que eu não fosse capaz de cumpri-la, não é mesmo? Pois cometeu um erro, minha querida. O teste, pelo menos no início, foi suficientemente fácil, pois se baseou em um fato indubitável: o caráter de talismã atribuído ao broche. Eu só precisei investigar para saber se, entre aqueles ao seu redor, entre seus servos, havia alguma pessoa que teria sentido atração por aquele objeto. Bem, analisando a lista que eu consegui elaborar, notei imediatamente a senhorita Lucienne, vinda da Córsega. Este foi meu ponto de partida. O resto foi uma mera concatenação de eventos.

Hortense olhou para ele com espanto. Como aceitava sua derrota com um ar tão descuidado e até falando em tom de triunfo, quando na verdade havia sido sonoramente vencido por Pancaldi e até mesmo havia feito papel de ridículo? Ela não pôde deixar de transparecer sua decepção. O modo como falou traiu seu sentimento de humilhação:

– Tudo é um alinhamento de eventos, muito bem. Mas a corrente está quebrada, porque tudo foi revelado e, embora você conheça o ladrão, não conseguiu colocar as mãos no broche roubado.

A reprovação era óbvia. Rénine não a havia acostumado ao fracasso. Além disso, estava irritada em ver como ele aceitava um golpe que, afinal de contas, implicava ruína de qualquer esperança que ele pudesse ter cultivado...

Ele não replicou. Tinha enchido as duas taças com champanhe e estava lentamente esvaziando a sua, com os olhos fixos na

estatueta de Mercúrio. Girou-a em seu pedestal e a examinou com o olhar de um conhecedor encantado:

– Que coisa bela é uma linha harmoniosa! A cor não me enleva tanto quanto o contorno, a proporção, a simetria e todas as maravilhosas propriedades da forma. Veja esta pequena estátua. Pancaldi tem razão: é o trabalho de um grande artista. As pernas são esbeltas e musculosas; a figura inteira dá uma impressão de fluatuabilidade e velocidade. Está muito bem feita. Há apenas uma falha, uma muito leve: talvez você não tenha notado.

– Sim, eu percebi – disse Hortense. – Impressionou-me no instante em que vi o letreiro, lá fora. Você se refere a uma certa falta de equilíbrio? O deus está se inclinando muito sobre a perna que o carrega. Parece que vai se arremessar para a frente e cair.

– Isso é muito inteligente de sua parte – disse Rénine. – A falha é quase imperceptível, e é preciso um olho treinado para vê-la. Realmente, porém, como uma questão de lógica, o peso do corpo deveria ter seu caminho e, de acordo com as leis naturais, o pequeno deus estaria prestes a cair de cabeça.

Depois de uma pausa, ele continuou:

– Notei essa falha no primeiro dia. Como não tirei uma conclusão de uma vez? Fiquei chocado porque o artista havia pecado contra uma lei estética, enquanto eu deveria ter ficado escandalizado porque negligenciara uma lei física. Como se a arte e a natureza não estivessem misturadas! E como se as leis da gravidade pudessem ser perturbadas sem alguma razão fundamental!

– O que você quer dizer? – perguntou Hortense, intrigada com aquelas reflexões, que pareciam tão distantes de seus pensamentos secretos. – O que você quer dizer?

– Oh, nada! – disse ele. – Só me surpreende que eu não tenha

compreendido mais cedo por que Mercúrio não caiu para a frente, como ele deveria ter feito.

– E qual é a razão?

– Qual o motivo? Imagino que Pancaldi, ao puxar a estatueta prestes a fazê-la servir a seu propósito, deva ter perturbado seu equilíbrio. Mas este equilíbrio foi restaurado por algo que retém o pequeno deus e que compensa sua postura realmente perigosa demais.

– Alguma coisa, você diz?

– Sim, um contrapeso.

Hortense fez menção de falar. Também estava começando a ver um pouco de luz. Murmurou:

– Um contrapeso? Você está pensando que poderia estar... no pedestal?

– Por que não?

– Isso é possível? Mas, se sim, como Pancaldi lhe deu essa estatueta?

– Ele nunca me deu *esta* – corrigiu Rénine. – Eu mesmo a peguei.

– Mas onde? E quando?

– Agora mesmo, enquanto você estava na sala de visitas. Saí por aquela janela, que fica logo acima do letreiro da loja e do nicho que contém o pequeno deus. E troquei as duas, ou seja, peguei a estátua que estava lá fora e coloquei no lugar dela a que Pancaldi me deu.

– Mas aquela não se inclina para a frente?

– Não, não mais do que as outras o fazem, na prateleira de sua loja. Mas Pancaldi não é um artista. A falta de equilíbrio não o impressiona; ele não verá nada de errado; e continuará a se pensar favorecido pela sorte, que é outra maneira de dizer que a sorte

continuará a favorecê-lo. Enquanto isso, aqui está a estatueta, aquela usada no letreiro. Devo quebrar o pedestal e tirar seu broche da bainha de chumbo, soldado na parte de trás do pedestal, o que mantém Mercúrio estável?

– Não, não, não há necessidade disso – Hortense murmurou apressadamente.

A intuição de Rénine, sua sutileza, a habilidade com que havia gerenciado todo o caso: para ela, no momento, todas aquelas coisas permaneciam em segundo plano. Porque de súbito lembrou-se de que a oitava aventura estava concluída, e que ele havia superado todos os obstáculos. O teste tinha sido bem-sucedido, e o limite extremo de tempo fixado para a última das aventuras ainda não fora atingido.

Rénine teve a crueldade de chamar a atenção dela para o fato:

– Quinze minutos para as oito – murmurou.

Um silêncio opressivo caiu entre os dois. Ambos sentiram o desconforto a tal ponto que hesitaram em fazer o menor movimento. A fim de quebrá-lo, ele se empenhou:

– Aquele digno senhor Pancaldi, como foi bom de sua parte contar-me o que eu desejava descobrir! Eu sabia, entretanto, que ao exasperá-lo acabaria por obter a pista que faltava. Era como se você tivesse de entregar uma pedra e um aço a alguém e sugerir que os usasse. No final, a centelha seria obtida. No meu caso, o que produziu a centelha foi a comparação inconsciente, mas inevitável, que ele fez entre o broche de cornalina, o elemento da sorte e Mercúrio, o deus da sorte. Isso foi o suficiente. Entendi que essa associação de ideias surgiu do fato de ele ter realmente ligado os dois fatores da sorte ao incorporar um no outro, ou, para falar mais claramente, ao esconder o broche na estatueta. E imediatamente

me lembrei do Mercúrio do lado de fora da porta e de sua postura defeituosa...

Rénine interrompeu-se de súbito. Pareceu-lhe que todos os seus comentários estavam caindo em ouvidos surdos. Hortense havia colocado a mão na testa e assim, tapando os olhos, permanecia sentada, imóvel e distante.

Ela realmente não estava ouvindo. O fim daquela aventura em particular e a maneira como o príncipe agira na ocasião não mais lhe interessavam. O que pensava era na complexa série de aventuras em meio às quais ela andava vivendo nos últimos três meses e o comportamento maravilhoso do homem que lhe havia oferecido sua devoção.

Via, como em um quadro mágico, os feitos fabulosos realizados por Rénine, todo o bem que fizera, as vidas salvas, as tristezas aliviadas, a ordem restaurada onde sua vontade magistral tinha sido levada a cabo. Nada era impossível para ele. O que se comprometeu a fazer, fez. Todos os objetivos a que se propôs foram alcançados com antecedência. E tudo sem esforço excessivo, com a calma de quem conhece a própria força e sabe que nada pode resistir a ela.

Então, o que poderia fazer contra aquele homem? Por que deveria se defender, e como? Se ele exigisse que cedesse, não saberia como obrigá-la? Esta última aventura seria mais difícil para ele do que as outras?

Supondo que decidisse fugir: o mundo inteiro abrigava um retiro no qual estaria a salvo de sua perseguição? Desde o momento de seu primeiro encontro, o fim era certo, já que Rénine havia decretado que assim devia ser.

No entanto, Hortense ainda se lançou em busca de armas, de

algun tipo de proteção; e disse a si mesma que, embora ele tivesse cumprido as oito condições e restaurado o broche de cornalina antes da oitava hora, estava protegida pelo fato de que essa oitava hora deveria soar no relógio do Château de Halingre, e não em outro qualquer. Era um pacto formal. Rénine tinha dito naquele dia, olhando os lábios que ansiava por beijar: "... no exato momento em que soar a oitava badalada daquele relógio, e ela soará, você pode ter certeza disso, pois o velho pêndulo de latão não vai parar de balançar novamente, você se comprometerá a me conceder...".

Ela olhou para cima. Rénine também não estava se movendo, mas permanecia sentado solenemente, esperando com paciência.

Hortense estava prestes a falar, até mesmo preparando suas palavras: "Sabe, nosso acordo diz que deve ser o relógio Halingre. Todas as outras condições foram cumpridas... mas não este detalhe, precisamente. Então eu estou livre, não estou? Tenho o direito de não cumprir minha promessa, que, aliás, nunca fiz, mas que, de qualquer forma, cai por terra? Sou perfeitamente livre... liberada de qualquer escrúpulo de consciência?".

Mas não teve tempo de falar. Naquele exato momento, houve um clique atrás dela, como o de um relógio prestes a bater. Soou uma primeira badalada, depois uma segunda, depois a terceira.

Hortense soltou um lamento. Havia reconhecido o som do relógio antigo, o relógio Halingre, que havia três meses, ao quebrar de forma sobrenatural o silêncio de um castelo deserto, colocara ambos no caminho das oito aventuras.

Ela contou as badaladas. Oito.

– Ah! – murmurou, zozza, quase desmaiando e escondendo o rosto em suas mãos. – O relógio... o relógio está aqui... o de lá... Eu reconheço o som...

Não disse mais nada. Sentia que Rénine tinha os olhos fixos nela, e isso lhe minava todas as energias. Além do mais, se tivesse sido capaz de as recuperar, não estaria melhor nem procuraria oferecer a menor objeção, pelo motivo de não querer mais resistir.

Todas as aventuras tinham terminado, mas uma ficou por empreender, cuja antecipação apagava a memória de todas as demais. Era a aventura do amor, a mais encantadora, a mais desconcertante, a mais adorável de todas. Hortense aceitou o decreto do destino, alegrando-se aos poucos com tudo o que pudesse vir, porque estava apaixonada. Sorriu a despeito de si mesma, pois refletia que a felicidade estava para entrar novamente em sua vida no exato momento em que seu bem amado lhe trazia o broche de cornalina.

O relógio marcou a hora pela segunda vez.

Hortense levantou seus olhos para Rénine. Lutou por mais alguns breves segundos. Mas era como uma ave encantada, incapaz de qualquer movimento de rebeldia. E, diante da oitava badalada do relógio, ela caiu sobre seu peito e lhe ofereceu seus lábios...

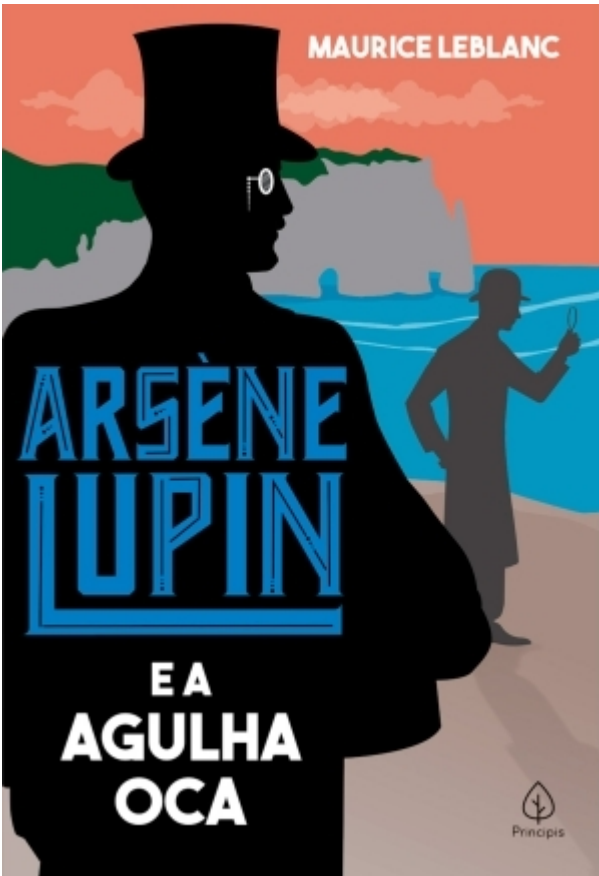
²² O caduceu, ou emblema de [Hermes](#) (deus [Mercúrio](#)), é um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes e cuja parte superior é adornada com asas. (N.T.)

²³ O astrolábio é um instrumento naval antigo, usado para medir a altura dos astros, do sol e das estrelas. Também era utilizado para resolver problemas [geométricos](#), como calcular a altura de um [edifício](#) ou a profundidade de um [poço](#). (N.T.)

²⁴ A Córsega é a quarta maior [ilha](#) do [Mar Mediterrâneo](#) em extensão (depois da [Sicília](#), da [Sardenha](#) e de [Chipre](#)) e a maior ilha da França. (N.T.)

²⁵ Luís era a denominação comum da moeda de ouro francesa cunhada de 1640 a 1792. Mais tarde, a moeda de vinte francos foi chamada de “louis” ou “napoleon”. Os luíses têm o nome de Luís XIII (1601-1643), rei de França e Navarra, que cunhou a moeda pela primeira vez. No contexto do livro, os três luíses mencionados equivalem a sessenta francos. (N.T.)

²⁶ Acredita-se que a pedra cornalina seja um cristal que equilibra determinadas energias responsáveis pela prosperidade em todos os setores da vida, manutenção e recuperação da saúde. Suas cores mais comuns vão do alaranjado ao vermelho intenso. (N.T.)



Arsène Lupin e a Agulha Oca

Leblanc, Maurice

9786555525311

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um incrível roubo em um castelo no interior da França desencadeia uma perseguição aos ladrões. Logo descobre-se que Arsène Lupin é o líder da quadrilha. Quem comanda a investigação é Isidore Beautrelet, um jovem estudante de retórica e um brilhante detetive amador, tão inteligente e sagaz quanto Lupin e, por isso, um opositor a temer. Mas o jovem nem desconfia que, ao desbaratara quadrilha, não vencerá Lupin. Na realidade, estará apenas dando os primeiros passos para desvendar o mistério da Agulha Oca, conhecido apenas pelo cavalheiro-ladrão.

[Compre agora e leia](#)



Arsene Lupin, o ladrão de casaca

Leblanc, Maurice

9786555522952

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Arsene Lupin, que conseguiu ser mais famoso que seu criador, nasceu por encomenda do editor Pierre Lafitte ao escritor Maurice Leblanc. Este livro reúne as nove histórias A prisão de Arsene Lupin, Arsne Lupin na prisão, A fuga de Arsene Lupin, O viajante misterioso, O 'Colar da Rainha', O sete de copas, O cofre de Madame Imbert, A pérola negra, Herlock Sholmes chega tarde demais inter-relacionadas, tais como foram publicadas na revista do editor Lafitte, Je sais tout. Quando Arsene Lupin é preso ao descer do navio em Nova Iorque, seu biógrafo já o acompanha, pois Watson sempre acompanhará Sherlock Holmes. A diferença é que aqui é o próprio Maurice Leblanc quem se transforma em personagem para contar as aventuras do protagonista de sua invenção.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

MEMÓRIAS
DE
SHERLOCK
HOLMES



Principis

Memórias de Sherlock Holmes

Doyle, Arthur Conan

9786555523959

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sherlock Holmes é um detetive britânico enigmático e pedante do final do século XIX e início do século XX. Ele utiliza a metodologia científica e a lógica dedutiva para solucionar seus casos e conta com a ajuda de seu fiel amigo e parceiro dr. Watson. Memórias de Sherlock Holmes é o último livro em que o doutor Watson narra os misteriosos casos solucionados pelo famoso detetive. O livro conta com onze histórias envolventes e enigmáticas em que vemos Holmes e Watson em ação.

[Compre agora e leia](#)



Dorothy e o mágico de Oz

Baum, L. Frank

9786555525182

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quarto livro da série Oz, de L. Frank Baum, um terremoto na Califórnia faz com que Dorothy Gale, seu primo Zeb, o cavalo Jim, e Eureka, a gatinha travessa, caiam por uma fenda aberta no chão até o centro da Terra. Lá, ela encontra seu velho amigo, o Mágico de Oz, e sua trupe de nove pequenos leitões. Juntos, Dorothy, o Mágico e seus companheiros viajam por muitas terras fantásticas, onde encontram os mangaboos, cruzam o vale de Voe e são capturados por misteriosas gárgulas voadoras. Será que eles conseguirão chegar a Oz para rever os amigos Espantalho e o Homem de Lata? Será que conseguirão voltar para a Cidade das Esmeraldas?

[Compre agora e leia](#)

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EMILY BRONTË



O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

9786555520415

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica história de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relacionamento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

[Compre agora e leia](#)